



Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
Mestrado Profissional

REGINALDO DIÓGENES DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE VÍDEO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE
AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão Final de Curso: Dissertação

Porto Velho
2016



Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
Mestrado Profissional

REGINALDO DIÓGENES DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE VÍDEO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE
AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão Final de Curso: Dissertação

Porto Velho
2016

REGINALDO DIÓGENES DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE VÍDEO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE
AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA

Trabalho Final de Conclusão de Curso -
Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação Escolar - Mestrado Profissional
da Universidade Federal de Rondônia,
como requisito final para a obtenção do
título de Mestre em Educação Escolar,
sob orientação da Professora Dra.
Aparecida Augusta da Silva.

Porto Velho
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA DO IFRO/CAMPUS JI-PARANÁ

FRANÇA, Reginaldo Diógenes de.

A produção de vídeo documentário em sala de aula: uma proposta de pesquisa-ação no processo de ensino-aprendizagem em geografia / Reginaldo Diógenes de França, 2016.
147 folhas.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Augusta da Silva.

Dissertação: (Mestrado Profissional em Educação Escolar) –
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho,
2016.

1. Pesquisa-Ação. 2. Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC.
3. Ensino de Geografia. I. Fundação Universidade Federal de
Rondônia - UNIR. II. Título.

CDD 371.334

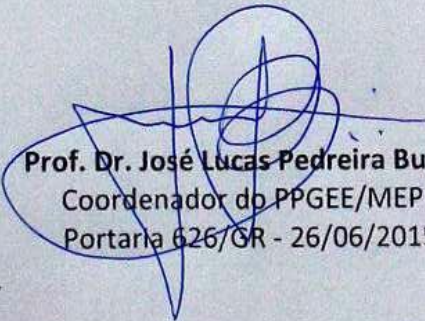
Bibliotecária: Cleuza Diogo Antunes CRB 11/864

REGINALDO DIÓGENES DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE VIDEO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

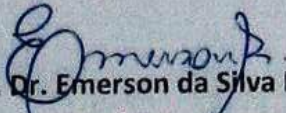
Este Trabalho de Conclusão Final de Curso (Dissertação) foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de **Mestre em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - Mestrado Profissional** - da Universidade Federal de Rondônia.

Ji-Paraná, 04 de fevereiro de 2016.

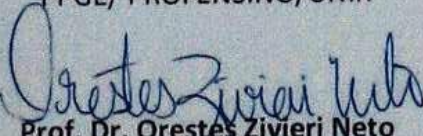


Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno
Coordenador do PPGEE/MEPE
Portaria 626/GR - 26/06/2015

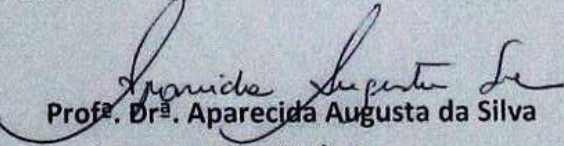
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Emerson da Silva Ribeiro
Membro Externo
PPGE/ PROFENSINO/UNIR



Prof. Dr. Orestes Zivieri Neto
Membro Interno
PPGEE/MEPE/UNIR



Prof. Dr.ª Aparecida Augusta da Silva
Orientadora
PPGEE/MEPE/UNIR

Prof. Dr. Clarides Henrich de Barba
Membro Suplente
PPGEE/MEPE/UNIR



Dedicatória

À minha mãe, Maria Diógenes de França.

Agradecimento

À Deus, o refúgio mais seguro e a quem devemos atribuir todas as nossas glórias.

À minha mãe, senhora de grandes conhecimentos, mesmo sem ter frequentado uma sala de aula me orientou no caminho do conhecimento. Mãe e proteção seriam as duas palavras que poderiam sintetizá-la. A palavra mãe pela forma como se posicionou na vida de maneira a cumprir o papel de dar amor e carinho e o de educar pela autoridade e exemplo. A palavra proteção quando fez tudo o que pode e o que não pode para dar condições básicas de sobrevivência, e criar as condições mínimas para proporcionar os estudos meus e de meus irmãos para que hoje eu pudesse chegar até esta etapa de minha vida.

À Professora Dra. Aparecida Augusta da Silva pelas orientações e desprendimentos valiosos nesta investigação.

Ao Profº Drº Emerson da Silva Ribeiro pelas relevantes contribuições nesta dissertação.

Ao profº Clarides Henrich de Barba pelas relevantes contribuições nesta dissertação e apontamentos para a melhoria desta pesquisa.

Aos professores coordenadores do curso, Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno e Profª Drª Juracy Machado Pacífico, pelo comportamento visionário na proposição deste programa de mestrado, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

A todos os professores do curso, principalmente os que foram decisivos na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia:

Profª Drª Carmen Tereza Velanga;
Prof. Dr. Clarides Henrich de Barba;
Profª Drª Elizabeth Antonia Leonel de Moraes Martines;
Prof. Dr. João Guilherme Rodrigues Mendonça;
Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria;
Prof. Dr. José Vaidergorn;
Prof. Dr. Nelson de Luca Pretto;
Profª Drª Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

***O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios
oprimidos.
Simone de Beauvoir.***

FRANÇA, Reginaldo Diógenes. **A PRODUÇÃO DE VÍDEO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA.** Porto Velho/RO. 2016. 145 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - UNIR, Porto Velho, 2016.

RESUMO

Dado o contexto tecnológico da sociedade nesta contemporaneidade e o caráter visual demandado pelo ensino de Geografia, esta pesquisa investigou o uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no ensino de Geografia, por meio de uma intervenção no processo de ensino-aprendizagem, na 3ª etapa do ano letivo de 2014, na turma do 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO. Para isso elencou-se as categorias de análise Motivação, Aprendizagem e Interdisciplinaridade em Geografia, à luz das concepções teórico-metodológicas da pesquisa-ação educacional com enfoque qualitativo. A coleta de dados se deu através de questionários abertos e fechados e da observação participante. A interpretação dos dados foi realizada com base nas respostas objetivas e subjetivas dos questionários realizados pelos alunos, nas reflexões realizadas durante a observação participante e no referencial teórico desta pesquisa. Quanto à fundamentação teórica, para se discutir a pesquisa-ação, tomou-se como base estudos de Franco (2005) e Tripp (2005); para o ensino em Geografia, recorreu-se a Fazenda (1989), Castrogiovanni (2007), Kearcher (2005), Pinheiro (2006), Santos (1980), Barretto (2005), Menezes e Araújo (2014) Ferreira e Alves (2009); e para o uso das TIC na educação, fundamentou-se em Bévort e Belloni (2009), Valência (2012), Moran (1999), Costa e Santana (2009), Fortuna *et al* (2014), Hampe (2014), Ribeiro (2011) e Puccini (2009). Ao final, a pesquisa apontou para uma considerável melhoria na motivação, na aprendizagem e proporcionou a prática da interdisciplinaridade no ensino de Geografia. Dessa forma entende-se que o uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica, pode se tornar um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem influenciando o desenvolvimento de uma educação mais eficiente na construção de conhecimentos mais duradouros e significativos para o educando.

Palavras-chave: Pesquisa-Ação; Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC; Ensino de Geografia.

FRANÇA, Reginaldo Diógenes. **The documentary-video production in classroom: a purpose of an action research approach in the Geography teaching-learning process.** Porto Velho/RO. 2016. 145 p. Dissertatiom (Professional Master of Education School) - Graduate Program in Education School - UNIR, Porto Velho, 2016.

ABSTRACT

According the technological context of the society in this contemporary world and the visual feature due to the demand of Geography teaching, this research aimed to investigate the use of a documentary-video production as a pedagogical strategy in the Geography discipline, through an intervention in the teaching-learning process, in the third bimester, of a first- year Geography class, in 2014, in a Computer Technical Course at Federal Institute of Education, Science and Technology of Rondônia, in the city of Ji-Paraná-RO. For this, analysis categories were listed: motivation, learning and interdisciplinarity in Geography Discipline based on the theoretical and methodological conceptions of educational action research, with qualitative focus. Data collection was conducted through open and closed questionnaires and participant observation. Data analyses was done based on objective and subjective questionnaire answers done by the students about the reflections promoted during the participant observation and in accordance with the literature review. In relation to the theoretical foundations, aiming to discuss the action-research, the study was based on Franco (2005) and Tripp (2005); for Geography teaching, Fazenda (1989), Castrogiovanni (2007), Kearcher (2005), Pinheiro (2006), Santos (1980), Barretto (2005), Menezes and Araújo (2014), Ferreira and Alves (2009); and for the use of ICT tools in education, we studied Bévort e Belloni (2009), Valência (2012), Moran (1999), Costa and Santana (2009), Fortuna *et all* (2014), Hampe (2014), Ribeiro (2011) e Puccini (2009). Therefore, the research pointed for a considerable improvement in motivation and in learning and it offered an interdisciplinary practice in Geography teaching. So, we understand that the use of a documentary-video as pedagogical strategy and it can be an important alley in the teaching-learning process, influencing the development of an education more efficient on the construction of a more lasting and significant knowledge for students.

Keywords: Action Research; Information and Communication technology - ICT; Geography Teaching.

Lista de Figuras

Figura 1: Aula expositiva e dialogada na 1ª e 2ª etapas de 2014	21
Figura 2: Aula de Sensibilização da turma	81
Figura 3: Entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos	81
Figura 4: Aula expositiva sobre os conceitos gerais de demografia	82
Figura 5: Oficina de edição de vídeo	83
Figura 6: Divisão dos 6 grupos/cenas e escolhas dos integrantes	84
Figura 7: Aulas no laboratório para pesquisar imagens, sons e textos	91
Figura 8: Aula para edição das cenas de cada grupo	94
Figura 9: Monitoramento na edição e renderização do vídeo	95
Figura 10: Dia da apresentação do vídeo documentário	96
Figura 11: Imagens da cena 1	97
Figura 12: Imagens da cena 2	97
Figura 13: Imagens da cena 3	98
Figura 14: Imagens da cena 4	98
Figura 15: Imagens da cena 5	99
Figura 16: Imagens da cena 6	99

Lista de Quadros

Quadro 1: Competências e habilidades para a Geografia no Ensino Médio	37
Quadro 2: Eixos e recomendações para estruturação da mídia-educação	58
Quadro 3 : Exemplo de roteiro técnico	70
Quadro 4: Exemplo de decupagem	71
Quadro 5: Exemplo de plano e contra-plano	72
Quadro 6: Exemplos de plano	72
Quadro 7: Plano de intervenção	77
Quadro 8: Cronograma da intervenção	78
Quadro 9: 1º Encontro - 17/10/2014	80
Quadro 10: 2º Encontro - 20/10/2014	82
Quadro 11: 3º Encontro - 27/10/2014	83
Quadro 12: 4º Encontro - 29/10/2014	84
Quadro 13: Roteiro técnico e decupagem do vídeo documentário	85
Quadro 14: 1º e 2º Encontro	91
Quadro 15: 3º Encontro – 14/11/2014	92
Quadro 16: 1º e 2º Encontro - 17/11/2014 e 21/11/2014	93
Quadro 17: 3º Encontro – 24/11/2014	94
Quadro 18: Atividades extras encontro – 25/11/2014 a 02/12/2014	95

Lista de Abreviações e Siglas

CAE – Coordenação de Apoio ao Ensino
CAED - Coordenadoria de Assistência ao Educando
CEUC - Centro de Ensino Unificado de Cuiabá
CRA - Coordenadoria de Registro Acadêmico
CTRL – Control
DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
DE – Diretoria de Ensino
DEPPIG - Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
DVD - Digital Versatile Disc
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
IFRO - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
MP3 - Moving Picture Experts Group 1 (MPEG) Audio Layer 3
MPOG – Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
MT – Mato Grosso
NAPNE - Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PPC – Projeto Pedagógico de Curso
QI - Quociente de Inteligência
RO – Rondônia
SEBMEB - Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação do Brasil
STI - Setor de Tecnologia da Informação
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE- Termos de Conhecimento Livre e Esclarecido
TV – Televisão
UFC - Ultimate Fighting Championship
UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso
VT - Videotape ou Videoteipe

Sumário

Lista de Figuras	12
Lista de Quadros	13
Lista de Abreviações e Siglas	14
1- INTRODUÇÃO	15
2 A INVESTIGAÇÃO E A PESQUISA-AÇÃO	18
2.1 O Encontro com o Tema da Pesquisa	18
2.2 Abordagem Metodológica da Pesquisa	22
2.3 Caracterizando o Universo da Pesquisa	25
2.4 Caracterizando os Participantes da Pesquisa	30
2.5 Estratégia de Coleta e Procedimento de Interpretação de Dados	32
3 DISCUTINDO A GEOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	35
3.1 Os Conhecimentos necessários na disciplina de Geografia	36
3.2 A Prática do Ensino da Geografia	38
3.3 A Interdisciplinaridade e o Ensino da Geografia	42
3.4 O Currículo e a Identidade/Territorialidade Rondoniense	46
4 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO	53
4.1 Um Breve Histórico da Mídia-Educação	53
4.2 O Uso da Produção de Vídeo Documentário na Sala de Aula	62
4.3 Conhecendo Alguns Conceitos e Técnicas na Produção Audiovisual	68
5 A INTERVENÇÃO E PESQUISA EM AÇÃO	77
5.1 Preparação para a Intervenção	77
5.2 A Pré- Intervenção	80
5.3 A Intervenção	85
5.4 A Pós-Intervenção	92
5.5 Avaliando a Intervenção: Criando Subsídios para o Caráter Cíclico da Metodologia da Pesquisa-Ação	99
6. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	103
6.1 Motivação	104
6.2 Aprendizagem em Geografia	113
6.3 Interdisciplinaridade em Geografia	119
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	126
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICES	132
ANEXOS	143

1- INTRODUÇÃO

Vivemos um mundo cada vez mais inteirado com as novas tecnologias. Isto graças à acessibilidade, inclusive por parte de parcela da população considerada classe baixa e média baixa. É um mundo onde as pessoas se relacionam com maior habilidade e intensidade na produção espontânea de registros por meio de sons, imagens, movimentos e textos no seu cotidiano para serem disponibilizados na internet.

Este cenário se configura devido ao aumento dos dispositivos de câmaras fotográficas e filmadoras com grandes resoluções acopladas nos aparelhos celulares e ao aumento da interatividade nas redes sociais e outros links disponíveis na internet tornando o sistema de divulgação de ideias, informações e interatividades mais democrática e acessível a todos.

Isto tudo tem promovido influências no ambiente escolar e tem possibilitado reflexões e novos posicionamentos quanto às relações professor-aluno e no processo de ensino-aprendizagem, pois esta realidade proporciona um comportamento digital, detentor de hábitos e costumes virtuais, além de contribuir para as facilidades dos alunos em lidarem com as ferramentas das multimídias.

Esta situação vem gerando inclusive conflitos no ambiente escolar. É só percebermos que, apesar de regulamentos internos (códigos disciplinares discentes) e até leis estaduais (Lei 12.730, de 11/10/2007, do Estado de São Paulo e Lei nº 1989, de 26/11/2008, de Rondônia) proibirem o uso de telefones celulares nos estabelecimentos de ensino, a paisagem escolar caracteriza-se atualmente pela presença cada vez maior de diversos instrumentos de interatividade como jogos eletrônicos, MP3, celulares de última geração com os mais diversos tipos de aplicativos, câmaras embutidas e conexões com a internet.

Paralelo a tudo isso, a Geografia é a ciência que estuda o Espaço Geográfico e seus conceitos de lugar, paisagem, território, escalas e redes sob as dimensões econômicas, políticas, socioambientais e cultural-demográficas. Desta maneira, tornam-se indispensáveis a utilização dos recursos de imagens, sons, movimentos e textos como forma de ilustrar o objeto de estudo da Geografia.

Percebe-se assim a estruturação de um ambiente favorável para a produção de vídeo documentário no ambiente escolar como ferramenta didática para o ensino de Geografia. No entanto, pergunta-se: **Como se dá a Motivação, a Interdisciplinaridade e a Aprendizagem em Geografia com uso da produção de vídeo documentário no processo de ensino-aprendizagem no 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO Campus Ji-Paraná-RO?**

Portanto, o objetivo geral deste estudo foi investigar o uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no ensino de Geografia, através de uma intervenção no processo de ensino-aprendizagem na 3ª etapa do ano letivo de 2014, na turma do 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO.

Os objetivos específicos da investigação foram:

Compreender a motivação dos alunos do 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO Campus Ji-Paraná-RO com o uso das TIC na produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem em Geografia;

Analisar a aprendizagem dos alunos do 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO Campus Ji-Paraná-RO com o uso das TIC na produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem em Geografia;

Refletir sobre a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em Geografia no 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO Campus Ji-Paraná-RO com o uso das TIC na produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica.

A relevância desta pesquisa reside no fato do novo contexto que vem se configurando atualmente com os avanços tecnológicos e a ampliação de acesso aos mais variados tipos de tecnologias ligados à comunicação e à informação e suas implicações de ordem comportamental na sociedade contemporânea.

A importância do acesso à informação na atualidade é fundamental. As evoluções tecnológicas não devem ser ignoradas pelo sistema educacional e nem pelos educadores, pois as mesmas podem ser utilizadas a favor da

educação de modo a facilitar a atividade docente no ambiente escolar como um todo.

Sendo este trabalho voltado para as aulas de Geografia e esta com todas as demandas de uma aula mais visual e interativa, verifica-se a necessidade da proposta desta pesquisa, pois a mesma buscou analisar a utilização da produção de vídeo documentário no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, que por sua vez colocou no centro da discussão uma estratégia pedagógica que pode contribuir para a dinamização nas relações do processo educacional na disciplina de Geografia e quem sabe podendo se estender a outras disciplinas da grade curricular dos cursos oferecidos pelo Campus do IFRO-Ji-Paraná/RO.

A presente dissertação está assim estruturada:

Nesta introdução desenvolveu-se a problematização, contextualizando, a partir da demonstração da realidade vivida no universo social e escolar com a intensificação do uso das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, bem como evidenciando a necessidade do uso de recursos audiovisuais no ensino de Geografia, onde eclodiu na pergunta da investigação. Baseado na pergunta da investigação, ainda neste capítulo, definiu-se o objetivo geral e os específicos, de maneira a conduzir a pesquisa a chegar às conclusões e/ou resultados esperados para este estudo. Por fim, ainda nesta parte do trabalho, procurou-se justificar a relevância do tema da investigação defendendo a necessidade do uso de práticas de ensino mais visual, interativa e participativa.

Na segunda seção demonstrou-se o despertar para o tema desta pesquisa, a caracterização do campo da pesquisa e os procedimentos metodológicos da investigação.

Na terceira e na quarta seção foram feitas as revisões das literaturas indispensáveis para o embasamento teórico na realização da pesquisa;

Na quinta seção foi descrito a intervenção no processo de ensino-aprendizagem.

Na sexta seção foi realizada as interpretações das categorias de análises desta investigação.

Na sétima seção foram feitas as considerações/conclusões finais da pesquisa, bem como algumas recomendações.

2 A INVESTIGAÇÃO E A PESQUISA-AÇÃO

2.1 O Encontro com o Tema da Pesquisa

A minha formação acadêmica é em Licenciatura Plena em Geografia. Sou formado pela UFMT-Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá-MT, e minha formatura se deu no ano de 1997/2. Durante meu processo de graduação iniciei minha primeira experiência como docente, onde já no terceiro semestre do curso fui convidado a lecionar Geografia para o Ensino Fundamental e Ensino Médio de uma escola particular no município de Cuiabá-MT. Minhas referências na área da docência eram as obtidas de forma empírica na observação de meus professores da época do meu 2º grau (atual Ensino Médio) e cursinho pré-vestibular, pois até então meu curso de formação não havia me preparado para o exercício pleno do magistério.

Para superar a falta de domínio de conteúdo, passei a estudar exaustivamente os manuais didáticos (livros didáticos, apostilas, paradidáticos etc), e para atender ao aspecto da prática e da didática, passei a me comportar como os meus professores das aulas de cursinho, ou seja, professor apresentador de conteúdos, que, diga-se de passagem, conseguia fazer isso de maneira relativamente bem. Aulas expositivas eram minha metodologia de ensino.

Ao concluir a graduação retornei ao meu município de origem, Pimenta Bueno-RO, onde continuei a lecionar Geografia nas escolas particulares da cidade e dos municípios vizinhos. Sempre com a mesma metodologia, onde eu era o centro das atenções.

Apesar de me sentir confortável com a situação e desfrutar de reconhecimento pela minha desenvoltura nas explanações de sala de aula, sentia necessidade de buscar algo novo na minha prática de ensino. Desta forma, procurei fazer leituras sobre todos os temas ligados à didática e prática de ensino, como dinâmica de grupo em sala, jogos de interatividade, uso de filmes e vídeos documentários, excursão, dramatização, paródia, entre outros. Mesmo assim o que predominava era a aula expositiva.

No início dos anos 2000, realizei duas pós-graduações *latu sensu*, uma em História Regional e outra em Docência do Ensino Superior, além de uma *strictu sensu*, apesar de não concluída (completei todos os créditos faltando defender a dissertação), em Ciência da Educação. Esses dois cursos, ligados

diretamente à prática do ensino, tiveram grandes influências nos meus posicionamentos sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Não apenas uma opinião teórica, mas uma mudança de comportamento na minha prática de ensino.

Passei então a diminuir cada vez mais a minha atuação como professor palestrante. Passei a adotar uma metodologia que pudesse inserir os alunos de maneira mais direta na construção do conhecimento, através de técnicas como estudos dirigidos, debates, seminários, pesquisas bibliográficas.

Senti certas resistências, pois alguns alunos já estavam acostumados com o professor expositor de conteúdos e haviam criado um comodismo esperando as informações chegarem prontas para os mesmos. Outros alunos, que também eram frutos de um sistema de ensino-aprendizagem centrado no professor, acabavam por achar que era preguiça minha ou que eu não sabia do conteúdo.

Apesar da adoção de algumas técnicas que proporcionou a integração dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de maneira mais participativa, eu sentia falta da construção de mecanismos que pudessem auxiliar na ilustração dos conceitos, pois a Geografia é uma disciplina escolar que demanda muito o visual para facilitar sua compreensão. Percebia que eu poderia ir além da utilização de recursos didáticos prontos como vídeos, slides, mapas etc.

Entendia que se os alunos tivessem a oportunidade de produzirem seus próprios recursos ilustrativos e visuais poderia, além de motivá-los, levá-los à aprendizagem dos conceitos em Geografia e à construção de conhecimentos mais significativos para os mesmos. Porém, até então não havia surgido a oportunidade para desenvolver ou utilizar uma técnica capaz de cumprir com essa prática de ensino.

No entanto, três fatores contribuíram para a criação das condições favoráveis para realização de uma prática de ensino que viesse atender minhas expectativas metodológicas na tentativa da construção da aprendizagem participativa e conhecimentos mais significativos pelos meus alunos.

1º) As evoluções das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Atualmente vivemos a sociedade digital. As evoluções alcançadas nos meios de comunicação e informações são muitas. Além da televisão, hoje

temos a internet, os computadores e os aparelhos celulares que têm cada vez mais mudado o comportamento da sociedade quanto aos conceitos de interatividade e informação. Essa realidade tem criado condições que podem facilitar o trabalho do professor com o uso de recurso audiovisual, pois cada vez mais os jovens chegam às escolas dominando equipamentos tecnológicos e linguagens audiovisuais. É o caso dos aparelhos celulares e das crescentes redes sociais e sites, como o youtube, cada vez mais frequentado pelos jovens desta contemporaneidade.

2º) Minhas reflexões teóricas-filosóficas no programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar.

Em 2013 fui aceito como aluno no programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar. Um programa resultante de uma parceria entre a UNIR- Universidade Federal de Rondônia e o IFRO - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia, que visa à formação continuada de profissionais em atuação na educação, com a perspectiva de formar professores-pesquisadores do processo de ensino-aprendizagem, das práticas escolares, das instituições escolares, das políticas públicas educacionais e das determinações e influências do meio produtivo e da sociedade para a educação, contemplando conhecimentos didáticos, pedagógicos, científicos e tecnológicos que assegurem a análise e a crítica dos fenômenos histórico-sociais e interculturais, metodologicamente orientadas, buscando a reflexão, com a finalidade de transformar a escola e a sociedade.

Desta forma, em 2014, durante as aulas do mestrado tive contato com duas situações que acabaram afunilando meu olhar pedagógico para uma prática de ensino voltada para o uso dos recursos audiovisuais no ensino de Geografia. A primeira situação foi a metodologia da pesquisa-ação adotada pelo programa de mestrado em questão, que visa transformar uma realidade educacional a partir de uma intervenção num processo de ensino-aprendizagem, por exemplo, de forma cíclica: ação-reflexão-ação. E a segunda situação aconteceu nas aulas da disciplina de Educação e as Novas Tecnologias que proporcionaram subsídios para que eu pudesse buscar condições para trabalhar com o uso de recursos audiovisuais no ensino de Geografia.

3º) Reflexões sobre a minha prática pedagógica como professor de Geografia no âmbito do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia:

O Instituto Federal de Rondônia é uma Instituição que apresenta boas condições de infraestrutura na área tecnológica, como a internet, laboratórios de informática com computadores de boa resolução e um curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Desta maneira, quando ingressei nesta Instituição, em outubro de 2011, percebi que poderia encontrar condições para trabalhar o ensino da Geografia de forma que não apenas usasse recursos didáticos prontos como vídeos, slides, mapas, etc, mas produzir algo com os próprios alunos.

No entanto, desde que entrei na Instituição, até as duas primeiras etapas do ano letivo de 2014, as aulas ocorreram obedecendo aos princípios da exposição-dialogada, com o auxílio de TV conectada ao computador, onde eu, após preparar os materiais didáticos, trabalhava os conteúdos com o auxílio do programa Power Point e os alunos, por sua vez, deveriam visualizar os conceitos, os fatos e fenômenos, e à medida que eu ia explicando era necessário que eles fossem anotando no caderno de acompanhamento o que estava sendo exposto nos slides, como forma de prender a atenção, manter o controle e o interesse pela aula.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 1: Aula expositiva e dialogada na 1ª e 2ª etapas de 2014

Além das aulas expositivas, utilizadas como metodologia de ensino, havia os trabalhos de pesquisas bibliográficas para serem elaborados pelos alunos extraclasse e em dupla. É importante dizer que estas pesquisas bibliográficas tinham como finalidade evitar a defasagem dos conteúdos, uma

vez que o curso técnico, em sua grade curricular, só oferta a disciplina de Geografia no 1º e 2º ano, ficando, portanto, faltando os conteúdos do 3º ano, tão exigidos nos vestibulares e outros testes de caráter classificatórios e eliminatórios.

Ao final das etapas, como forma avaliativa, eram recolhidos os trabalhos bibliográficos (valendo 25% da nota) e os cadernos de acompanhamentos (valendo 25% da nota), e aplicado uma prova (subjetiva em grupo ou objetiva individual, valendo 50% da nota).

Desta maneira, passei a perceber alguns descontentamentos na turma quanto a essa metodologia: Eram reclamações das aulas enfadonhas, através das famosas vozes sem origem do fundo: “Vamos fazer uma aula diferente hoje professor?”; Desinteresses pelas anotações nos cadernos de acompanhamento (muitos não conseguiam acompanhar ou não sabiam anotar, deixando o caderno de lado); Críticas aos trabalhos escritos a mão (“Onde já se viu ter que escrever trabalho à mão em pleno século XXI”, “Ainda mais nós que somos do curso de Informática”); e os resultados nas provas escritas também não apontavam para uma realidade muito positiva.

Portanto, baseado nas discussões dos encontros das aulas do mestrado e estudos feitos sobre o tema, decidi propor uma intervenção, utilizando-se da pesquisa-ação, a partir do uso da produção de vídeo documentário para o ensino de Geografia no 1º ano A do Curso Técnico em Informática, na busca de melhorar o processo de ensino-aprendizagem da turma em questão, através de uma aula mais dinâmica e participativa.

2.2 Abordagem Metodológica da Pesquisa

O presente estudo foi realizado dentro das concepções teórico-metodológicas da investigação-ação com abordagem qualitativa.

Quanto a metodologia da investigação-ação, segundo Tripp (2005, p. 445), é qualquer processo investigativo que siga uma dinâmica cíclica, de maneira tal que ao mesmo momento em que se investiguem as práticas, se busca a melhoria das mesmas numa constante ação e reflexão do processo em que está em questão.

O estudo que se utiliza da metodologia da pesquisa-ação, segundo Franco (2005, p. 486-487) surge de uma situação social concreta, gerando uma

relação de reflexão-ação coletiva na busca de transformações de uma realidade, implicando na participação de todos os sujeitos envolvidos, inclusive o pesquisador (professor) que deverá assumir o papel, ora de pesquisador ora de participante dentro da investigação.

Desta feita é possível detectar dentro do mundo científico várias formas de investigação-ação. Uma delas é a pesquisa-ação educacional, que ainda segundo Tripp (2005, p. 447), “é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Neste caso, no campo educacional, ela se torna uma ferramenta fundamental na busca de uma qualidade no ensino, como afirma Tripp (2005, p. 445):

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Tripp (2005, p. 447-449) destaca algumas características da pesquisa-ação as quais passaremos a comentá-las para se ter uma ideia mais concreta deste tipo de investigação:

1- Deve ser inovadora e contínua: quer dizer que não se pode realizar repetidamente a reflexão sobre a mesma prática de alguém, mais refletir para melhorar um aspecto dela de maneira mais frequente que ocasional. Por exemplo, ao intervir sobre uma situação de ensino para melhorar, gerará novas realidades que, por conseguinte, a próxima interferência acontecerá já em uma nova situação criada pela interferência anterior e assim por diante, de maneira que a intervenção será sempre em uma nova realidade;

2- Pró-ativa: deve propor mudanças no processo onde ocorreu a intervenção, a partir dos resultados obtidos por meio das análises das informações da própria pesquisa;

3- Participativa/colaborativa: é participativa, pois todos são envolvidos no processo de intervenção: os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. Onde o pesquisador se apresenta também como sujeito pesquisado. E é colaborativa pela própria natureza da forma de trabalhar a pesquisa;

4- Intervencionista: sendo a pesquisa-ação um processo que ocorre em um cenário social não manipulável, não deve seguir as metodologias onde se usa o controle ou manipulação das variáveis. Deve observar o fenômeno como acontece, analisá-lo, e propor mudanças para melhorar;

5- Problematicadora: esta característica se justifica na medida em que ela se apresentando como um aperfeiçoamento mútuo através da prática reflexiva, ou seja, a reflexão dentro da prática, leva benefícios a todos uma vez que trata o problema como um problema em si mesmo.

6- Deliberativa: no sentido de que quando ocorre a intervenção em uma prática cotidiana, está acontecendo uma ação no campo do desconhecido, necessitando de percepções aguçadas sobre de que maneira se pode melhorar um processo tornando-o de melhor qualidade. Sendo deliberativa ela não produz conclusões e previsões positivistas e sim emite bons julgamentos profissionais a cerca do processo investigado.

7- Documentada: esse caráter está ligado à maneira como se promove os registros na investigação. Nela procura-se registrar o processo através de mecanismos capazes de elencar informações sobre as práticas cotidianas no processo que está sofrendo a intervenção.

8- Compreendida: nesta característica vamos verificar que o importante na pesquisa-ação não é dar explicações e/ou respostas prontas e acabadas, e sim, ela deve compreender o problema e saber por que e como ele ocorre, pois isso é essencial para projetar mudanças de melhoria;

9- Disseminada: trata da maneira ou do destino do conhecimento obtido na investigação. Ou seja, como ela será divulgada e comungada com outros educadores da mesma área ou de áreas diferentes na instituição em questão e até mesmo entre outras instituições educacionais.

A abordagem qualitativa tem por finalidade compreender os fatos e fenômenos sociais favorecendo a compreensão dos comportamentos dos indivíduos de um dado grupo ou comunidade. Nesta perspectiva Minayo (2007, p. 24) afirma sobre a pesquisa com abordagem qualitativa que,

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas sim, compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a

experiência, com a continuidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultadas da ação humana objetiva. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis.

Dado o caráter da abordagem qualitativa em uma investigação e sendo a pesquisa-ação em educação um processo de estudo de forma contínua que gera ações circulares do tipo: reflexão, definição do problema, planejamento, ação e observação, onde no final implicará em um novo ciclo e uma nova definição de problemas na busca da melhoria de um processo de ensino-aprendizagem ou um sistema educacional e, levando-se em consideração o objetivo geral desta pesquisa, compreende-se que estas foram a metodologia e a abordagem mais adequadas para trazer as respostas esperadas para esta investigação.

2.3 Caracterizando o Universo da Pesquisa

O IFRO é uma instituição de ensino bastante recente no universo educacional do estado. Conforme estabelecido nos documentos oficiais da própria instituição, ela foi criada no ano de 2008 fazendo parte da rede federal de educação profissional. Assim tem-se que (IFRO, 2010, p. 06-07):

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criado através da Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que reorganizou a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica composta pelas escolas técnicas, agrotécnicas e CEFETs, transformando-os em 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia distribuídos em todo o território nacional.

O IFRO foi criado a partir da integração da Escola Técnica Federal de Rondônia com a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste-RO. A primeira possuindo unidades em quatro cidades, a saber: Porto Velho, Vilhena, Ji-Paraná e Ariquemes. Já a segunda, apenas no município do próprio nome, com existência de 15 anos.

O IFRO, como é conhecido, integra a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica criada a mais de cem anos pelo decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha, através do qual, “foram criadas 19 Escolas de Aprendizes Artífices, uma em

cada capital federativa, para atender os filhos dos “desfavorecidos da fortuna”, ou seja, as classes proletárias da época” (IFRO, 2010, p. 06-07).

O IFRO oferece três cursos na modalidade integrada ao Ensino Médio: Técnico em Química, Técnico em Florestas e Técnico em Informática. Segundo o que determina o Projeto Pedagógico do Curso, o PPC, o curso com o nome de Técnico em Informática funciona em modalidade Presencial Integrado ao Ensino Médio, com carga horária de 3.732 horas, em um prazo de integralização do curso de no mínimo 4 e no máximo 8 anos, sendo que o egresso deste curso sairá com o habilitação em Técnico em Informática (IFRO, 2010, p. 8).

A forma de ingresso no curso se dá por processo seletivo anual com disponibilização de 80 vagas distribuídas em duas turmas, sendo uma matutina e outra vespertina. Percebe-se desta forma que se trata de turmas numerosas, pelo menos nos anos iniciais, que somadas aos que ficam em dependência de um ano para o outro tornam as turmas ainda mais numerosas.

O objetivo geral do curso consiste em, “Oferecer habilitação técnica de nível médio que capacite para a atuação profissional no âmbito da programação em informática”. Já os objetivos específicos são:

- a) Formar profissionais com competência para: utilizar ambientes de desenvolvimento de sistemas, os próprios sistemas operacionais e os bancos de dados; realizar testes de programas de computador, registrando as análises e refinamento dos resultados; executar manutenção de programas de computador implantados;
- b) Desenvolver pesquisas, testes, produção e adaptação de tecnologias apropriadas, para aplicação em diversos setores da gestão empresarial;
- c) Trabalhar técnicas para operacionalização de computadores, instalação e desinstalação de *hardwares* e *softwares*, e ao mesmo tempo trabalhar estratégias de gerenciamento e supervisão de sistemas de informações, redes de computador e plantas industriais automatizadas pelas tecnologias de informática;
- d) Desenvolver um processo de ensino e aprendizagem em que seja possível interpretar as necessidades do usuário, especificar adequadamente equipamentos e/ou serviços, instalar e manter sistemas conforme padrões de qualidade aceitáveis e utilizar programas e equipamentos computacionais;
- e) Oferecer um processo de ensino e aprendizagem que auxilie na construção da autonomia do aluno para a sua vida pessoal e cidadã. (IFRO, 2010, p. 12)

Ao analisarmos estes objetivos, percebemos que o propósito do curso é de fato a preparação dos alunos para atuar/ingressar no mercado de trabalho. Excetuando-se o objetivo específico de letra “e”, que fala de uma formação autônoma e vida pessoal e cidadã, todos os outros objetivos convergem para a formação do profissional técnico em informática.

Quanto à metodologia expressa no PPC de Informática, percebe-se a defesa de uma prática pedagógica fomentando o “desenvolvimento de capacidades, em ambientes de ensino que estimulem a busca de soluções e favoreçam ao aumento da autonomia e da capacidade de atingir os objetivos da aprendizagem” (IFRO, 2010, p. 13).

Observa-se então a presença de uma prática de ensino pautada na construção do conhecimento, e não na pura transferência de informação, a partir da,

[...] flexibilização e abertura do currículo para o itinerário profissional, pois, adaptando-se às distintas realidades regionais, permitem a inovação permanente e mantêm a unidade e a equivalência dos processos formativos. [...] não raro inter e transdisciplinarizadas, orienta à construção de um aprendizado [...] O curso privilegia o aluno enquanto agente do processo da aprendizagem, por prever o desenvolvimento de projetos, atividades científico-culturais, [...] Os conteúdos associam o mundo do trabalho, a escola e a sociedade, assim como se definem pela contextualização. **Serão trabalhados com recursos tecnológicos e estratégias inovadoras, mediados por relações afetivas, interacionais e transformadoras. O ensino é concebido como uma atividade de compartilhamento e não de transferência de conteúdos, e a aprendizagem, como um processo de construção e não de reprodução de conhecimentos.** [...] Caberá a cada professor definir, em plano de ensino de sua disciplina, as melhores estratégias, técnicas e recursos para o desenvolvimento do trabalho, mas sempre tendo em vista esse ideário metodológico aqui delineado. É prioritário estabelecer a relação entre a teoria e a prática. [...] Isso não ocorrerá apenas com o desenvolvimento do estágio ou com o alternativo trabalho de conclusão de curso; serão realizadas atividades contextualizadas e de experimentação prática ao longo de todo o processo de formação, incluindo-se excursões e visitas técnicas, estudos de caso e desenvolvimento de projetos (IFRO, 2010, p. 13 -14, grifo nosso)

A matriz curricular do curso envolve disciplinas que estão divididas em quatro núcleos: a base nacional comum do Ensino Médio, a parte diversificada, o núcleo profissional e o complementar.

A base nacional comum é composta por disciplinas ligadas à formação do Ensino Médio, objetivando a formação para a vida acadêmica e o exercício da cidadania, envolvendo as áreas do conhecimento de linguagem, códigos e suas tecnologias; ciências da natureza, matemática e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias.

O núcleo diversificado é composto por disciplinas definidas pela equipe pedagógica do *campus* que perceberem a necessidade complementar na formação cidadã e profissional dos educandos. Podendo ser ligadas às “linguagens aplicadas ao mundo globalizado, atitudes diante das vivências cotidianas e no mundo do trabalho, [...] tende a tornar o indivíduo mais crítico e seguro no desenvolvimento de sua autonomia” (IFRO, 2010, p. 15).

As do núcleo profissionalizantes são as ligadas à formação do técnico em informática e envolvem conhecimentos básicos específicos sobre linguagens de programação, sistemas operacionais e manutenção de computadores.

O núcleo complementar trata de disciplinas que trabalham diretamente com as práticas profissionais, mostrando as dimensões do trabalho do técnico em informática, notadamente atuações com técnicas de laboratórios realizando tarefas de cunho prático que são associadas à realização de estágios obrigatórios ou o alternativo TCC.

Obedecendo ao que se prega na LDB 9394/96, o processo avaliativo do curso está pautado numa concepção contínua e cumulativa, possibilitando o diagnóstico sistemático e priorizando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos ao longo do processo ensino-aprendizagem sobre eventuais provas finais. Assim segue as formas conforme (IFRO, 2010, p. 19-20):

- a) Observação sistemática dos alunos, com a utilização de instrumentos próprios: fichas de observação, diário de classe, registro de atividades;
- b) Auto-avaliação;
- c) Análise das produções dos alunos (relatórios, artigos, portfólio);
- d) Assiduidade e participação ativa nas aulas;
- e) Atividades específicas de avaliação (exame oral, escrito, entrevista, produção textual, realização de projetos e de relatórios próprios).

Os Institutos Federais estão estruturados funcionalmente obedecendo ao tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. Assim, o curso Técnico em Informática também está vinculado a este formato, sendo que:

[...] o fazer pedagógico desse curso trabalhará a superação da separação ciência/tecnologia e teoria/prática, conceberá a pesquisa como princípio educativo e científico, e as ações de extensão como um instrumento de diálogo permanente com a sociedade. Para isso, **organizará suas atividades de modo a incentivar a iniciação científica**, o desenvolvimento de atividades com a comunidade, a prestação de serviços — em suma, incentivará a participação ativa dentro de um mundo de complexa e constante integração (IFRO, 2010, p. 22, grifo nosso).

O curso Técnico em Informática é destinado aos alunos que concluíram o Ensino Fundamental, em especial de escolas públicas, e que tenham sido aprovados no processo seletivo para o ingresso no mesmo. Sendo que ao ofertar 80 vagas anualmente totaliza um número de 320 alunos ingressados no período de duração do curso (4 anos), sem contar com as evasões e as retenções anuais.

Os professores do curso Técnico em Informática são selecionados a partir de concurso público autorizado pelo Ministério da Educação MEC, e contratados conforme a disponibilidade de vagas e lista de classificação mediante autorização do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão MPOG. O pré-requisito mínimo para fazer parte do quadro docente é a graduação específica da área em questão.

O curso conta com alguns suportes para as atividades pedagógicas: Conselho de Classe; Diretoria de Ensino DE (contando com: CAE Coordenação de Apoio ao Ensino, CAED Coordenadoria de Assistência ao Educando, Auxílio de Serviço Social e de Psicologia, CRA Coordenadoria de Registro Acadêmico e Coordenadoria de Biblioteca); Departamento de Extensão; Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação DEPPIG; Setor de Tecnologia da Informação STI; Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais NAPNE.

Para dar suporte às atividades pedagógicas, o *Campus* conta com: Uma Biblioteca; Laboratórios de Informática (atualmente são cinco); Laboratórios Específicos (Física, Química, Florestas, Matemática etc.); Equipamentos de Segurança e Recursos Materiais (cópias reprográficas, papéis para desenho e

exposição, papel sulfite para atividades diversas e avaliação, instrumentos de hipermídia e softwares atualizados, aparelhos de data show, TVs (em todas as salas de aulas, laboratórios e auditórios), computadores e outros.

2.4 Caracterizando os Participantes da Pesquisa

Valendo-se da característica Intervencionista da metodologia de pesquisa-ação, o presente estudo se consolidou através de uma intervenção no processo de ensino-aprendizagem em Geografia no 1º Ano “A” do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFRO Campus de Ji-Paraná-RO durante a 3ª etapa (3º bimestre) do ano letivo de 2014.

Obedecendo a característica participativo-colaborativa da metodologia de pesquisa-ação, para realizar a intervenção, utilizou-se uma estratégia pedagógica onde os alunos puderam ser participativos e ativos no processo de construção do conhecimento e os materiais didáticos foram ligados aos recursos audiovisuais, ou seja, à produção de vídeo documentário.

A escolha desta turma se deu pelo fato de serem da área de informática, portanto, pelo menos teoricamente, com alunos mais interessados e habilidosos com as Tecnologias da Informação e Comunicação.

A escolha da 3ª etapa (ou 3º bimestre) se deu de maneira estratégica para fugir das etapas que apresentam características peculiares. Enquanto as primeiras etapas poderiam estar tomadas pela euforia do novo e do desentrosamento, a última poderia estar influenciada pelos sentimentos de “já passei”, “já reprovei” ou ainda “tenho que me dedicar a outras matérias que estou com notas piores”. Ambas as situações poderiam influenciar no envolvimento dos alunos quanto à proposta da pesquisa.

Para a caracterização dos participantes da pesquisa foi utilizado o diário de classe da turma, informações adquiridas junto à Coordenação de Apoio ao Educando e levantamento colhido pelo próprio professor/pesquisador por meio da observação e de perguntas realizadas através contato direto com a turma.

A turma do 1º A do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio é pertencente ao turno matutino e possui 42 alunos, sendo 20 do sexo feminino e 22 do sexo masculino. A idade média da turma é de 15 anos demonstrando certa homogeneidade etária na turma.

Os alunos da turma são, em sua maioria, da zona urbana, com residência predominantemente em três municípios do estado: Ji-Paraná, Ouro Preto do Oeste e Presidente Médici. No entanto, existe aluno da área rural e de outros municípios, como Jaru e Rolim de Moura, que somados aos municípios mais próximos acabam tendo que vir morar em Ji-Paraná-RO seja, na casa de parentes, amigos e repúblicas ou precisam realizar os deslocamentos diários em ônibus fretados ou de linhas intermunicipais para cursarem o Ensino Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO.

O ingresso dos alunos na instituição se deu pelo processo seletivo ocorrido no final do ano de 2013, obedecendo todas as prerrogativas do edital, onde se prioriza os alunos da rede pública de ensino respeitando as cotas estabelecidas no regimento interno que reza sobre as disponibilizações de vagas para a inserção dos educandos no ano letivo de 2014.

A escolha do curso Técnico em informática Integrado ao Ensino Médio pelos alunos, em sua maioria, afirmam que é pela afinidade que possuem com a área. Eles declaram que têm computadores em casa ou pessoais e/ou ainda dispõem de dispositivos móveis como smartphone, todos ligados à rede mundial de computadores e passam grande parte do tempo em contato com esses equipamentos tornando-os familiarizados com esta área da Tecnologia da Comunicação e Informação.

A opção de estudar no IFRO, segundo os alunos, é motivada pelas condições das estruturas físicas e humanas que a rede federal proporciona para formação escolar dos mesmos. Portanto, uma afirmação se torna unânime quando perguntados sobre seu futuro no universo da profissão, todos pretendem ingressar em um curso superior e não apenas atuar como técnico. E alguns, inclusive, buscam formação superior fora da área da informática, como medicina e direito.

Percebe-se assim, que a procura, de fato, pela instituição não se trata da busca apenas do curso técnico, mas predominantemente pela formação secundarista de qualidade que a Instituição, por sua vez, acaba proporcionando frente às escolas da rede pública de ensino do seu entorno.

Em relação à religião, os participantes da pesquisa, são predominantemente de famílias cristãs, praticante do catolicismo. E quanto à renda são de classe média e média baixa, onde na sua maioria apresentam

como provedor da casa o pai e/ou a mãe, demonstrando com isso uma condição essencial no aprendizado do aluno, a estrutura familiar, que por sua vez pode contribuir na estrutura psicológica e financeira necessárias para o bom desempenho do educando.

Quanto à formação educacional dos pais e/ou responsáveis, predominam os que possuem escolarização pelo menos com o Ensino Médio completo, o que pode contribuir na formação da cultura do estudo no ambiente familiar, favorecendo assim um comportamento mais responsável e comprometido, por parte dos educandos, com sua vida estudantil.

2.5 Estratégia de Coleta e Procedimento de Interpretação de Dados

As estratégias de coleta de dados foram a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas e a observação participante.

Em se tratando do questionário, ele foi elaborado contendo 10 perguntas abertas e fechadas (conforme apêndice F) e organizado em (três) 03 grupos de forma a buscar dados e informações para criar suporte para as categorias de análise da investigação.

Antes, porém, da elaboração do questionário foi necessário estabelecer as categorias de análise que ocorreram pós-intervenção e foram determinadas a partir das reflexões feitas através da observação participante durante o processo de intervenção e o embasamento teórico da pesquisa, resultando com isso em três categorias de análise: Motivação, Aprendizagem em Geografia e Interdisciplinaridade em Geografia.

Assim as questões de 01 à 04 procuraram trazer auxílios para a categoria de análise Motivação; as questões 05 e 06 estiveram ligadas a categoria de análise Aprendizagem em Geografia; as questões 07, 08 e 09 fizeram referência a categoria de análise Interdisciplinaridade em Geografia.

Já a questão 10 procurou dar oportunidade para os alunos apresentarem os pontos positivos e os pontos negativos em relação a metodologia de ensino com o uso das TIC utilizada na aula pelo professor e as respostas foram usadas para promover a avaliação da intervenção trabalhada na subseção 5.5 desta dissertação.

Os questionários foram aplicados para os 42 alunos participantes desta pesquisa no final do processo intervencionista devido seu caráter e o objetivo

de levantamento de dados, informações e opiniões dos alunos quanto ao processo de intervenção proposto nesta investigação.

Valendo-se de duas aulas o professor/pesquisador distribuiu os questionários para todos os alunos da sala e explicou questão por questão enfatizando o objetivo de cada uma delas para a investigação procurando deixar os alunos a vontade para expressarem suas opiniões, afirmando que o questionário não fazia parte da avaliação bimestral nem tão pouco suas respostas em nada mudaria a relação do professor com a turma ou com o próprio aluno em função delas, evitando com isso a interferência do professor a partir da intimidação com sua autoridade em sala.

Podemos afirmar que tanto na aplicação dos questionários quando na observação participante, muito embora o pesquisador tenha sido o professor oficial da turma se teve a preocupação em procurar encontrar um equilíbrio entre a neutralidade de pesquisador e a pró-atividade inerente à docência, evitando com isso a vulnerabilidade dos alunos e diminuindo as possibilidades de cometer dois equívocos elencados por Franco (2005, p. 496):

- Transformar a pesquisa-ação em uma pesquisa de avaliação de um procedimento adotado, de uma transformação empreendida ou mesmo de um processo em implantação. Nesse caso, a pesquisa, embora relevante, não pode ser considerada pesquisa-ação [...];
- [...] o pesquisador investigar seu próprio local e função de trabalho. Um diretor de escola, um coordenador pedagógico ou mesmo um professor realizam a pesquisa no âmbito de sua ação profissional [...].

Quanto a estratégia, observação participante, ela ocorreu durante todo o processo de intervenção na 3ª etapa (3º bimestre) do ano letivo de 2014, como forma de colher informações e refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem em Geografia com o uso das TIC em sala de aula.

Segundo Minayo (2007), a observação participante é fundamental no trabalho de campo numa pesquisa qualitativa, permitindo a compreensão da realidade. Afirma ainda, que é um processo onde o pesquisador realiza a investigação científica, colocando-se como observador de um fato social com o intuito de coletar dados e entender o contexto da pesquisa. Ela proporciona a interação entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado, criando com isso,

mais que a observação direta, uma relação de envolvimento do pesquisador e o processo que está sendo estudado.

Apropriando-se da característica Documentada da metodologia de pesquisa-ação comentada neste trabalho, os registros da observação participante, durante a intervenção, foram feitos através de anotações em um diário de campo, (conforme apêndice D), que segundo Resende (2013, p. 4-5):

O registro cursivo tem uma importância primordial durante a observação dos atos sociais em curso na sala de aula. Busca-se registrar, o mais fielmente possível, o que ocorre na sala de aula, as formas e os conteúdos das interações entre os sujeitos, bem como as implicações e hipóteses do pesquisador no momento de sua inserção no campo. O diário de campo é um instrumento indispensável nesse processo, subjugado a uma concepção metodológica mais ampla, o interacionismo social.

Assim a cada encontro do processo intervencionista o professor/pesquisador se encarregava de registrar no diário de campo, em forma de texto e materiais audiovisuais os acontecimentos e suas possíveis interpretações sobre os mesmos no intuito de criar subsídios para a pesquisa.

Para a análise e interpretação dos dados foram utilizados as respostas dos alunos nos questionários e os registros dos conteúdos textuais e audiovisuais do diário de campo.

A análise dos dados obtidos na observação participante aconteceu concomitantemente à investigação de forma sistêmica, de maneira a monitorar o processo intervencionista da investigação. Buscou-se também uma interpretação das falas, fenômenos e fatos durante o processo de intervenção, ultrapassando, como afirma Minayo (2006, p. 307), “o alcance meramente descritivo da mensagem, para atingir, mediante inferência, uma interpretação mais profunda”, na perspectiva de ir além da mera descrição dos acontecimentos.

Estas análises, além de auxiliarem na definição das categorias da investigação, foram utilizadas para reforçar os resultados obtidos juntos as reflexões realizadas a partir das respostas dos alunos nos questionários.

Já a análise dos dados e informações obtidas através dos questionários ocorreram no final do processo de intervenção, até porque os mesmos foram aplicados pós-intervenção.

Para interpretação dos dados obtidos a partir dos questionários, procurou-se selecionar as respostas dos alunos de forma que priorizasse uma amostragem significativa e que pudessem representar uma opinião dominante dos participantes da pesquisa, pois para Minayo (2007) esta fase numa pesquisa qualitativa, deve-se explorar o conjunto das opiniões e representações sociais sobre o processo investigado, não precisa cingir todas as falas e situações observadas, pois geralmente, os aspectos socioculturais, de praxe, possuem pontos semelhantes dentro da singularidade de todos os indivíduos, socialmente falando. Entrementes, se a diversidade aparecer, a análise deverá responder a divergência.

Desta forma, como os questionários possuíam perguntas abertas e fechadas, utilizou-se as respostas das questões fechadas para definir as opiniões dominantes. Por exemplo, a pergunta número 01, que buscou saber se os alunos sempre se sentiram motivados para estudarem, teve as opções de respostas: sim, não, nunca, as vezes, tanto faz e não sei. Como a maioria (mais de 50%) apontaram para respostas negativas, procurou-se então entender os motivos e as razões desta negatividade, pois estas tornaram opiniões dominantes do grupo referente a esta questão. E assim seguiu a mesma postura para as demais questões.

3 DISCUTINDO A GEOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Trazer a discussão sobre a Geografia no contexto escolar, nesta dissertação, é fundamental, uma vez que a mesma trata de um estudo a partir da intervenção num processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Assim, esta sessão buscou discutir o que ensinar e como ensinar nesta disciplina.

Também, ainda nesta sessão, abordou a interdisciplinaridade em Geografia e o currículo no sistema educacional, destacando a importância do currículo identitário no ensino de Geografia para a construção da identidade/territorialidade do educando, por entender que isso seria indispensável, pois este estudo trata de uma realidade do contexto Amazônico/Rondoniense e suas especificidades merecedoras de uma educação voltada para atender uma formação para a cidadania deste espaço vivencial.

Devemos enfatizar também que as reflexões sobre a Geografia, feitas aqui, priorizou-se o Ensino Médio, pois foi este o nível de ensino trabalhado nesta investigação.

3.1 Os Conhecimentos necessários na disciplina de Geografia

Saber o que ensinar em uma disciplina escolar é um passo fundamental na tarefa para quem pretende trabalhar com o magistério em qualquer nível. Para estabelecer os conteúdos necessários, em uma disciplina, precisamos levar em consideração a realidade social, econômica, cultural, política e até mesmo religiosa de um processo educacional qualquer.

Porém, existem parâmetros nacionais que estabelecem as diretrizes para o ensino no país para todas as disciplinas escolares. Desta maneira os conhecimentos julgados necessários a serem trabalhados na Geografia estão propostos no documento Orientações Curriculares para o Ensino Médio, que foi produzido pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação do Brasil (SEB/MEC), no ano de 2006, com o objetivo de ampliar e avançar nas discussões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1999, com enfoque na disciplina de Geografia.

Segundo (BRASIL, 2006), a Geografia tem como principal objetivo desenvolver no aluno capacidade para localizar e se localizar no mundo em que vive e as complexas relações existentes no mesmo. Deve ainda buscar soluções, reconhecer as dinâmicas existentes no Espaço Geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação. Tem como objetivo ainda, levar o educando a compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o Espaço Geográfico nas diversas escalas (local, regional, nacional e mundial).

As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço, não como enumeração ou descrição de fatos que se esgotam em si mesmos, mas como processo de construção social.

Dentro dessa linha de pensamento, ora relatado, percebemos que a proposta do MEC na disciplina de Geografia, sobretudo para o Ensino Médio, é de procurar formar um cidadão que seja capaz de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, detectando as contradições do mundo em que vive. Que em outras palavras proporcione ao

aluno construir conhecimentos significativos, respeitando a sua vivência e sua visão de mundo no Espaço Geográfico em que está inserido.

Portanto, assim sendo e conforme define (BRASIL, 2006) nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a Geografia nas escolas deve ser estruturada de tal maneira que os objetivos específicos possam levar os alunos a:

- 1- Compreender e interpretar os fenômenos considerando as dimensões local, regional, nacional e mundial;
- 2- Dominar as linguagens gráfica, cartográfica, corporal e iconográfica;
- 3- Reconhecer as referências e os conjuntos espaciais, ter uma compreensão do mundo articulada ao lugar de vivência do aluno e ao seu cotidiano.

Quadro 1: Competências e habilidades para a Geografia no Ensino Médio

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de operar com os conceitos básicos da Geografia para análise e representação do espaço em suas múltiplas escalas. • Capacidade de articulação dos conceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Articular os conceitos da Geografia com a observação, descrição, organização de dados e informações do Espaço Geográfico considerando as escalas de análise. • Reconhecer as dimensões de tempo e espaço na análise geográfica.
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de compreender o Espaço Geográfico a partir das múltiplas interações entre sociedade e natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar os espaços considerando a influência dos eventos da natureza e da sociedade. • Observar a possibilidade de predomínio de um ou de outro tipo de origem do evento. • Verificar a inter-relação dos processos sociais e naturais na produção e organização do Espaço Geográfico em suas diversas escalas.
<ul style="list-style-type: none"> • Domínio de linguagens próprias à análise geográfica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os fenômenos geográficos expressos em diferentes linguagens. • Utilizar mapas e gráficos resultantes de diferentes tecnologias. • Reconhecer variadas formas de apresentação do espaço: cartográfica e tratamentos gráficos, matemáticos, estatísticos e iconográficos.

<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o papel das sociedades no processo de produção do espaço, do território, da paisagem e do lugar. • Compreender a importância do elemento cultural, respeitar a diversidade étnica e desenvolver a solidariedade. • Capacidade de diagnosticar e interpretar os problemas sociais e ambientais da sociedade contemporânea.
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o desenvolvimento do espírito crítico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de identificar as contradições que se manifestam espacialmente, decorrentes dos processos produtivos e de consumo.

Fonte: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica 2006

Desta maneira, o ensino em Geografia deve ser planejado de forma a proporcionar a comparação, a análise, e o relacionamento dos conceitos para que haja a construção de conhecimento necessário para desenvolver competências e habilidades, como mostra no quadro acima.

3.2 A Prática do Ensino da Geografia

Discutir a prática e a didática na docência é buscar fazer uma análise de sua importância dentro de um processo de ensino-aprendizagem e tentar encontrar novos caminhos para o exercício do magistério frente aos desafios impostos pela dinâmica social e tecnológica do mundo atual.

No entanto, não se pretende aqui aprofundar no tema. Porém, compreender a prática do ensino de Geografia, nesta dissertação, é importante para construir suporte teórico sobre as práticas educativas, na referida disciplina, pois esta investigação trata exatamente de uma intervenção no processo de ensino-aprendizagem da mesma. Desta maneira faz-se necessário conhecê-la.

Devemos partir do pressuposto que a Geografia no contexto escolar, na atualidade, trabalha com o conceito de Espaço Geográfico e seus desdobramentos como, território, paisagem, lugar e redes dentro das dimensões políticas, sociais, econômicas e física-naturais, e compreender suas relações requer uma prática de ensino bastante dinâmica.

Assim, podemos iniciar, afirmando que o ensino de Geografia atualmente necessita de postura metodológica bastante diferente da que se praticou quando a Geografia era uma disciplina descritiva e apresentava conotações meramente decorativas, priorizava conhecimentos estáticos sem procurar fazer as reflexões necessárias dos fenômenos naturais e sociais na busca de compreendê-los. Onde se dava ênfase à decoração de dados soltos, como: os estados, capitais, nomes de rios e seus afluentes, picos, montanhas, entre outros, ou seja, era na verdade uma disciplina de informação e não de formação.

Desta forma, apresentando-se como um conhecimento de pouca importância e sem dizer muita coisa com a realidade do educando, ela se tornou desinteressante para os alunos. Podemos afirmar, com certeza, que está aqui a origem do desinteresse e da desmotivação dos estudantes na própria aula de Geografia.

Neste sentido, para reverter esse quadro, é necessário um ensino em Geografia que seja capaz de acompanhar as transformações na (e da) nossa sociedade tão dinâmica e complexa nesta contemporaneidade. Um ensino dinâmico, formador de pensamentos globalizados e cidadãos interessados pela realidade que os cerca, buscando detectar problemas e encontrar soluções.

Para isso precisamos mudar a forma tradicionalista do ensino da Geografia, a chamada educação bancária, como afirma Freire (1987, p. 57-61), sendo a educação onde o professor deposita os conhecimentos (informações descontextualizadas) e os alunos memorizam para repetirem na prova.

Apesar de algumas mudanças, em pequena escala, a paisagem de uma sala de aula ainda é caracterizada, geralmente, por um professor com um livro didático em mãos, ora lendo, ora passando conteúdos no quadro, com alunos ordenadamente sentados em cadeiras individuais copiando. Quase sempre esta prática serve apenas para “passar o conteúdo”, e na maioria das vezes não se promove as reflexões e análises necessárias para a construção dos conhecimentos, sendo o professor a autoridade absoluta do mesmo.

É comum identificarmos, nessa situação, conversas, alunos apáticos ou agressivos (os chamados indisciplinados), com um extremo desinteresse pelo conteúdo e não vendo a hora de acabar a aula. Isso acaba despertando uma extrema antipatia dos alunos para com seus professores, pois os mesmos têm

a sensação de uma aula-tortura e não um momento de deslumbre pelas descobertas promovidas em sala de aula.

Somando-se a tudo isso, a desvinculação da escola com a realidade do aluno e a falta de interatividade dos discentes na construção de seus saberes é que tem causado tamanho descontentamento com as aulas e consequentemente baixo nível de saber geográfico dos educandos.

Uma situação que precisa ser considerada na educação e que é discutida por Moraes (2007, p. 07) é a motivação no processo de ensino-aprendizagem. Eles colocam no centro das discussões a seguinte situação: “como um desmotivado vai motivar?”. De fato, isso é algo de relevância quando se discute educação e qualidade em educação.

A pergunta pode ser mais profunda: Como motivar um profissional e como esse profissional motivar algo ou alguém, onde muito das vezes estão nesta profissão por falta de opção, com baixos salários, sobrecarga de trabalho, sem tempo para planejar e com poucos recursos didáticos para poder dar uma boa aula?

Essa situação pode originar aulas cansativas e maçantes com aulas expositivas, cópia de livros didáticos e aplicação de questionários que transformam o processo de ensino-aprendizagem em Geografia numa tarefa quase que inútil, pois retira a capacidade de reflexão dos alunos e aliena sua forma de pensar. Sobre isso Fazenda (1989, p. 15) diz:

[...] Tal como a escrita, a expressão oral também requer contínuo exercício. Somos produto da “escola do silêncio”, em que um grande número de alunos apaticamente fica sentado diante do professor, esperando receber dele todo o conhecimento. Classes numerosas, conteúdos extensos, completam o quadro desta escola que se cala.

Para mudar essa relação de ensino-aprendizagem em sala de aula, o professor precisa ser um elemento transformador e motivador. Precisa instigar a curiosidade dos alunos e incluí-los no contexto da aula. Precisa deixar o ritual do livro didático e caminhar para as indagações dos alunos e o diálogo na formação do conhecimento.

Ficar preso ao livro didático nos remete ao ensino tradicional, direcionando a forma de pensar e alienando o educando a um conhecimento que pouco lhe acrescenta na liberdade de ver e questionar sua própria

realidade. Para justificar essa afirmação podemos usar o pensamento de Castrogiovanni (2007, p. 44):

Para que esta mudança ocorra os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de “fazer sociedade com cidadania”. A escola deve provocar o educando para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. Parece ser simples, mas não é, no mínimo, desafiador, como toda prática pedagógica.

Desta forma, é necessário fazer com que as aulas sejam significativas para os alunos. Deve-se incentivar o posicionamento dos alunos, problematizar os temas abordados na aula e utilizar recursos didáticos que venham ao encontro de um processo participativo, fomentando a autonomia e o desenvolvimento do raciocínio crítico. Deve incluir o aluno no processo de construção deste seu novo conhecimento.

Para isso é importante que os temas partam do local, da realidade vivida pelo educando, para o geral, pois facilita a compreensão do aluno, uma vez que aproveita suas experiências no cotidiano, conforme diz Castrogiovanni (2007, p. 46):

O professor não deve esquecer que a percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado, também, das relações afetivas e de referências socioculturais. Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos. A maior vitória do professor é a vitória interna, aquela de alcançar a satisfação em ser professor no dia-a-dia.

Porém, quando falamos em motivação na relação ensino-aprendizagem precisamos dividir a responsabilidade entre aluno e professor, afinal, são eles, os dois sujeitos envolvidos no processo, ou seja, o motivador tem que ser motivado e vice-versa.

De acordo com Kearcher (2005), o professor precisa querer e gostar de ensinar, para que ele possa desempenhar a docência com brilho. Já o aluno, por vez precisa querer aprender. Ele também precisa vir com expectativa, vontade e disposto a desprender um esforço pessoal para seu crescimento intelectual e cidadão.

Outra situação que interfere num ensino de qualidade em Geografia, para o Ensino Médio, observada por Castrogiovanni (2007), está diretamente ligada à própria formação dos professores.

Segundo ele, os profissionais preparados para trabalharem nos anos iniciais e, em menor proporção, para o Ensino Fundamental não tiveram sequer uma formação geográfica adequada para atuarem de maneira eficiente, formando uma corrente negativa: anos iniciais deficitários geram anos escolares seguintes deficitárias.

3.3 A Interdisciplinaridade e o Ensino da Geografia

A necessidade de se discutir a interdisciplinaridade nesta investigação nasce do fato de termos recorrido ao compartilhamento dos conhecimentos de outras disciplinas, buscando promover a interdisciplinaridade através do projeto pedagógico proposto nesta pesquisa.

Para desenvolver as habilidades na produção de vídeo e técnica de filmagens recorreu-se à Arte e à Comunicação, e para as habilidades voltadas aos manuseios de equipamentos de captação de imagens, sons e edição de vídeo, recorreu-se à Informática. Neste último caso, com o auxílio do próprio professor da disciplina de informática.

Assim, iniciaremos esta abordagem fazendo uma reflexão sobre a interdisciplinaridade em Geografia baseando-se nos estudos feitos por Pinheiro (2006) e análises das ideias de Milton Santos expressas em sua obra: *Por uma Geografia Nova*, de 1980.

Pinheiro (2006) comenta que Milton Santos inicia sua obra fazendo severas observações sobre as atitudes pretenciosas dos Geógrafos de tentarem trabalhar a Geografia como uma ciência de síntese. Para ele essa ciência de síntese é, seguramente, aquela que, na sua realização cotidiana, mantém menos relações com as outras disciplinas. Tal isolacionismo é mesmo responsável pelas dificuldades que ele encontra para evoluir.

Ao chamar a atenção para esse isolamento, Santos (1980) aponta para a necessidade de se pensar em uma Geografia mais que multidisciplinar. Ele entende que se deve ir além da multidisciplinaridade. Deve-se buscar a interdisciplinaridade, que segundo ele, para que ela aconteça de fato precisa promover a integração dos conteúdos a partir da utilização das contribuições

dos diversos conhecimentos de cada disciplina para se entender a totalidade do problema a ser solucionado.

Atualmente o que se vivencia é a predominância do mundo do conhecimento disciplinar, ou seja, cada saber pertence a uma área específica dos estudos científicos. Essa situação é resultado das realidades evolucionistas ao longo da história que acabaram exigindo uma especialização dos estudos fragmentando-os em diferentes ciências, aparecendo com isso o conhecimento fracionado e alojado no interior de diversas disciplinas.

No entanto, à medida que essas ciências foram evoluindo passaram a exigir cada vez mais especialistas de outras áreas para auxiliar na busca de respostas para problemas dentro de sua própria área de estudo, apontando assim para a necessidade ainda maior de uma interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento.

Desta feita, na eminência de trazer explicações mais contundentes da realidade, as ciências precisaram de imbricação, pois ao invés de buscarmos a compreensão de um aspecto da realidade total, por intermédio de uma disciplina particular, o que estamos buscando é muito mais a compreensão do todo pelo todo, sabendo que o conhecimento das partes, isto é, do seu funcionamento, de sua estrutura interna, das suas leis, da sua relativa autonomia, e, a partir disto, da sua própria evolução, constituem um instrumento fundamental para o conhecimento da totalidade.

A interdisciplinaridade defendida por Milton Santos não se trata de acabar com as disciplinas, mais sim, de se valer dos resultados obtidos por outras disciplinas sobre a interpretação de uma dada situação.

Para Santos (1980), “o grande mérito de uma interdisciplinaridade [...] é que, ao mesmo tempo em que ela disciplina o trabalho interior a cada disciplina particular, está sempre a abrir-lhe novos caminhos, graças [...] compartilhamentos do saber” (*apud* PINHEIRO, 2006, p. 54).

O conhecimento trata-se de um conjunto único de informações que não tem como se estudar separadamente sob o risco de produzirmos teorias incompletas, falíveis e inúteis. Ao invés disso, Santos (1980) propõe que os diversos campos do saber devem se fundir para uma abordagem interdisciplinar e até mesmo se confundirem dentro de um exercício colaborativo onde não haja fronteiras entre as ciências em sua contribuição na

busca da compreensão de uma dada realidade no âmbito da interdisciplinaridade.

Com essas reflexões acerca da interdisciplinaridade em torno da ciência, do ponto de vista epistemológico e filosófico percebemos que, apesar de não ser um consenso em torno da concepção, encontra-se bem discutida e redimensionada quanto ao saber teórico.

Entrementes, o que se pretende aqui, de maneira mais específica, não é compreendermos a interdisciplinaridade em Geografia apenas em sua essência como ciência, mas sua essência enquanto disciplina escolar. Por isso iremos discutir a interdisciplinaridade em Geografia no âmbito escolar.

Pinheiro (2006, p. 59-61), recorrendo a Lenoir (1998) discute a interdisciplinaridade escolar se valendo de três níveis ou três dimensões do sistema educacional: a curricular, a didática e a pedagógica. Afirmando que a interdisciplinaridade escolar ocorre quando acontece a interação ou a conexão entre essas três dimensões.

A interdisciplinaridade curricular é aquela que promove as ligações de interdependência, as disciplinas escolares formando seguimento para um sistema de ensino qualquer, buscando estruturar um currículo escolar com caráter integrador.

A interdisciplinaridade didática vai se caracterizar pelo planejamento, organização e avaliação do processo educativo levando-se em conta o currículo articulando os conteúdos com o objetivo de estruturar os conhecimentos dentro do processo de ensino-aprendizagem de caráter interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pedagógica, por sua vez, irá se caracterizar pela prática do ensino em sala de aula dentro da concepção da interdisciplinaridade didática. É ela que vai garantir a concretização, na prática, de um modelo ou modelos didáticos interdisciplinares inseridos em situações concretas da didática.

Como se vê, essas reflexões procuram desmistificar a ideia errônea que muitas vezes são vistas em algumas situações dentro do ambiente escolar, como por exemplo, a existência de alguns manuais didáticos apresentarem temas que exige do professor da matéria o domínio do conhecimento de outras áreas, desrespeitando assim a especialidade de cada profissional da educação

dentro de sua área de formação. Além disso, chama a atenção para a necessidade da sensibilização e da mobilização dos diversos profissionais afins (áreas cujo tema possibilita sua abordagem) no sentido de construir juntos, o saber necessário sobre o referido assunto.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) tratam a interdisciplinaridade como uma forma de abordagem do estudo sobre determinado assunto onde se utiliza: “Os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista” (BRASIL, 1999, p. 34).

Esta afirmação, neste documento oficial do governo, só vem reforçar o que propõem os estudiosos da educação sobre a questão da interdisciplinaridade. Ou seja, ela deve ser encarada como um instrumento no processo de construção do conhecimento, onde por meio dela haja uma interatividade de alunos e professores (das áreas afins no tema proposto) na construção dos saberes necessários, respeitando as expectativas e limitações dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Apesar dessas definições e das orientações das DCNEM (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), especialmente de trabalharem a interdisciplinaridade através de eixos integradores e de projetos pedagógicos de forma conjunta entre várias disciplinas, o que se vê ainda é uma prática individualizada e fragmentada pelas mesmas. Isso se deve ainda a uma situação, sem querer aprofundar nas discussões desses problemas estruturais, da formação dos profissionais da educação, da política de valorização do professor, da infraestrutura física e organizacional das instituições de ensino.

Outra questão que se deve levar em consideração é sobre os impactos que qualquer mudança promove na comunidade que a envolve. É sempre comum despertar aversões ou desconfiança ao novo e ao desconhecido. Desta forma, ainda estamos convivendo com uma mentalidade escolar preparatória para o entrar no Ensino Superior (Vestibular, Enem e outros teste de “QI” pelo Brasil afora) e conteudista, ao invés da escola preparatória para a cidadania, como propõe a atual filosofia do ensino no Brasil.

Assim, é comum encontrarmos alguns profissionais que tentam quebrar esses paradigmas serem vistos por pais, alunos e até mesmo por outros

profissionais da educação, como despreparados ou “enrolões” na arte de ensinar.

3.4 O Currículo e a Identidade/Territorialidade Rondoniense

Entender currículo é o ponto inicial para se discutir educação de qualidade, pois é ele quem vai nortear todo o processo educacional, justificando assim a importância da reflexão sobre esse tema nesta pesquisa. Desta forma, como esta pesquisa resulta de uma intervenção num processo de ensino-aprendizagem em Geografia no contexto Rondoniense, nada mais apropriado do que promover uma flexão em defesa da construção de um currículo identitário neste trabalho.

Assim, vamos iniciar esta sessão discutindo o currículo e sua importância no contexto escolar, procurando defender a estruturação do currículo identitário, e por fim, faremos uma defesa da necessidade da construção de uma cidadania com uma identidade/territorialidade Rondoniense.

Vamos começar definindo currículo para darmos os passos iniciais para discutirmos sua importância no contexto escolar, pois, é a partir de sua definição que iremos compreender a dimensão alcançada por esse instrumento no processo de formação do indivíduo, nas construções de ideias, valores e no desenvolvimento de habilidades e competências indispensáveis para o exercício da cidadania em uma dada sociedade.

Todavia, existem vários conceitos para definir currículo. Se fizermos uma consulta a qualquer dicionário da língua portuguesa iremos perceber que currículo é definido como o conjunto de dados relativo a um tema específico, organizados para orientar atividades e formas de executá-las em sua finalidade. Geralmente, exprime e busca concretizar intenções. Assim, podemos ver que de uma coisa temos certeza: é um caminho pelo qual se quer chegar a algum lugar intencionalmente, através de estratégias pré-definidas.

Quando falamos de currículo no contexto escolar, estamos procurando demonstrar, de alguma maneira, o percurso pelo qual se pretende percorrer para promover a formação, “pensada e desejada”, para uma determinada sociedade de um determinado espaço/tempo.

Jesus (2015, p. 03) afirma que, do mesmo jeito que encontraremos várias maneiras de conceituar currículo, segundo as várias teorias sobre o

mesmo, existem três tipos de currículo que coexistem em um processo educacional: o Formal, o Real e o Oculto.

O primeiro diz respeito ao pré-estabelecido pelo sistema de ensino a partir das diretrizes curriculares. É o que está prescrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais ou o que está estabelecido oficialmente nos documentos de uma Instituição de Ensino como norteador do processo educativo.

O segundo diz respeito ao que realmente acontece dentro de sala de aula. É a relação entre o que está pré-estabelecido nos planos de ensino do professor e o que realmente o aluno aprende.

O terceiro está ligado ao que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e físico da escola. Nele estão estabelecidas as relações professor-aluno-conteúdo e suas interrelações com a cultura e as subjetividades entre os dois sujeitos no processo de construção do conhecimento e desses com o ambiente escolar, ou seja, as questões histórico-culturais e ideológicas (políticas, econômicas, sociais, religiosas etc.) do professor com o aluno, do aluno com o professor e do aluno com os outros alunos, que de uma maneira ou de outra se autointerferem. O currículo oculto não aparece como conteúdo nos planejamentos escolares, mas ocorre de maneira natural dentro do processo.

A discussão sobre o currículo formal traz uma ampla reflexão e sua construção deve proceder dos seguintes questionamentos: Que indivíduo (sociedade) temos? E que indivíduo (sociedade) queremos? Ao respondermos estas questões estaremos prontos para responder as outras que nos levarão a atingir nossa intencionalidade na construção do currículo, como por exemplo: O que ensinar? Como ensinar? Quando ensinar? Por que ensinar? Quem ensinar? Para que ensinar? Desta maneira, além de deixar implícitas as relações de poderes, o currículo está diretamente ligado com a construção da identidade do indivíduo, onde segundo Barretto (2005, p. 03):

No fundo das teorias de currículo está pois uma questão de identidade, de subjetividade. No curso dessa corrida que é o currículo, acabamos por nos tornar o que somos. O conhecimento que constitui o currículo está vitalmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, na nossa identidade, na nossa subjetividade. Além de uma

questão de conhecimento, o currículo é pois, também, uma questão de identidade.

Além da questão identitária do currículo, mencionada por Barretto (2005), devemos registrar também que o currículo expressa algum tipo de poder através de práticas desenvolvidas no sentido de promover a socialização e a construção de uma cultura pré-definida para atender um padrão cultural pré-estabelecido.

Assim, também Menezes e Araújo (2014, p. 02) mostram que a intencionalidade do currículo demonstra a sua não neutralidade, sendo, por conseguinte, um instrumento ideológico-filosófico de uma dada intencionalidade educativa.

É na afirmação de que o currículo é uma construção intencional de propostas e conteúdos que vão levar à formação do tipo de sociedade e cidadão desejado (por quem?) que se configura uma das formas de poder que o mesmo se manifesta.

Segundo Silva (2010, p. 01): “O que se percebe é que de fato se tratarmos a escola, como a difusora de um único tipo de conhecimento universal, com base em um único modelo, facilita o discurso ingênuo de uma política educacional pautada na igualdade”.

Desta feita, o uso de manuais prontos e acabados, feitos geralmente por escritores e editoras de fora do contexto Amazônico-Rondoniense, por exemplo, desconsiderando os saberes locais e as visões de mundo dessa localidade, fortalece a formação do cidadão descontextualizada da realidade regional.

Destarte, pensando na formação de um “Cidadão Rondoniense”, que seja capaz de compreender o mundo e o seu local no mundo, como propõe objetivamente a Geografia, precisamos pensar em um currículo contextualizado como instrumento de construção desta cidadania descolonizada e emancipada, contribuindo na formação de uma visão do espaço vivencial que valorize as questões de ordem política, social, econômica, cultural e ambiental de seu local de vivência.

Menezes e Araújo (2014) defendem a ideia dessa descolonização a partir da contextualização que valorize o local de vivência do educando, buscando com isso promover a oportunidade das manifestações de

sentimentos, emoções, verdades e realidades muito das vezes silenciadas, usurpadas e negadas pelo discurso oficial construído de cima para baixo ou de fora para dentro, expressando já esta intencionalidade e caráter silenciador.

Para exemplificar currículo identitário, Ferreira e Alves (2009, p. 04) citam os elaborados para promover a educação de alunos com necessidades especiais, alunos em risco social, alunos de área rural e:

Além destes, é possível exemplificar a construção de currículos para comunidades indígenas, em que se procura preparar o sujeito para a compreensão da sociedade brasileira a partir de suas práticas culturais. Isto só é possível através da produção de materiais/métodos didáticos produzidos pelos próprios sujeitos. Partindo do mesmo princípio é possível identificar os currículos para educação quilombola, que procura valorizar os saberes culturais da comunidade e a educação para jovens e adultos que também reconhece os conhecimentos prévios dos sujeitos e procura valorizar sua autoestima.

Utilizando-se da característica identitária do currículo (uma vez que o mesmo subjaz a construção da identidade do indivíduo), surge o conceito de currículo identitário, que por sua vez, busca, a partir do contexto em que está inserido, promover um processo de ensino que valorize a singularidade dos educandos dentro das diversidades socioculturais universalizantes do país, preservando a identidade/territorialidade do discente.

Assim, precisamos defender esta forma de organização curricular, que valoriza a formação do cidadão verdadeiramente Rondoniense, com pensamento e habilidades para solucionar problemas no seu espaço de vivência. Porém, para entendermos essa necessidade, precisamos compreender, a partir de uma reflexão histórica, a construção deste Espaço Geográfico.

Destarte, a região onde hoje se encontra o estado de Rondônia era parte integrante dos estados do Amazonas e Mato Grosso, que por sua vez estão inseridos Geograficamente dentro da Amazônia Legal. De acordo com Nunes (2015, p. 05), sua criação data da década de 1980 (mais precisamente em 22 dezembro de 1981 e instalado em Janeiro de 1982), porém já funcionava como Território Federal desde 1943 (Território Federal do Guaporé), onde, até então, “para cá” se deslocaram um número considerável, na grande maioria de nordestinos, atraídos pela economia extrativista da borracha e mineral, que somados aos nativos, formavam a sociedade local predominante da época.

Nunes (2015, p. 06) afirma que com a criação do estado e incentivados pelas propagandas do governo federal (“A nova estrela no azul da união”, “Terra sem gente para gente sem terra”, enfim, vários slogans exaltando a localidade), Rondônia sofreu a maior ocupação em curto espaço de tempo da história da humanidade, ou seja, em lugar algum do mundo uma localidade recebeu tanta gente em um espaço de tempo curto, de forma que em 1970, o então Território Federal contava com uma população de aproximadamente 111.000 habitantes, e em 1990, o já Estado Federativo, contava com uma população de aproximadamente 1.200.000 pessoas, um incremento populacional mais de dez vezes a população absoluta existente em 1970.

Nesse fenômeno populacional, se deslocaram, para o novo estado, os desafortunados do centro-sul do país, notadamente, os paranaenses, gaúchos, catarinenses, capixabas, mineiros, paulistas e outros grupos da região, que vinham tentar a sorte em busca de ganharem uma propriedade de terra do governo, instalar comércio etc.

Podemos dizer que Rondônia se tornou uma verdadeira “torre de Babel” culturalmente falando, pois, a partir de então, o que se percebia era uma enorme variedade de sotaques, música, dança, crença e visões de mundo que se conflitavam entre si e com os nativos que aqui já se encontravam.

Desta forma, percebe-se uma verdadeira desterritorialização dos migrantes e uma não territorialização dos mesmos, uma vez que estes traziam consigo a identidade territorial de seu local de origem e faziam questão de manifestá-la, e muito embora demonstrassem satisfações com as novas possibilidades socioeconômicas, seus sentimentos de pertencimento estavam mais ligados à terra natal do que à nova morada, onde para grande parte dos migrantes funcionavam como uma verdadeira colônia de exploração interna no Brasil, ou seja, lugar onde poderiam retirar riquezas e proveitos por um período e retornar para a localidade de onde vieram.

Somando-se a essa conjuntura, os cargos do executivo, legislativo, judiciário e o próprio sistema educacional Rondoniense, eram planejados e executados por indivíduos/migrantes oriundos do centro-sul do país, uma vez que estes eram os únicos considerados letrados (era comum quem soubesse apenas assinar o próprio nome, assumir cargos de decisões importantes, sem concurso, apenas por nomeações).

Também as escolas eram espaços comandados pela cultura centro-sulista, pois os professores (em sua maioria, leigos), recém-chegados, traziam consigo toda a carga cultural de sua origem. Assim, também vale ressaltar que os livros didáticos disponíveis para os mesmos eram e continuam sendo produzidos por escritores e pelas editoras da região central do país e, por conseguinte, reproduzindo a identidade cultural desta região.

Nessa época, como seria natural, quando um professor fazia a pergunta: Quem nasceu em Rondônia? Aparecia um ou dois alunos por sala de aula, até por que a maioria dos educandos eram filhos destes migrantes que para cá vieram e os trouxeram. Dentro desse contexto, a construção de uma identidade/territorialidade ficou comprometida, até então, em Rondônia, pois o sentimento de pertencimento, ou ficou no local de origem, no caso dos migrantes, ou não foram desenvolvidos de maneira integral, no caso dos filhos desses migrantes, devido a toda realidade explicitada até aqui.

Atualmente, se a mesma pergunta for feita dentro de uma sala de aula, verificaremos que o gráfico se inverteu, ou seja, apenas um ou dois alunos ficariam sem “levantar a mão”, demonstrando que hoje as escolas são frequentadas pelos filhos dos filhos dos migrantes nascidos em terras Rondonienses, ou seja, filhos de Rondônia.

Também se formos averiguar, veremos que existe um número considerável de Rondonienses em vários setores de decisões dentro do estado de Rondônia, notadamente na Educação (secretaria de educação, direção de escolas, supervisores, professores etc.), mesmo assim, ainda estamos praticando um Currículo Escolar em Geografia de fora para dentro, um currículo descontextualizado da realidade Rondoniense.

É um currículo pronto e acabado, baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais e distribuído pelas mais diversas editoras de livros didáticos, espalhadas pela região central do Brasil, contribuindo para permanência da reprodução de uma Identidade/territorialidade de fora, e não a construção de um sentimento de pertencimento Rondoniense.

Pensar em um currículo identitário para o ensino de Geografia no sistema educacional de Rondônia poderá contribuir, sobremaneira, na formação de uma identidade/territorialidade Rondoniense e construir um sentimento de pertencimento indispensável para o exercício de uma cidadania

mais responsável e comprometida com a elaboração e construção do Espaço Geográfico e o contexto sócio-econômico-histórico-cultural em que os educandos estão inseridos, neste caso o de Rondônia.

4 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO

Para se discutir o uso das TIC na educação, na atualidade, é necessário que façamos uma breve reflexão sobre as discussões que foram construídas sobre o tema e as suas possibilidades de uso como ferramenta pedagógica no ensino, sobretudo em Geografia. Desta maneira iremos tratar aqui nessa sessão de entender a mídia-educação, alguns conceitos sobre produção de vídeo documentário e suas possibilidades de uso em sala de aula.

4.1 Um Breve Histórico da Mídia-Educação

Vamos entender a maneira como o tema mídia-educação foi enfrentado e debatido pelos organismos e as autoridades ligadas ao tema no contexto educacional.

Em meado do século XX, nos países desenvolvidos, começaram a surgir as primeiras discussões sobre mídia-educação. Nessa sua fase primária essas reflexões se davam com enfoque aos cuidados com os aspectos políticos e ideológicos intrínsecos nas programações midiáticas da vida cotidiana, sobretudo a política.

Desta maneira, as preocupações com os conteúdos midiáticos passam a ser os objetos de ocupação de pesquisadores, jornalistas, grupos religiosos e educadores, fazendo-os refletir sobre a importância de desenvolver nas crianças e jovens uma leitura crítica dos produtos audiovisuais disponibilizados pelos meios de comunicação de massa de maneira a afastá-los dos perigos de influências ideológicas, uniformização estética e empobrecimento cultural. Sobre isso, Bévort e Belloni (2009, p.1085) dizem:

As abordagens mais influentes focalizavam os efeitos da “exposição” às mídias de massa da época: efeitos ideológicos, político-eleitorais, éticos e sobre comportamentos infantis e adolescentes (violência, sexualidade...). Pesquisadores de diferentes horizontes, educadores, jornalistas e grupos religiosos buscavam minimizar a importância dos efeitos das mídias ou, ao contrário, demonstrar seus perigos.

Na década de 1960, algumas organizações internacionais passaram a utilizar o termo mídia-educação como forma de atribuir funções educacionais das mídias de massa para a educação à distância reconhecendo, ainda que de forma meio confusa, a capacidade das TIC em levarem conhecimentos em

grande escala às comunidades desprovidas de sistemas educacionais, tanto de ordem estrutural como mão de obra qualificada. No entanto, a mesma expressão é utilizada na mesma proporção para demonstrar os cuidados com a influência cultural, manipulação política-ideológica e a necessidade de uma leitura crítica dos conteúdos midiáticos recebidos pelas crianças e adolescentes.

Na década de 1970 surge uma definição que busca solucionar essa dicotomia conceitual. Segundo Bévort e Belloni (2009, p.1086):

Por mídia-educação convém entender o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia.

Percebemos aqui, nessa definição, a separação conceitual nas suas duas dimensões: o objeto de estudo e a ferramenta pedagógica. Assim, a mídia-educação passa a ser encarada como a preparação das novas gerações para a leitura crítica dos conteúdos e dos contextos políticos e econômicos das produções midiáticas em geral.

Acompanhando o processo histórico de reflexões promovidas pelos mais diversos seguimentos da sociedade notadamente os organismos internacionais através de conferências e fóruns, perceberemos uma tendência em fortalecer as discussões voltadas para a mídia-educação como objeto de estudo e não como ferramenta pedagógica.

Porém, na década de 1980, a UNESCO vai abrir espaço para o campo educativo para as mídias-educação. Em reunião internacional ela afunilará o debate sobre o tema, reconhecendo a importância das mídias nas influências culturais contemporâneas e na participação ativa do cidadão na sociedade reforçando uma leitura crítica dos conteúdos midiáticos. No entanto, valoriza a utilização também dos,

[...] meios de expressão da opinião e da criatividade pessoais, cuja apropriação é necessária assegurar a todos os cidadãos. Começa a se construir, a partir de então, a noção da mídia-educação como formação para a apropriação e uso das mídias como *ferramenta*: pedagógica para o professor, de criação, expressão pessoal e participação política para todos os cidadãos (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1087).

Mesmo assim, muito embora tenham ocorridos vários esforços de diversos seguimentos sociais, a década de 1980 se caracterizou como frustrante para aqueles que empregaram esforços no caminho de trazer à luz o conceito mídia-educação mais sistemático e oficial no universo educacional.

Na década de 1990, em outro momento de discussão internacional promovida pela UNESCO, surgem novas definições de mídia-educação tentando promover a interligação dos aspectos críticos e técnicos e suas duas dimensões: objeto de estudo e ferramenta pedagógica, muito embora ainda permaneça o foco centrado no que se refere às mensagens midiáticas e suas influências culturais e políticas-ideológicas.

No entanto, nesse encontro surgem apontamentos de muita proposição para a evolução do tema mídia-educação como ferramenta pedagógica, como as ações de formação de professores e apontamentos sobre as experiências feitas por associações e ONG. Contudo, em relação à pesquisa a ênfase continua muito centrada ainda no campo da comunicação em detrimento do campo da educação. Porém, devemos reconhecer o relativo avanço em relação à escuta e à participação efetiva de crianças e jovens em ações e programas de mídia-educação destinada a eles.

Destarte, os avanços técnico-científicos evidenciados no final do século XX no campo da telecomunicação e transporte e, sobretudo, na área da informática, promovidos pelo surgimento do computador e da internet, e posteriormente os mais diversos dispositivos técnicos relacionados com as telecomunicações como, telefones celulares multifuncionais, Ipod e MP3, jogos eletrônicos cada vez mais performáticos, irá possibilitar novas formas de se comunicar, produzir e difundir informações.

É o que chamamos de TIC, ou seja, as Tecnologias da Informação e da Comunicação, que somadas com o poder da internet irão transformar um simples usuário em potenciais manipuladores de mídias sofisticadas permitindo interatividade e acesso a informações e entretenimento em larga escala.

Esse cenário exigirá novas reflexões sobre a definição e as propostas da mídia-educação, como ressaltam Bévort e Belloni (2009, p.1091-1092):

As novas TIC representam, evidentemente, novos desafios para a mídia-educação, que deve aprender a lidar com: uma cultura midiática muito mais interativa e participativa entre os jovens; fronteiras indefinidas entre a elite produtora de

mensagens e a massa de consumidores; novos modos de fazer política e novas possibilidades democráticas. [...] Além das consequências do avanço técnico, transformando os espectadores em usuários, a mídia-educação também precisa incorporar em suas definições e propostas os efeitos culturais, educacionais e sociais do novo Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1989 pela ONU e progressivamente ratificado pela maioria dos países.

A UNESCO realizou no ano de 1999 uma conferência internacional em Viena onde pela primeira vez se percebeu considerações significativas aos avanços tecnológicos e suas implicações socioculturais, comportamentais, cognitivas, linguísticas e estéticas, ultrapassando uma visão meramente de suporte técnico para as novas mídias.

Essa mudança de visão sobre as TIC se reforça, nessa conferência, com a defesa de que a mídia-educação e a atuação efetiva de crianças e adolescentes são indispensáveis para garantir direitos conquistados por esses, principalmente no que se refere aos artigos 12, 13 e 17 da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que tratam do direito à participação em decisões sobre assuntos que lhes dizem respeito, à liberdade de expressão e à informação respectivamente. Essa situação pode ser notada no fato de uma participação mais ativa dos jovens nas discussões dessa conferência quando,

Pela primeira vez, num encontro deste tipo, os jovens desempenharam um papel efetivamente ativo, provando que *eles estão aptos a criar seus próprios espaços midiáticos*: eles gravaram o encontro em vídeo e realizaram um documentário que captou a atmosfera da Conferência, o compromisso dos especialistas, a presença ativa dos jovens e mesmo um pouco do clima divertido que envolvia a todos (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1092)

Apesar do dualismo de visões entre os países do norte desenvolvido e os países do sul subdesenvolvido sobre mídia-educação, nessa conferência de Viena podemos destacar alguns pontos comuns, como: Deve emanar dos interesses dos estudantes; Significa pensamento crítico e deve levar à construção de competências de análise crítica; A produção de mensagens pelos estudantes é um elemento essencial para a construção do pensamento crítico e da expressão; É necessária à participação e à democracia, ou seja, é fundamental para a cidadania; Deve considerar que a globalização, a desregulação e a privatização das mídias levaram à necessidade de novos

paradigmas de educação; E deve incluir todas as mídias, não mais focalizar apenas ou principalmente as mídias impressas, mas deve incluir múltiplas alfabetizações (literacies).

Também os debatedores nessa conferência emitiram críticas e apontaram obstáculos sobre mídia-educação e sua utilização nos processos escolares, como por exemplo, podemos citar a falta de políticas públicas e apoio de organismos oficiais sobre o tema; e a falta de interesse das próprias mídias com ações de mídia-educação, principalmente em se tratando de proporcionar o raciocínio crítico e criativo e a liberdade de expressão e democracia.

Essa ausência de políticas públicas reside no fato da ineficiência do estado em atender as demandas geradas pela evolução da sociedade e as necessidades criadas pelo surgimento dos novos desafios, notadamente no que se refere à educação, que na maioria das vezes passa ao largo das prioridades governamentais efetivamente.

No que tange a má vontade da mídia em ações de mídia-educação, podemos usar duas afirmações que sintetizam bem essa realidade. Uma é que seria ingenuidade esperar que a mídia usasse todo seu poder em prol da escola, adaptando-se a ela, e muito menos a família apresenta habilidade para fazer isso. Desta maneira, cabe à escola executar esse papel.

A outra afirmação é de Bévort e Belloni (2009, p.1094) mostrando que:

[...] as mídias de massa, baseadas na publicidade comercial, precisam de audiências desavisadas, distraídas, embevecidas pelas aventuras dos heróis das ficções ou embaladas por informações fragmentadas, prontas a aceitar sem pensar os argumentos de mensagens publicitárias animadas, coloridas, envolventes. Os sistemas de mídia necessitam de públicos não-educados, acríticos, cujo *tempo de cérebro* suas mensagens preenchem.

Apesar desses avanços conceituais, princípios, objetivos e conteúdos sobre mídia-educação, até essa conferência pouco se progrediu no caminho efetivo de ações concretas para as políticas públicas de educação e cultura.

Mesmo em tempos atuais percebemos que nenhum sistema educacional conseguiu efetivar mídia-educação em seus programas de ensino e sua difusão entre profissionais da educação de maneira a incorporá-la no cotidiano dos processos educacionais em geral. Embora seja claro e não podemos

deixar de expor a existência de empreitadas importantes no campo de mídia-educação, promovidas por atores de boa vontade e militantes motivados, porém, de caráter voluntário e facultativo.

Na agenda de Paris, em 2007, foram construídas 12 recomendações baseadas em quatro grandes eixos temáticos definidos em janeiro de 1982 na reunião de Grunwald (na época Alemanha Ocidental) para a estruturação da mídia-educação, conforme quadro demonstrativo abaixo:

Quadro 2: Eixos e recomendações para estruturação da mídia-educação

<i>Eixo temático I</i>		<i>Desenvolvimento de programas integrados em todos os níveis de ensino</i>
Recomendações	1.	Adotar uma definição inclusiva da mídia-educação que vá além da simples distinção entre educação pelas mídias e educação para as mídias e considere as mutações trazidas pelo desenvolvimento das TIC: novas competências, novos modos de aprender, ligados ao domínio da informação e à comunicação interativa, ou seja, à apropriação criativa e crítica das tecnologias e seus usos como meios de expressão.
	2.	Reforçar os vínculos entre a mídia-educação, a diversidade cultural e o respeito aos direitos humanos, no sentido de contribuir para a emancipação e a responsabilização dos indivíduos, como parte integrante da formação para a cidadania.
	3.	Definir as competências a construir, organizando o ensino em todos os níveis, de modo transversal e interdisciplinar, e os sistemas de avaliação, de alunos e professores, visando à melhor pertinência e eficácia.
<i>Eixo temático II</i>		<i>A formação de professores e a sensibilização dos diferentes atores da esfera social</i>
Recomendações	4.	Integrar a mídia-educação à formação inicial dos professores, considerada como elemento-chave do dispositivo, devendo integrar ao mesmo tempo as dimensões conceituais e os saberes práticos e estar baseada no conhecimento das práticas midiáticas dos jovens.
	5.	Desenvolver métodos pedagógicos apropriados e ativos, sem receitas prontas, que impliquem uma evolução no papel do professor, uma maior participação dos alunos e relações mais estreitas entre a escola e o mundo exterior.
	6.	Mobilizar todos os atores do sistema escolar, técnicos, administradores, etc., no sentido de sensibilizar a todos a assumir responsabilidades e legitimar as ações.
	7.	Mobilizar os outros atores da esfera pública, pois a mídia-educação não se limita aos espaços escolares, mas diz respeito também às famílias, associações e profissionais de mídia.
	8.	Inscrever a mídia-educação no quadro da educação ao longo da vida, pois ela diz respeito também aos adultos, podendo ser vetor de uma melhor qualidade da educação continuada.
<i>Eixo temático III</i>		<i>A pesquisa e suas redes de difusão</i>
Recomendação	9.	Desenvolver a mídia-educação e a pesquisa no ensino superior, em quadros interdisciplinares e em relação com estudos sobre inovações pedagógicas e sobre o impacto das TIC no ensino e na formação.
	10.	Criar redes de intercâmbio entre pesquisadores, de modo a capitalizar e compartilhar hipóteses e resultados de pesquisa, para contribuir à mudança de escala necessária à mídia-educação. Os resultados deveriam levar à elaboração de recomendações éticas suscetíveis a compor uma Carta internacional.
<i>Eixo temático IV</i>		<i>A cooperação internacional em ações</i>
R	11.	Organizar e tornar visíveis os intercâmbios internacionais, no sentido de

	difundir as “boas práticas” e os trabalhos existentes, para melhor apreender a diversidade de situações concretas.
	12. Sensibilizar e mobilizar os atores políticos, notadamente os decisores de alto nível em todos os países.

Fonte: Reginaldo Diógenes de França adaptado Agenda Paris 2007

Dentre vários avanços elencados nessa agenda de Paris, merece destaque o surgimento mais efetivo da função dos processos educacionais na valorização da mídia-educação e sua integração na formação inicial dos profissionais de educação, bem como sua inserção no processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar.

Atualmente não se questiona as transformações que as revoluções em telecomunicação e informática promoveram, e vêm promovendo, no campo do setor produtivo, no comportamento social e nas manifestações culturais de qualquer sociedade no mundo todo, guardadas as devidas diferenças sócio-espaciais.

No entanto, os processos educacionais ainda vivem a dicotomia entre o tradicionalismo didático e a inserção das novas TIC nas práticas pedagógicas atuais. Precisamos compreender que estamos vivendo um momento que demanda novas posturas quanto ao conceito de ensinar e aprender diante de jovens, crianças e adultos em contato direto com as TIC.

As mídias-educação constituem-se atualmente em ferramentas indispensáveis no processo de interatividade na sociedade contemporânea. Elas são eficientes na produção, reprodução e transmissão de valores culturais, por isso sua manipulação de maneira crítica e criativa torna-se fator essencial para o exercício da cidadania. Além de atuarem no campo da cultura, as mídias-educação desempenham um papel decisivo na maneira como as pessoas passam a compreender a realidade, de produzir informações, de divulgar ideias, de descobrir novos conhecimentos, entre outros. Assim, passando a funcionar como:

[...] uma espécie de escola paralela mais interessante e atrativa que a instituição escolar, na qual crianças e adolescentes não apenas aprendem coisas novas, mas também, e talvez principalmente, desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, “novos modos de aprender”, mais autônomos e colaborativos, ainda ignorados por professores e especialistas [...] (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1083).

Não podemos pensar numa sociedade que desfruta plenamente da cidadania sem a promoção do acesso às mídias de forma crítica e criativa por todos os integrantes dessa sociedade. Pensando nisso podemos perceber sua importância no contexto educacional, como destacam Bévort e Belloni (2009, p.1082):

[...] a prática de integrar estas mídias nos processos educacionais em todos os níveis e modalidades, sem o que a educação que oferecemos às novas gerações continuará sendo incompleta e anacrônica, em total dissonância com as demandas sociais e culturais.

As discussões sobre mídia-educação podem ser consideradas ainda como algo muito recente no contexto acadêmico e têm apresentado grandes dificuldades para tomar destaque no mundo educacional. Isso se deve, entre outros fatores, à forma como é dada sua importância na formação inicial e continuada dos professores. Além desse obstáculo Bévort e Belloni (2009, p.1082-1083) apontam outros:

i) ausência de preocupação com a formação das novas gerações para a apropriação crítica e criativa das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC);¹ ii) indefinição de políticas públicas e insuficiência de recursos para ações e pesquisas; iii) confusões conceituais, práticas inadequadas, “receitas prontas” para a sala de aula, em lugar da reflexão sobre o tema na formação de educadores; iv) influência de abordagens baseadas nos efeitos negativos das mídias que tendem a bani-las da educação, em lugar da compreensão das implicações sociais, culturais e educacionais; v) integração das TIC à escola de modo meramente instrumental, sem a reflexão sobre mensagens e contextos de produção.

Do ponto de vista estrutural podemos fazer algumas reflexões sobre a integração das mídias aos processos educacionais e comunicacionais. Atualmente esta integração ocorre de maneira diferente entre o campo da comunicação e da educação. Enquanto no campo comunicacional ela é intensa e rápida, no campo educacional ela é lenta e tímida.

Isso se dá pelo fato de que no universo da comunicação as novas técnicas, surgidas no mundo das mídias, são apropriadas imediatamente para atender uma necessidade de mercado. Já no universo educacional elas encontram resistências, que segundo Bévort e Belloni (2009, p. 1084), resultam das “[...] características estruturais e institucionais [...]” que “[...]”

dificultam mudanças e inovações pedagógicas e organizacionais, que a integração de novos dispositivos técnicos acarreta”. Todavia, os mesmos autores defendem que é,

[...] importante considerar esta integração, na perspectiva da mídia-educação, em suas duas dimensões inseparáveis: *objeto de estudo e ferramenta pedagógica*, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias. Somente assim a escola poderá cumprir sua missão de formar as novas gerações para a apropriação crítica e criativa das mídias, o que significa ensinar a aprender a ser um cidadão capaz de usar as TIC como meios de participação e expressão de suas próprias opiniões, saberes e criatividade (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1084)

Mesmo evidenciando a valorização da integração das TIC no contexto escolar em suas duas dimensões, apesar de não ser o foco da discussão, aqui neste estudo, não podemos deixar de constatar que existe uma desigualdade sócio-espacial de acesso e apropriação das TIC, onde elas serão mais evidenciadas nas classes sociais mais privilegiadas e nos espaços geográficos mais desenvolvidos.

Mesmo assim, integrar as TIC no contexto escolar deve ser encarado como fator indispensável na prática de uma educação de qualidade, uma vez que elas já fazem parte do cotidiano dos discentes e poderão acabar funcionando como concorrentes da escola e da família. Considerar a importância das TIC no processo educacional é contribuir para o não afastamento da escola dos jovens e proporcionar às instituições de ensino a promoção de uma educação inclusiva e participativa na formação do indivíduo para o seu pleno exercício da cidadania.

Sendo as TIC tecnologias criadas e manipuladas com o intuito de compartilhar informações, elas se manifestam através de sites de web, blogs, equipamentos de informática, telefonia e demais áreas de distribuições e trocas de informação.

Assim, ao falarmos do uso das TIC na educação, estamos nos referindo às mais diversas possibilidades de uso. Usos estes que podem ir de uma simples consulta em sites de busca na internet até as manipulações dos mais modernos equipamentos e softwares do universo tecnológico, no campo da comunicação na atualidade.

Entrementes, o que se defende nesta pesquisa, é a produção de vídeo documentário, utilizando-se para isso os equipamentos e os softwares disponíveis no cotidiano dos educandos nesta contemporaneidade como, por exemplo, os dispositivos móveis (celulares e smartphone), laptop, internet, máquina fotográfica, filmadora, sites da web, notebook, computadores, e programas de edição de imagens sons e textos de fáceis manuseios levando-se em consideração que estamos falando da geração digital na atualidade.

4.2 O Uso da Produção de Vídeo Documentário na Sala de Aula

A defesa do uso da produção de vídeo documentário no ensino, neste trabalho, apresenta-se como uma reflexão sobre a realidade vivida pela sociedade estudantil da atualidade quanto ao seu acesso às TIC e a manutenção de processos educativos desconectados com a nova realidade sociocultural e suas necessidades educativas eminentes.

O século XXI chegou e as escolas ficaram para trás. Vivemos uma atmosfera educacional onde a docência empregada nas escolas, em sua maioria das vezes, acaba por formar o cidadão do passado e não o cidadão do presente e do futuro. A escola do século XXI está formando o cidadão do século XIX, tamanho é o descompasso existente entre o que se ensina e como se ensina com o que se precisa ensinar e a maneira como se deve ensinar.

Ainda presenciamos cenas de uma sala de aula onde um professor em cima de um tablado transmite o conhecimento catequeticamente e os alunos sentados enfileirados um atrás dos outros tomam nota das verdades emitidas pelo docente, que na maioria das vezes é vítima de uma formação inicial e continuada condicionante ao estilo de docência estática e hierarquizada ainda predominante no cotidiano escolar.

Mas podemos mudar essa realidade educativa? Acreditamos que sim. Mais que acreditar, é necessário. É indispensável para nos aproximarmos de um sistema educacional que esteja pronto para formar cidadania do presente e não cair no abismo da escuridão intelectual e cidadã e com ele todos os indivíduos, vítimas de um processo educacional ineficiente e improdutivo.

Os discentes do século XXI querem mais que isso. Possuem expectativas para além disso. Estamos na era da cibercultura como citado por Valência (2012, p. 99):

No século XXI, a comunicação é ampliada, modificada e recodificada através das novas tecnologias. Nesse sentido, a cibercultura é estabelecida e constituída, a partir da década de 1970, pelas relações entre as tecnologias da informação e de comunicação e a cultura, com a conjunção da informática e das telecomunicações, fazendo surgir novas relações sociais e configurando a cultura contemporânea.

Outro fator que contribui para a defesa de uma escola baseada mais na construção do conhecimento e na participação do aluno nesse processo é o que defende o estudo de Almeida (2005 *apud* TORRES, 2011, p. 03), afirmando que as crianças prestam atenção em 10% do que elas leem, em 20% do que elas escutam, 30% do que elas veem, 50% do que elas veem e escutam ao mesmo tempo, 80% do que ela diz, e 90 % do que ela diz e faz ao mesmo tempo.

Neste mundo, a palavra de ordem é a interatividade e o professor que não se atentar para isso terá que travar uma batalha diária pela atenção dos alunos contra os mais diversos instrumentos de interatividade, como jogos eletrônicos, MP3, celulares de última geração com os mais diversos tipos de aplicativos, câmaras embutidas e conexões com a internet.

E quando falamos em construção, participação, interatividade e outros adjetivos que nos levam a uma educação mais significativa, não queremos dizer para cair na ingenuidade e entrar no “oba-oba” da interatividade pura, precisamos relativizar essa teoria. Não podemos negligenciar o currículo, os conhecimentos dispostos no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola devem ser os objetivos centrais do processo de ensino-aprendizagem, mesmo que estes ainda sejam extensos, precisamos pelo menos tentarmos cumpri-los, até porque, vivemos um sistema educacional conteudista, que prioriza os fins e não os meios. Basta verificarmos os sistemas de avaliação como os vestibulares e outros processos de seleções classificatórios (eliminatórios) que se baseiam no acúmulo de informações.

Mesmo ainda prevalecendo estes sistemas avaliativos, precisamos mudar o jeito de ensinar, pois muitas formas de se ensinar hoje já não se justificam mais. Algumas são apenas perdas de tempo do aluno e do professor, pois geram conhecimentos (quando geram) sem conexão com as expectativas do mundo moderno. Isso é percebível por toda a comunidade escolar, principalmente professores e alunos, que estão ligados diretamente ao

processo. Basta percebermos o desinteresse dos alunos em aprender e a desmotivação dos professores em ensinar, ninguém se desinteressa ou se desmotiva com aquilo que lhe traga algo significativo.

Mas como realizar um processo de ensino-aprendizagem que venha ao encontro das demandas educativas do século XXI?

Podemos começar refletindo sobre o sistema educacional, questionando e ultrapassando as estruturas rígidas dos conceitos de espaço-tempo, currículo e sistemas de controles, que pouco ou nada tem contribuído para o avanço da educação no horizonte desse novo século.

Ainda estamos vivendo um sistema onde o conceito de aula está muito mais ligado ao espaço-físico que ao espaço-aprendizagem. O conceito de conhecimento está muito mais relacionado com o comprimento do rol de conteúdos do que a aprendizagem significativa; e o conceito de aprendizagem está muito mais ligado aos sistemas de controle de resultados do que aos processos atitudinais e comportamentais.

A educação de qualidade depende muito do aluno também, ele tem que ser motivado e interessado para a aprendizagem, para isso, precisa-se ter a sensibilidade, segundo Moran (1999, p. 01), “[...] de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente [...]”, pois do contrário se “[...] a informação não fizer parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente”.

Precisamos enfatizar também, que esse aluno motivado estimula e ajuda o professor a ajudá-lo, pois ambos fazem parte de um processo autointerferente.

Os docentes são a outra face dessas mudanças. Sem querer aqui, neste momento, entrar diretamente na sua condição social e profissional, tão evidente e influenciadora em sua prática, os profissionais da educação precisam ser estruturados intelectual e emocionalmente, devem ser pessoas curiosas, entusiasmadas e abertas ao novo. Essa estrutura intelectual e emocional os torna mais humildes e confiantes para, segundo Moran (1999, p. 02), “[...] mostrar para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades [...]” e fazê-los a entender que, “[...] aprender é passar

da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses”.

Outra coisa que temos que citar nessa conjuntura é os gestores e os pais. Os gestores devem estar abertos e atentos a projetos pedagógicos inovadores e valorizar os profissionais criativos. Já os pais (família) devem estar maduros e estruturados eticamente, intelectualmente e emocionalmente para incentivarem o processo que, segundo Moran (1999, p. 03) “[...] valorizem mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica, capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação”.

Em relação à docência devemos defender um processo de ensino mais democrático e acolhedor, pois segundo Moran (1999, p. 01): “Avançaremos mais pela educação positiva do que pela repressiva [...]” e começar “[...] pelos pontos positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na nossa capacidade de aprender e de mudar”.

Além disso, precisamos praticar uma docência onde os alunos sejam mais participativos na construção de seus conhecimentos e esta prática não pode deixar de desconsiderar o contexto sociocultural e tecnológico ao qual a sociedade atual está inserida.

Na atualidade precisamos compreender que não é só a família e a escola que educa. Temos que partir do princípio que existem outros atores no processo educativo. No caso específico desta dissertação, devemos considerar a importância que a mídia eletrônica tem dentro do processo, onde o educando, através dela, desde a idade de criança e depois se segue nas fases posteriores, começa a informar-se, a conhecer outros espaços, a construir sentimentos, emoções, ideias, começa a construir identidades, vontades, posicionamentos etc.

Devemos abordar também que esse aprendizado é, segundo Moran (1999), prazeroso, pois ninguém obriga, é feito através da sedução e da emoção explorada sensorialmente pelas narrativas de forma mais fácil, agradável e compacta, exigindo pouco esforço e não se exige o processo avaliativo no final. Desta maneira, a mídia educa e torna-se um concorrente da escola que continua como um espaço rígido, obrigatório, avaliativo, cansativo e desinteressante.

Essa eficácia (e digo eficácia, pois o conceito eficiência não caberia aqui, uma vez que esse processo educativo, não formal, produzido pelos meios eletrônicos, pode não caminhar para uma formação ideal), obtida pelos meios eletrônicos, segundo Moran (1999, p. 04), “[...] se deve também à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes - imagens, falas, música [...]” combinando “[...] imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens referenciais (registradas diretamente com a câmara) com imagens criadas por um artista no computador”.

Desta maneira, deve-se entender a importância de integrar o uso das mídias no cotidiano escolar. Essa integração deve ser feita de maneira que, o poder público, através dos sistemas educacionais, propicie o acesso de todos os alunos às Tecnologias da Informação e Comunicação, e as instituições de ensino, através de projetos inovadores e criativos e da prática da docência, devem oportunizar a manipulação das mesmas dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Quando falamos sobre o uso das TIC na educação, devemos compreender que ela apresenta várias possibilidades, podendo ir de uma simples busca nos site da web até o manuseio dos mais sofisticados equipamentos e software de última geração, isso vai depender da natureza do problema que se quer resolver, do nível escolar e/ou da especialização que se deseja alcançar dentro do processo.

Destarte, como esta investigação trata de uma intervenção num processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio, procurou-se usar as TIC nas aulas de Geografia para a produção de vídeo documentário, utilizando para isso equipamentos e softwares que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Assim, a produção de vídeo documentário pode se tornar um grande atrativo e despertar interesse e criatividade dos discentes. Segundo Costa e Santana (2009, p. 37-38):

[...] a realização de atividades planejadas no cotidiano escolar torna o aluno sujeito ativo no processo de produção do conteúdo, contribuindo para a formação de um cidadão mais crítico frente às manipulações da informação. [...] produzir em sala de aula é antes de tudo verificar como os alunos se vêem e representam a si mesmo e de que forma recriam em imagens o seu mundo. [...] vídeo, na concepção dos alunos, significa

descanso e não “aula”, o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso.

A produção de vídeo no gênero de documentário pode ser uma grande ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, pois segundo Fortuna *et al* (2014, p. 03):

O documentário é um gênero cujo maior atributo é ser uma porta aberta para o mundo, para diferentes olhares sobre o mundo, para a reflexão sobre o mundo e é para quem a eles se dedica, um espaço aberto para a experimentação e exploração criativa.

O gênero documentário, sobretudo a sua construção no ambiente escolar, pode então contribuir nas discussões de temas escolares, uma vez que sua natureza possibilita novos olhares e reflexões sobre um fato ou fenômeno, pois ele se torna um excelente espaço de debate pela sua natureza de permitir a contextualização dos acontecimentos emitindo as causas e apontamentos para possíveis soluções.

Nota-se que as narrativas sobre o uso de produção de vídeo, em formato de documentário, pode propor um novo olhar sobre diversos assuntos ou temas relevantes, sobretudo no âmbito das discussões sociais, que permite várias interpretações valendo-se de opiniões variadas respeitando as visões dos interlocutores.

Entrementes atrever-se a inovar no campo educacional não é tarefa fácil. A própria comunidade escolar (docentes e discentes) acaba, por forças condicionantes apegadas ao tradicionalismo, enxergar, em uma primeira instância, como “enroleição”, ou seja, o professor não quer dar aula e está enrolando. No entanto, pode e deve se tornar um desafio estimulante na tarefa de ensinar.

A proposta do uso da produção de documentário em sala de aula deve ser o meio e não o fim. Desta maneira, o que vai importar não será a qualidade do vídeo, mas a aprendizagem a partir da produção do vídeo. Para Costa e Santana (2009, p. 37), “o conteúdo não deve ser substituído plenamente pela produção”, assim é necessário trabalhar de maneira equilibrada as teorias do conteúdo estudado e a prática inovadora com o uso dos recursos audiovisuais.

A primeira coisa a se fazer, quando o docente decide trabalhar com o uso de vídeo documentário como ferramenta pedagógica, é buscar as noções

básicas sobre a produção de vídeo. Não precisa se tornar um profissional da cinematografia para usar tal recurso didático, até porque o objetivo maior não é o vídeo e sim o processo de ensino-aprendizagem. Outra questão é que nesta “cultura digital”, grande parte dos nativos desta “geração Z” domina amplamente os instrumentos das novas tecnologias e os programas de edição de vídeos mais sofisticados.

4.3 Conhecendo Alguns Conceitos e Técnicas na Produção Audiovisual

Muito embora não seja preciso o domínio total das técnicas de produção para se trabalhar com o uso dos recursos audiovisuais em sala de aula é necessário que se conheça o mínimo sobre algumas técnicas. Essa afirmativa se fundamenta no fato de muitos alunos, nessa era digital, já terem conhecimentos prévios e empíricos sobre o manuseio de diversos instrumentos audiovisuais e softwares ligados ao tema, e que, no entanto, discutir as técnicas formalmente pode levar ao aprimoramento de seus usos na produção de materiais audiovisuais muito embora o que se procura, usando estes recursos em sala de aula, não é a qualidade do material fílmico, mas a possibilidade de sua utilização como recursos didáticos na aprendizagem do educando.

Assim, procuramos promover um breve estudo, nessa dissertação, de alguns conceitos básicos sobre a produção audiovisual.

1. Definindo linguagem e gênero de vídeo.

Vamos definir alguns gêneros de vídeos para verificarmos como um diferencia-se do outro. É importante externar que não se pretende aprofundar, é apenas uma aproximação com o mundo da filmagem. Para isso vamos utilizar o material desenvolvido pela Explorer Produções (2015, p. 01) para as oficinas oferecidas através do 7º Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema – Guaíba/RS:

- A ficção é algo imaginário, acontecimentos sem compromisso com a realidade. Podendo ser em forma de comédia, ação, terror, suspense, drama etc.
- A propaganda é a divulgação de ideias sobre determinado assunto ou produto. Deve ser objetiva e de fácil compreensão, passando sua

mensagem em curto espaço de tempo.

- Documentário é feito através de registro de fatos ou fenômenos (sociais ou naturais) sobre qualquer tema, porém sempre tratando da realidade, ou seja, não pode haver fantasia. Nesse tipo de vídeo podem-se usar depoimentos, fotos, textos, sons, narração e imagens.
- Animação é a forma de fazer vídeo dando movimentos a qualquer material não animado como desenhos, bonecos, maquetes etc. Essa animação se faz através de uma técnica (stop motion) que vai fotografando quadro a quadro ou filmando quadro a quadro. Por exemplo, cria-se uma situação: Um boneco atleta, de cera, realizando uma corrida. Assim vai-se montando os quadros partindo da cena da largada, até a chegada do boneco no final, sendo que em cada mudança de posição (quadro) deve ser filmada (rapidamente ligando e desligando a filmadora) ou fotografada. Depois editar no computador. No caso de desenho, poderá digitalizá-lo através do scanner.

2. Sinopse

É um pequeno texto de forma resumida contendo a história central e os tópicos mais importantes do vídeo que se pretende produzir. Esse é um fator facilitador para a montagem do roteiro e o controle do tempo do vídeo.

3. Argumento

O argumento é o pré-roteiro. Caracteriza-se por ser um texto literário completo, baseado na sinopse, contendo a história que se pretende abordar no vídeo e seus ingredientes.

4. Roteiro

No roteiro deve-se colocar tudo o que é necessário para as cenas (falas, ações, ruídos, músicas, personagens etc.). Deve-se inclusive descrever as características dos personagens e atores escolhidos para representá-los na cena. Hampe (2014, p. 06) diz que:

O roteiro abrange todas as etapas do documentário: início, meio e fim. É escrito em cenas que descrevem todas as ações e falas que devem ocorrer em determinados locais e em determinados momentos. Começa-se uma nova cena toda vez que se muda o tempo ou o espaço da ação.

Existem dois modelos básicos de roteiro. O formato clássico de cinema e o formato de TV em duas colunas. O primeiro formato é específico para o

cinema, portanto, desnecessário comentá-lo aqui. Já o segundo, que nos interessa, divide as cenas em duas colunas a do áudio e a da imagem. A da esquerda com anotações que se referem à imagem, e a da direita, ao som.

Quadro 3 : Exemplo de roteiro técnico

Imagem	Som
Cena 01: Descrição da cena, local, quem estará e qual é a situação de forma geral.	
Tomada 01 - Plano geral em um riacho ao entardecer. Sozinha. No fundo alguns animais, Maria chora a saudade do amado. Com vestido longo cobrindo os joelhos. <i>Zoom in</i> na Maria até plano close, quando uma lágrima rola de seu rosto.	Escolher um som que retrate o clima. Definir qual o tempo de duração do som na cena.
Tomada 02 - ...	Incluir fala do personagem ou narrador

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Também se pode usar o Story Board, onde os planos de filmagem serão representados por desenhos.

5. Definição de equipe/créditos

É difícil alguém ficar até o final de um filme contemplando os créditos de uma produção. Trata-se de uma lista dos nomes e funções dos profissionais que participaram e colaboraram de alguma forma para a realização do filme: a ficha técnica.

Ribeiro (2011, p. 25-26) define algumas das funções que podem constar em uma produção:

- I. *Elenco*: atores e atrizes que trabalharam na produção. Organizado por ordem de importância, aparecimento ou alfabética.
- II. *Produtor executivo*: responsável em fazer cumprir o cronograma traçado previamente, dentro do orçamento e tempo previstos; controlar gastos e coordenar os detalhes técnicos, administrativos e logísticos (Diretor de produção).
- III. *Diretor*: responsável pela criação artística (concepção e execução). Supervisiona o roteirista, comanda e orienta os atores e conduz o trabalho.
- IV. *Produtor*: coordenação dos meios necessários para a realização de um programa. Em cinema, o produtor também é quem financia ou consegue financiamento para a produção.
- V. *Roteirista*: planeja e escreve o roteiro (história).
- VI. *Diretor de fotografia*: responsável pela imagem, nitidez, iluminação e efeitos fotográficos.
- VII. *Diretor de som*: responsável pelo controle e supervisão do som, inclusive desempenho dos equipamentos utilizados (Diretor de áudio).
- VIII. *Cinegrafista/Câmera*: operador de câmera (equipamento).
- IX. *Editor*: encarregado de editar, montar, o filme (vídeo),

aliando áudio, vídeo, legendas e o que mais a produção exigir.

Além dessas funções, pode-se incluir na lista de créditos finais de um filme: as camareiras, motoristas, assistentes e distribuidores, os colaboradores, prestar agradecimentos, e no final fechar com imagens (logomarcas) relativas à produção e à realização do projeto.

6. Decupagem

Conhecida também como análise técnica, a decupagem, baseada no roteiro, descreve as necessidades cena a cena, definindo os cenários, a ordem de gravação e outras providências para produzir cada cena.

Quadro 4: Exemplo de decupagem

Cena ____ (colocar o nº da cena, cena 01)
Local: (Descrever o lugar, o cenário: “dentro de um avião... sentado... etc)
Atores: (quantos e quais: 02, Léo e Marcos)
Figurino: (como estão vestidos: Léo de bermuda e boné...)
Figuração: (quantos e quem serão os figurantes da cena...e como se comportarão...)
Objetos de cena: (elencar quais os materiais serão necessários na cena...)
Equipamento: Exemplo: Câmera com Zoom, equipamento de captação de som, rebatedor...
Equipe: Diretor, ass. de direção, diretor de fotografia, operador de câmera, técnico de som direto, equipe de produção, figurinista, cenógrafo e maquinista etc)

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

7. Orçamento

Nesse momento é necessário saber quais as reais necessidades de ordem material e humana necessárias à produção do vídeo. Você precisa definir quais e quantos recursos audiovisuais serão usados em todas as cenas, bem como quantas pessoas, se vão receber e quanto, o custo da edição e da distribuição etc. Enfim, não deve esquecer-se de nenhum detalhe de ordem financeira para não comprometer o orçamento.

8. Alguns conceitos na filmagem

- Tomada (take): delimitação de um espaço pelo visor da câmera;
- Cena: tomadas realizadas sobre o assunto e filmadas no mesmo cenário;
- Sequência: são as cenas feitas sobre o mesmo assunto, não necessariamente no mesmo lugar e momento;
- Zoom: refere-se ao movimento de aproximação ou afastamento da lente em relação ao objeto a ser filmado;
- Enquadramento: a área escolhida para aparecer na tomada;

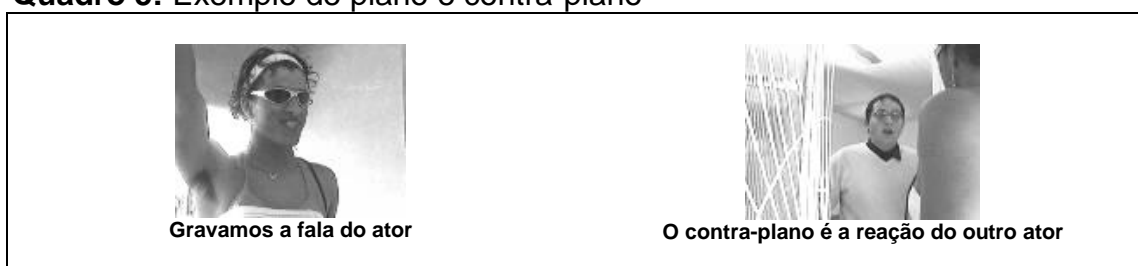
- Plano: define o que vai aparecer no enquadramento;
- Foco: é a nitidez da imagem.

9. Tipos de plano e o contra-plano

Como sabemos o plano define o que se pretende mostrar no enquadramento da câmara e deve constar no roteiro.

Existem o plano e o contra-plano. No plano grava-se a imagem e a voz do personagem, já no contra-plano apenas a reação, como mostra o quadro 5. Esse tipo de técnica facilita o corte na hora de editar e valoriza a expressão do ator, além de dar um maior dinamismo para a cena.

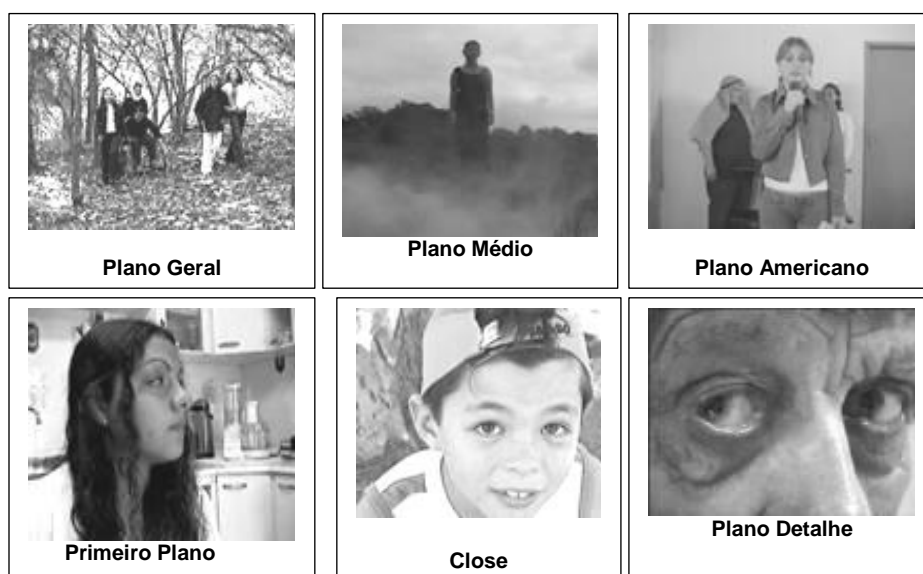
Quadro 5: Exemplo de plano e contra-plano



Fonte: Explorer Produções 2015

Podemos distinguir alguns tipos de planos, a saber: Plano Geral: Situar a pessoa no local, em uma imagem aberta; Plano Médio: Figura inteira que surge no enquadramento; Plano Americano: Do joelho para cima; Primeiro Plano: Pessoa enquadrada do meio busto para cima; Primeiríssimo Primeiro Plano (Close): Enquadramento do rosto; Plano Detalhe: Parte do corpo ou objeto isolado.

Quadro 6: Exemplos de plano



Fonte: Explorer Produções 2015

10. Imagens e sons de um vídeo

Sabe-se que, no filme documentário, podemos identificar (06) seis modos de representação que funcionam como subgêneros propriamente ditos: poético, expositivo, participativo, observatório, reflexivo e performático. No entanto, não iremos entrar nessa discussão mais técnica, pois a finalidade aqui é didática.

Desta forma, vamos discutir apenas quanto à forma de aquisição de imagens e sons. Assim, vamos considerar que existem dois tipos de vídeo documentário: o direto e o indireto. O direto são aqueles produzidos a partir do uso de registros originais e os indiretos são aqueles vídeos produzidos a partir de arquivos, históricos ou bibliográficos. Sobre isso Puccini (2009, p. 176-177) afirma:

Muito embora a prática instaurada pelo Documentário Direto não tenha se tornado dominante ao longo dos anos - longe disso, o modelo clássico, devidamente renovado pelas evoluções técnicas do meio, ainda é majoritário no grosso da produção de documentário feita para o cinema e a TV - o estilo é facilmente associado à ampla difusão do mito de que o filme documentário exige apenas o gesto de ligar a câmera e alguma sensibilidade do cineasta para com aquilo que já existe, pleno de sentido, ao seu redor. [...] Documentários de arquivo, históricos ou biográficos, podem ser “escritos” antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado à vontade de produção do filme, como documentários que exploram um corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do Documentário Direto.

O mesmo autor (2009) reconhece três grupos de imagens, que se diferenciam conforme o jeito de obtenção da mesma: imagens obtidas através de registros originais; imagens obtidas em material de arquivo; imagens obtidas através de recursos gráficos, de incidência menor, mas nem por isso menos marcante.

Quanto aos registros originais são aqueles obtidos pelo próprio documentarista para a construção de seu filme. Ele os divide em dois tipos. Os registros de eventos autônomos, independente à vontade de produção do filme, de maneira não controlada. Exemplo: manifestações populares, cerimônias oficiais, tragédias naturais, eventos esportivos etc. E os registros de eventos integrados, que ocorrem por força da produção do filme, são organizados para

integrar-se ao filme. Entre eles, encontram-se as entrevistas, imagens de cobertura para ambientação do documentário, apresentações musicais feitas para o filme, encenação.

Os de material de arquivo são aqueles já prontos e obtidos através da captura em seu local de repositório. Exemplo: cinejornais, filmes institucionais, reportagens de telejornalismo, especiais de TV, e, até mesmo incluir materiais extraídos de outros filmes, de ficção ou documentário.

As imagens de recursos gráficos são as animações (figurativas ou não), inserção e ilustração de dados técnicos (números, escalas, gráficos), fundamental para explicar uma informação.

O áudio de um vídeo, por sua vez, tem a finalidade de estimular sentimentos e emoções, pois o som influencia no visual de um filme. Desta maneira quando um produtor de vídeo pretende causar terror ou ternura, por exemplo, o som terá que expressar tais sentimentos para contribuir com as imagens na provocação de tais emoções.

Puccini (2009, p. 188) destaca cinco possibilidades sonoras:

- 1- O som direto é o som obtido em sincronismo com as imagens, que se origina da situação de filmagem. Neste grupo encontramos os sons que se originam de entrevistas, depoimentos, dramatizações, e os obtidos em tomadas em locação.
- 2- O som de arquivo possui origens diversas como filmes, programas de rádio e televisão, discursos, entrevistas, etc (não incluímos aqui as compilações musicais utilizadas para composição da trilha musical).
- 3- A voz over é o som da voz que não nasce da situação de filmagem, não está ligado à imagem que acompanha, mas é sobreposto à imagem durante a montagem do filme. Normalmente a voz over se ocupa da narração do documentário, é conhecida também por voz de Deus, mas pode também ter origem em uma entrevista ou depoimento.
- 4- Os efeitos sonoros são os sons criados na fase de edição que ajudam a criar uma ambientação para as imagens.
- 5- A trilha musical tanto pode ser obtida em material de arquivo, trilha musical compilada, como ser composta exclusivamente para o documentário, trilha musical original.

11. Edição: A montagem do vídeo

A edição de um vídeo é a parte da montagem da produção audiovisual, segundo a forma que se quer transmitir a obra final.

Desta maneira, durante essa fase ocorre a arrumação das imagens e sons em uma sequência lógica para dar sentido e transmissão das informações

ou mensagens. Assim, é nesta fase que ocorre o trabalho com o áudio (música, trilha sonora etc.), efeitos e transições, computação gráfica, créditos, legendas etc.

Segundo Ribeiro (2011, p. 42), as edições podem ser:

- a) Edição paralela: dois eventos separados, mas relacionados entre si, parecem estar acontecendo ao mesmo tempo quando o editor entrecorta as sequências nas quais a câmera muda de uma cena para outra.
- b) Edição de montagem: oferece muitas informações usando um tempo mínimo. Abusa de planos (tomadas curtas) para representar uma ideia ou uma ação.
- c) Edição continuada: Os personagens são o foco e os cortes são motivados pela narrativa da história (novelas, sitcoms). Tenta trazer realismo com o uso de cortes correspondentes.
- d) Edição dinâmica: Cortes rápidos, abruptos e efeitos. Videoclipes, comerciais, programas infantis.

Vários fatores e recursos fazem parte de uma edição, um deles são os cortes entre os planos, que têm que serem feitos dando sentido. Sobre isso Ribeiro (2011, p. 43) diz:

- a) Corte seco: mudança rápida de tomadas;
- b) Corte correspondente: corte entre dois ângulos do mesmo movimento ou ação na qual a mudança parece fazer parte da ação;
- c) Corte abrupto: dois ângulos semelhantes da mesma imagem unidos, como duas tomadas close-up do mesmo ator;
- d) Cutaway: corte como 'ponte' entre duas tomadas da mesma ação. Evita saltos de tempo, mudança de locais ou pontos de vista e reduz a passagem de tempo;
- e) Corte em reação: tomada em que o ator apresenta uma reação a algo que acabou de acontecer;
- f) Insert: fornece detalhes importantes da cena (close-up, detalhe).

Outros recursos na edição são as transições e efeitos. Sobre o seu uso Ribeiro (2011, p. 43-44) chama a atenção para:

Mesmo sabendo que hoje a quantidade de possibilidades do uso de efeitos em vídeo é infinita, é preciso utilizar esses recursos com precaução. Muitas transições de vídeo podem tornar as passagens de imagens cansativas a monótonas e o excesso de efeitos pode dar a impressão de que se deseja esconder algo ou tapar buracos nos vídeos, criando os 'defeitos visuais'.

Há alguns efeitos conhecidos do público que são vastamente utilizados

- a) Fusão: imagem desaparece gradualmente e outra aparece e se sobrepõe a anterior.
- b) Fade in / Fade out: a imagem vai aparecendo ou desaparecendo gradualmente para uma tela preta ou branca.

- c) Wipe: marca a transição de uma cena para outra varrendo da tela a imagem anterior. Pode ser utilizado na vertical ou na horizontal. Deve ser utilizado com cuidado.
- d) Tela dividida: a tela fica dividida em partes com cada uma mostrando uma ação que conecta a história.

Ribeiro (2011, p. 44-45) destaca dois tipos de edições e as diferencia assim:

A EDIÇÃO LINEAR é realizada de máquina para máquina, sem o auxílio de computador. Usa-se um VT play e um VT rec e com uma mesa de corte se monta o vídeo.

Já EDIÇÃO NÃO-LINEAR consiste em uma edição, por meio de computadores, de vídeo e/ou áudio. O material é digitalizado, ou seja, passado para o computador, para ser montado. A principal mudança é que com ela não é preciso seguir uma linha cronológica de tempo, o editor pode ir montando o material do modo como preferir e só ao final juntar os “pedaços”.

O uso da edição por computador (não-linear) é a mais escolhida atualmente. No entanto, ainda se usa com grande frequência a edição direta, pois a vantagem é que ao final da edição a obra audiovisual já está pronta para exibir, não precisando de uma renderização, como ocorre na forma não-linear.

A renderização é, segundo Ribeiro (2011, p. 45), o:

Processo de criação de imagens com definição próxima à imagem real, a partir de um modelo matemático [...] Nesse processo, o computador cria uma série de malhas ou redes na superfície da tela, chamadas de quadros de linha, [...] para transformar estes quadros e objetos de aparência tridimensional (verbete, Dicionário de Comunicação).

No processo de edição não-linear existem vários programas disponíveis, entre eles encontra-se o Windows Movie Maker, Avid, Final Cut, Adobe Premiere, Maya, Pinnacle, DVD Studio Pro, Vegas, entre outros.

É importante ainda destacar que se o docente e/ou os alunos não possuírem grandes afinidades com as tecnologias das mídias, existem disponíveis na internet vários vídeos no modelo de tutoriais para auxiliar em várias técnicas na produção audiovisual, como por exemplo: técnicas de iluminação, captação de sons e imagens, e edição de vídeo através do uso de diversos programas específicos. Portanto, não é necessário fazer um curso intensivo para produzir o vídeo-documentário em sala, basta uma tomada de decisão, planejamento e motivação do professor e da turma.

5 A INTERVENÇÃO E PESQUISA EM AÇÃO

5.1 Preparação para a Intervenção

Antes de promover a intervenção procurou-se conhecer conceitos e técnicas de produções audiovisuais, valendo-se de leituras em apostilas e tutoriais disponíveis na internet. Nesses estudos teve-se a oportunidade de adquirir conhecimentos, apesar de superficiais, em relação aos profissionais da área cinematográfica, de planejamento, produção, edição e socialização ou divulgação final da obra fílmica. Assim, construindo habilidades para usar a produção audiovisual como ferramenta pedagógica em sala de aula.

O segundo passo foi elaborar o planejamento da intervenção no processo de ensino-aprendizagem, que ficou conforme quadro abaixo:

Quadro 7: Plano de intervenção

PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
1-Tema: Geografia das populações.
2-Assunto: Demografia.
3-Conceitos: População absoluta e população relativa,
4-Enfoque: Escalas mundial, nacional, estadual e local.
5-Procedimentos (ações) da intervenção no processo de Ensino-Aprendizagem:
1º. Sensibilizar e compreender o tema através de uma aula expositiva-dialogada com o auxílio do Power Point e um vídeo;
2º. Apresentar aos alunos o roteiro simplificado para a produção do vídeo-documentário, colocando-os cientes das atividades a serem desenvolvidas na aula-intervenção;
3º Promover estudos sobre conceitos e técnicas preliminares para a produção audiovisual;
4º. Dividir a turma em equipes com números de participantes de forma equitativa, segundo as necessidades impostas por cada “Cena” na produção do vídeo documentário, conforme roteiro simplificado;
5º. Desenvolver junto com os alunos e o professor de informática da turma, uma oficina que possibilite aos alunos aprenderem trabalhar com as ferramentas de edição de vídeos;

6º. Com o auxílio do laboratório de informática, cada equipe irá pesquisar na internet imagens (mapas, gráficos, tabelas, fotografias, etc.), sons, vídeos dados e textos que tratem das suas respectivas cenas, conforme consta no roteiro simplificado;

7º. Editar os vídeos, no próprio laboratório de informática da instituição, sendo que cada equipe editará sua cena e ao final farão em conjunto a unificação das mesmas construindo o vídeo documentário com um tempo entre 10 e 15 minutos de duração;

8º. Promover uma exposição do vídeo-documentário no auditório do IFRO Campus de Ji-Paraná-RO, para toda a comunidade estudantil da instituição.

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Para melhor acompanhamento da realização das ações prevista no planejamento da intervenção, foi elaborado um cronograma em forma de um checklist, contendo, quais as atividades deveriam ser realizadas, por quem, quando, e qual o tempo seria destinado para realização de cada uma delas, conforme descrito no quadro abaixo.

Todavia, como este cronograma foi elaborado apenas com o intuito de monitorar a execução das ações necessárias para a promoção da intervenção, nem sempre as datas programadas nesse planejamento puderam ser cumpridas rigorosamente. Sendo que à medida que iam surgindo as necessidades de mudanças, ao longo do processo de intervenção, as datas iam sendo alteradas, porém, nenhuma das ações deixaram de ser cumpridas na íntegra.

Quadro 8: Cronograma da intervenção

CRONOGRAMA DA INTERVENÇÃO				
Ações	Atividades	Período	Resp.	Duração
1º	Preparar material no Power Point;	18/08/2014	Prof./Pesq	2 horas
	Explicar os conceitos para a turma;	10/09/2014	Prof./Pesq	1 aula
2º	Explicar o roteiro simplificado para a turma;	10 e 17/09/2014	Prof./Pesq	2 aulas
3º	Promover estudos sobre conceitos e técnicas preliminares para a produção audiovisual;	17/09 e 24/09	Prof./Pesq	2 aulas

4°	1-Dividir a turma em 6 (seis) equipes de pesquisa distribuídas pelas seis cenas do documentário com números de integrantes suficiente, segundo a necessidade de cada cena;	17/09/2014	Prof./Pesq	1 aula
5°	1-Agendar o laboratório de informática;	01/09/2014	Prof./Pesq	15 min.
	2-Preparar material impresso sobre os procedimentos para editar vídeo;	18/08/2014	Prof. Informática	8 horas relógios
	3-Aula explicativa e oficina para ensinar os alunos a editarem vídeo;	24/09/2014	Prof. Informática	2 aulas
6°	1-Levar as seis equipes ao laboratório de informática; 2-Dividir os computadores de forma a atender as necessidades de cada equipe, segundo a quantidade de integrantes; 3-Auxiliá-los nas buscas de informações para serem usados nas respectivas cenas do documentário;	01/10/2014 08/10/2014	Prof./Pesq	4 aulas
7°	1-Cada equipe irá editar sua cena, conforme roteiro simplificado;	15/10/2014	Alunos	2 aulas
	2-Juntar as cenas e editar o documentário completo;	22/10/2014	Alunos	2 aulas
8°	Convidar a comunidade estudantil para assistir o vídeo documentário no auditório do IFRO.	29/10/2014	Alunos e Prof./Pesq	30 minutos

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Após a organização da intervenção com este planejamento e cronograma, passou-se para a próxima fase, ou seja, a intervenção

propriamente dita, que foi organizada didaticamente em quatro etapas: A pré-intervenção, a intervenção, a pós- intervenção e a avaliação da intervenção.

Essa divisão fez-se necessária para melhor detalhar as ações e atividades realizadas na intervenção do processo de ensino-aprendizagem em questão.

5.2 A Pré- Intervenção

A pré-intervenção compreendeu 4 (quatro) encontros e ocorreu no período de 17/10/2014 a 29/10/2014 tendo como objetivo a sensibilização, a organização e a promoção dos embasamentos técnicos e teóricos dos alunos para o desenvolvimento do projeto.

Então, a pré-intervenção englobou as ações de: sensibilização, consistindo em apresentação e convite para a proposta de trabalho com vídeo documentário em sala e aula expositiva sobre os conceitos a serem abordados na produção audiovisual pelos alunos; estudos sobre conceitos de demografia e técnicas preliminares para a produção audiovisual e apresentação do roteiro simplificado e decupagem; oficina de edição de vídeo; e divisão da turma em equipes, que ficaram definidas como grupos/cenas, ou seja, cada grupo ficou responsável por uma cena, que era composta por um assunto específico, que depois passou a compor o vídeo final.

Descrição das Ações da Pré- Intervenção:

1º Encontro:

Quadro 9: 1º Encontro - 17/10/2014

Dia: 17/10/2014	Local: Sala de Aula	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Sensibilização	
Assunto:	Explicar a metodologia de ensino com o uso da produção de vídeo; como surgiu a ideia; o objetivo da ideia e a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).	

Fonte: Reginaldo Diógenes e França

De maneira expositiva, utilizando-se de uma aula (50 minutos), no período matutino, conversou-se com os alunos sobre como seria a aula com o uso da produção de vídeo documentário, detalhando como surgiu a ideia,

porque estava se adotando essa metodologia e o que se esperava alcançar juntamente com a turma.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 2: Aula de Sensibilização da turma

Assim, convidou-se a turma para a realização da proposta de estudo.

E como o tempo de uma aula no período matutino não foi suficiente para realizar todas as tarefas programadas para o primeiro encontro, marcou-se para o período vespertino um momento para explicar e entregar as autorizações, em formato do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme as exigências legais para a realização de pesquisa que envolve seres humanos e menores de 16 anos.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 3: Entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos

2º Encontro:

Quadro 10: 2º Encontro - 20/10/2014

Dia: 20/10/2014	Local: Sala de Aula	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Embasamento teórico dos conceitos	
Assunto:	Explicação sobre conceitos populacionais, crescimento populacional, indicadores sociais, teorias demográficas, movimentos populacionais. E apresentação do tema geral do vídeo documentário.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

No segundo encontro, valendo-se de (02) duas aulas de (50) cinquenta minutos cada, utilizando-se do “quadro branco” e pincel, explanou-se sobre demografia, destacando: conceitos populacionais, crescimento populacional, indicadores sociais, teorias demográficas, movimentos populacionais. Em seguida, apresentou-se o tema geral do vídeo documentário (População Absoluta e Relativa em escala mundial, nacional, estadual e local.).



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 4: Aula expositiva sobre os conceitos gerais de demografia

Aqui foi trabalhado de forma expositiva todo o conteúdo inerente à aula, e na hora da produção do vídeo documentário escolheu-se apenas um subtema como forma de estimular o “aprofundamento” de estudo desses conteúdos. Destaca-se que não se trocou a aprendizagem dos conteúdos propostos no currículo da escola pela produção de vídeo documentário.

3º Encontro:

Quadro 11: 3º Encontro - 27/10/2014

Dia: 27/10/2014	Local: Sala de Aula e Laboratório de Informática	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Capacitação técnica para os recursos da produção de recursos audiovisuais	
Assunto:	Conceitos e técnicas preliminares para a produção audiovisual, apresentação do roteiro simplificado e decupagem e oficina de edição de vídeo.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

No terceiro encontro ocorreram os estudos sobre conceitos e técnicas preliminares para a produção audiovisual e apresentação do roteiro simplificado e decupagem para a turma. Posteriormente, ainda dentro deste encontro da pré-intervenção ocorreu uma oficina de edição de vídeo, porém em outro horário com a ajuda do professor de informática da turma.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 5: Oficina de edição de vídeo

Quanto aos estudos dos conceitos e técnicas de filmagem, foram realizados apenas estudos básicos e importantes que seriam necessários para a proposta desta pesquisa, assim também, quanto à oficina de edição de vídeo, que apesar da maioria dos alunos já dominarem a ferramenta do Windows movie maker¹, foi muito proveitosa a oficina, pois os que não sabiam puderam ter contato com a ferramenta e quem já sabia pode ajudar os demais e

¹É um recurso que permite criar filmes domésticos e apresentações de slide no computador [...]

Fonte: <http://windows.microsoft.com/pt-br/windows-vista/getting-started-with-windows-movie-maker> acessado em 01/08/2014 as 15:30 hs

trocaram boas experiências. Além disso, o professor de informática forneceu uma apostila em formato de tutorial, onde eles poderiam fazer consultas posteriores.

4º Encontro:

Quadro 12: 4º Encontro - 29/10/2014

Dia: 29/10/2014	Local: Sala de Aula	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Organizar as equipes	
Assunto:	Divisão da turma em (06) seis equipes (os grupos/Cenas) da pesquisa com números equitativos.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

No último encontro da fase de pré- intervenção dividiu-se a turma em (06) seis equipes de pesquisa com números equitativos conforme as necessidades exigidas para as seis cenas. Nesta parte foi apenas sugerido quantos alunos poderiam integrar-se em cada grupo/cena (4 alunos na 1ª cena, 6 alunos na 2ª cena, 9 alunos na 3ª cena, 9 alunos na 4ª cena, 10 alunos na 5ª cena e 4 alunos na 6ª cena), para evitar gente demais em uma cena com tarefas pequenas e pouca gente em uma cena com tarefas grandes na produção do vídeo. Ficando a cargo deles a escolha das cenas e dos integrantes para formarem seus respectivos grupos/cenas.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 6: Divisão dos 6 grupos/cenas e escolhas dos integrantes

5.3 A Intervenção

Como o roteiro e a decupagem do vídeo documentário já havia sido feito pelo professor/pesquisador entre os dias 20/08/2014 e 01/10/2014, vamos considerar que a intervenção compreendeu 3 (três) encontros e ocorreu no período de 03/11/2014 à 14/11/2014 tendo como objetivo os estudos teóricos sobre o tema do vídeo e as pesquisas para capturação de materiais na internet ou elaboração e criação de recursos gráficos para o vídeo.

A etapa da intervenção englobou as ações de: pesquisa na internet de imagens, sons, vídeos, dados, e textos, por parte de cada grupo/cena, sobre seus respectivos assuntos; estudos de textos e dados sobre os temas por parte dos respectivos grupos/cenas; seleção dos materiais capturados na internet para serem usados; produção de imagens de recursos gráficos; organização dos materiais por grupo/cena de maneira a passar as informações de cada cena de forma tal que ao final fosse possível a montagem de um único produto audiovisual capaz de dar sentido ao objetivo geral do vídeo documentário.

Descrição das Ações da Intervenção

O Roteiro e a Decupagem do Vídeo Documentário – entre os dias 20/08/2014 e 01/10/2014

Quadro 13: Roteiro técnico e decupagem do vídeo documentário

Para a realização da Intervenção foi organizado o Roteiro Simplificado e a Decupagem, elaborado previamente pelo professor/pesquisador, e ficou assim organizada a produção do vídeo documentário:

ROTEIRO SIMPLIFICADO PARA A PRODUÇÃO DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO.

1-NOME DO DOCUMENTÁRIO: (Os alunos irão dar o nome do documentário)

2-CONCEITO (ideia, premissa): População absoluta e população relativa.

3-Duração: entre 10 e 15 minutos

4-SINOPSE:

O documentário irá tratar sobre a população absoluta e relativa mundial, do Brasil e de Rondônia, demonstrando dados, mapas, imagens nas três escalas, de forma a trabalhar didaticamente os referidos conceitos e trazendo informações sobre os diversos espaços geográficos (países, estados e municípios), seus dados e posições quanto aos conceitos acima mencionados buscando demonstrar o Brasil no Mundo e o Estado de Rondônia e Ji-Paraná

dentro desse contexto.

5-ESCALETA:

Para a produção desse documentário não será usado a filmagem direta, será feita a partir de arquivos em formato de sons, imagens (mapas, gráficos, tabelas e fotografias), dados e textos disponíveis na internet e outras possíveis fontes disponíveis durante a 2ª etapa dos procedimentos dessa Escaleta (como o acervo de fotografia das famílias dos alunos). Portanto, o que se pretende fazer é um documentário indireto, ou seja, com o uso de materiais de arquivo.

Para isso, será organizado um procedimento em três etapas:

- 1º Estudo teórico-bibliográfico sobre os conceitos a serem trabalhados no documentário;
- 2º Levantamento de sons, imagens (mapas, gráficos, tabelas e fotografias), dados e textos, sobre o mundo, o Brasil e Rondônia;
- 3º Editar o documentário de forma a abordar os conceitos didaticamente, levando à compreensão dos mesmos no mundo, no Brasil e em Rondônia, buscando destacar o nosso estado nesse contexto, a partir de comparações entre as três escalas, sobretudo em relação à escala nacional. Também será apresentado um diagnóstico interno do próprio estado, a partir de um levantamento comparativo entre os municípios Rondonienses, com destaque para Ji-Paraná.

6-ROTEIRO TÉCNICO

É o instrumento que procura visualizar o vídeo documentário no papel antes dele ser produzido. Ou seja, como o produtor visualiza mentalmente e materializa no papel a obra fílmica que se pretende realizar.

Roteiro técnico para a produção do vídeo documentário

CENAS/DURAÇÃO	IMAGENS/TEXTOS	SONS/NARRAÇÃO
01- abertura (introdução) Duração: 30 seg.	Nome do documentário Imagens (fotografias, mapas etc.) que retrate o tema.	1-Um som de entrada que chame atenção para o tema (5 segundos); 2-Narração, iniciando com a apresentação do tema e finalizando com a explicação do que será tratado no documentário (25 segundos).
02- Definição dos conceitos do	Conceituar população relativa e	1-Um som de fundo (o mesmo que acompanhará as cenas até a

<p>documentário.</p> <p>Duração: 1:30 min.</p>	<p>população absoluta; demonstrar quais os pontos positivos e os pontos negativos de um país populoso ou não populoso e de alta densidade ou baixa densidade demográfica.</p> <p>Mapas demonstrando: a população e a área; e imagens retratando uma população absoluta;</p> <p>Imagens demonstrando os pontos negativos e os pontos positivos de um país populoso ou não populoso e de alta densidade ou baixa densidade demográfica.</p>	<p>penúltima cena);</p> <p>2-Narração, com uma voz diferente da que foi usada na primeira cena, definindo os conceitos de população absoluta e relativa e demonstrando quais os pontos positivos e os pontos negativos de um país populoso ou não populoso e de alta densidade ou baixa densidade demográfica, enquanto vai aparecendo imagens, mapas e os textos no vídeo.</p>
<p>03- População absoluta e população relativa em escala Mundial.</p> <p>Duração: 2 min.</p>	<p>Mapa mundi, demonstrando os 10 países com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas mundiais.</p> <p>Mapa mundi, demonstrando os 10 países com as maiores e os 10 com as menores populações relativas mundiais.</p> <p>Algumas imagens, tabelas e/ou gráficos que retratem e/ou ilustrem os 10 países com as maiores e os 10 com as menores populações relativas e populações absolutas mundiais.</p>	<p>1-Um som de fundo (o mesmo que acompanhará as cenas até a penúltima cena);</p> <p>2-Narração com a mesma voz da cena 02, explicando os mapas, as imagens e os textos a medida que os mesmos irão surgindo no vídeo;</p>
<p>04- População absoluta e população relativa em escala</p>	<p>Mapa mundi, destacando o Brasil no Globo.</p>	<p>1-Um som de fundo (o mesmo que acompanhará as cenas até a penúltima cena);</p>

Nacional.	Mapa do Brasil, demonstrando os 10 Estados com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas Brasileiras.	2-Narração com a mesma voz da cena 03, explicando os mapas, as imagens e os textos, à medida que os mesmos irão surgindo no vídeo;
Duração: 2:30 min.	Mapa do Brasil, demonstrando os 10 Estados com as maiores e os 10 com as menores populações relativas Brasileiras.	
	Algumas imagens, tabelas e/ou gráficos que retratem e/ou ilustrem os 10 Estados brasileiros com as maiores e os 10 com as menores populações relativas e populações absolutas do Brasil.	
05- População absoluta e população relativa em escala Local (estado de Rondônia).	Mapa do Brasil destacando o estado de Rondônia	1-Um som de fundo (o mesmo que acompanhará as cenas até a penúltima cena);
	Mapa de Rondônia, demonstrando os 10 Municípios com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas Rondonienses.	
	Mapa de Rondônia, demonstrando os 10 Municípios com as maiores e os 10 com as menores populações relativas Rondonienses.	
	Algumas imagens, tabelas e/ou gráficos que retratem e/ou ilustrem os 10 municípios Rondonienses com as maiores e os 10 com as menores populações relativas e populações	
Duração: 3 min.		2-Narração, com a mesma voz da cena 04, contextualizando o estado de Rondônia populacionalmente (População absoluta e relativa) no Brasil e explicando os mapas, as imagens e os textos a medida que os mesmos irão surgindo no vídeo;

	absolutas do Estado.	
06- Fechamento/ Créditos. Duração: 30 seg.	1-Uma imagem que retrate o fim do documentário; 2-Os letreiros dos créditos na seguinte ordem: 1-nome da instituição; 2-nome da turma 3-Produtores (alunos); 4-diretor (professor); 5-nome do filme; 6-Editores; 7-Roteirista.	1-Um som para o fechamento; 2-Um som para os créditos;

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

7-DECUPAGEM OU ANÁLISE TÉCNICA

Nessa parte procurou fazer os levantamentos de necessidades cena a cena para atender o que se pede no Roteiro Técnico do vídeo documentário, conforme quadro abaixo:

Decupagem da produção do vídeo documentário.

CENAS	PROVIDÊNCIAS
01	1-Definir o nome do filme; 2-Providenciar uma música; 3-Definir um narrador; 4-Criar um texto apresentando o tema e explicando do que tratará o documentário; 5-Criar uma arte para iniciar o documentário.
02	1- Providenciar uma música para ser o pano de fundo; 2- Definir um narrador ou permanecer com o da cena anterior, só que deverá mudar a voz; 3-Precisa providenciar os seguintes: A) Textos: Conceitos de população absoluta e relativa; Pontos negativos e positivos de um país populoso e não populoso, bem como para um país com alta e um país com baixa densidade demográfica; B) Mapas, imagens, fotografias e vídeos: Ilustrações demonstrado país populoso e não populoso, bem um país com alta e um país com baixa densidade demográfica; 4-Criar um texto com o assunto da cena para ser narrado.
03	1-Usar a mesma música da Cena anterior como pano de fundo; 2-Providenciar textos, dados, imagens, gráficos, tabelas, fotografias e vídeos sobre a população absoluta e relativa mundial; 3-Usar um mapa mundi e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 países com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas

	<p>mundiais.</p> <p>4- Usar um mapa mundi e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 países com as maiores e os 10 com as menores populações relativas mundiais.</p> <p>5-Criar um texto com o assunto da cena para ser narrado.</p>
04	<p>1-Usar a mesma música da Cena anterior como pano de fundo;</p> <p>2-Usar um mapa mundi e destacar o Brasil (com efeitos) no globo, geograficamente e populacionalmente;</p> <p>3-Providenciar textos, dados, imagens, gráficos, tabelas, fotografias e vídeos sobre a população absoluta e relativa Brasileira;</p> <p>4-Usar um mapa do Brasil e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 Estados com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas Brasileiras.</p> <p>5-Usar um mapa do Brasil e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 Estados com as maiores e os 10 com as menores populações relativas Brasileiras.</p> <p>6- Criar um texto com o assunto da cena para ser narrado.</p>
05	<p>1-Usar a mesma música da Cena anterior como pano de fundo;</p> <p>2-Usar um mapa do Brasil e destacar Rondônia (com efeitos) no Brasil, geograficamente e populacionalmente;</p> <p>3-Providenciar textos, dados, imagens, gráficos, tabelas, fotografias e vídeos sobre a população absoluta e relativa Rondoniense;</p> <p>4-Usar um mapa do Rondônia e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 Municípios com as maiores e os 10 com as menores populações absolutas Rondonienses.</p> <p>5- Usar um mapa do Rondônia e destacar no mesmo (com efeitos) os 10 Municípios com as maiores e os 10 com as menores populações relativas Rondonienses.</p> <p>6- Criar um texto com o assunto da cena para ser narrado.</p>
06	<p>1-Providenciar um som para encerrar o documentário;</p> <p>2-Fazer uma arte para o encerramento do documentário;</p> <p>3-Montar os créditos do documentário seguindo a ordem:</p> <p>1-nome da instituição;</p> <p>2-nome da turma</p> <p>3-produtores (alunos);</p> <p>4-diretor (professor);</p> <p>5-nome do filme;</p> <p>6-editores;</p> <p>7-roteirista.</p>

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

8-ORÇAMENTO

Os custos previstos para a produção desse vídeo documentário serão materiais de consumo e infraestrutura (Laboratório de informática) que ocorrerão por conta da instituição de ensino em questão.

9-EDIÇÃO

A edição será a fase final da produção do vídeo documentário. Dispostos das providências elencadas na “Decupagem” e orientados pelo “Roteiro Técnico”, os alunos (aqui considerados produtores) irão editar o

documentário, sendo que cada grupo/cena editará sua cena e ao final farão em conjunto a unificação das mesmas construindo o vídeo documentário.

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

1º e 2º Encontro

Quadro 14: 1º e 2º Encontro

Dia: 03/11/2014 e 07/11/2014	Local: Laboratório de Informática	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Pesquisas na internet	
Assunto:	Capturação de imagens, sons, vídeos, dados, e textos sobre o tema do vídeo documentário.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Esses encontros foram organizados de forma que os alunos pertencentes ao mesmo grupo/cena ficassem em computadores próximos para facilitar a troca de ideias e acompanhamento geral.

Nesses dois primeiros encontros dessa etapa os alunos se empenharam em montar suas bibliotecas contendo, imagens, sons, vídeos, dados, e textos sobre a cena de responsabilidade do respectivo grupo/cena a que faziam parte.

Também vale ressaltar aqui que as datas de ocorrência dos encontros foram os dias 03/11/2014 e 07/11/2014 e não as que estão descritas nas fotos dos encontros, que aparecem com datas de 22/10/2014. Essas datas estão erradas, devido uma desregulagem da máquina fotográfica por ocasião dos encontros e que não foi percebido naquele momento, e para não comprometer o registro dos encontros optou-se usá-las e fazer essa ressalva.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 7: Aulas no laboratório para pesquisar imagens, sons e textos

3º Encontro:

Quadro 15: 3º Encontro – 14/11/2014

Dia: 14/11/2014	Local: Laboratório de Informática	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Organização e estruturação dos materiais do vídeo	
Assunto:	Definir o que iriam utilizar em suas cenas: quais as imagens, sons; escolher ou criar os textos para legenda e a narração; e produzir imagens de recurso gráfico.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Nesse terceiro encontro, os grupos/cenas se organizaram para definirem o que iriam utilizar em suas cenas: quais as imagens; escolheram ou criaram os textos para legenda e a narração; e produziram imagens de recurso gráfico. Essa última foi o recurso utilizado pelos alunos da cena 5, uma vez que, por se tratar de Rondônia e possuir poucas informações prontas disponíveis na internet sobre o assunto, acabaram tendo que recorrer ao software Corel Draw² e produziram imagens de recursos gráficos para o vídeo de sua cena.

5.4 A Pós-Intervenção

A pós-intervenção compreendeu 3 (três) encontros, atividades extra encontros e a socialização do material audiovisual; e ocorreu no período de 17/11/2014 à 03/12/2014 tendo como objetivo editar o vídeo documentário e apresentá-lo à comunidade escolar.

A etapa da pós-intervenção englobou as ações de: edição das cenas individualmente por grupo/cena; unificação das cenas em uma edição única; renderização do vídeo documentário já montado com as 6 cenas; exposição do vídeo documentário no auditório do IFRO Campus Ji-Paraná/RO.

Essa foi a etapa da edição e divulgação do produto audiovisual. Foi o momento de maior criação. Foi a hora de desenvolver a obra final e divulgá-la. Portanto, foi comum a euforia e o nervosismo de alguns envolvidos. Ansiedade

² O Corel DRAW é um programa de desenho vetorial bidimensional para design gráfico desenvolvido pela Corel Corporation, Canadá. É um aplicativo de ilustração vetorial e layout de página que possibilita a criação e a manipulação de vários produtos, como por exemplo: desenhos artísticos, publicitários, logotipos, capas de revistas, livros

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/CorelDRAW>. Acessado em 01/08/2014 às 15:55 h.

e insegurança foram o que se presenciou, mas nada se compara ao entusiasmo e satisfação percebidos nos alunos no momento em que se superaram e viram seus trabalhos sendo contemplados e aplaudidos pela comunidade escolar.

Descrição das Ações da Pós-Intervenção

A escolha da data para a apresentação

A data escolhida para a apresentação foi quarta-feira dia 03 de dezembro de 2014, no turno matutino e no vespertino, dia em que aconteceria a apresentação de uma peça de teatro ensaiada também na disciplina de Geografia. Essa data foi escolhida para aproveitar a junção dos dois eventos, pois criar um momento somente para a apresentação do vídeo documentário não seria tão interessante como um momento só para os dois acontecimentos, o teatro e o vídeo documentário.

1º e 2º Encontro

Quadro 16: 1º e 2º Encontro - 17/11/2014 e 21/11/2014

Dia: 17/11/2014 e 21/11/2014	Local: Laboratório de Informática	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Edição do vídeo-documentário	
Assunto:	Organizar e montar as respectivas cenas, conforme o definido no roteiro simplificado e na decupagem.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Assim, nos dois primeiros encontros dessa etapa, iniciou-se o processo de edição do vídeo e ainda usando o laboratório de informática, os (06) seis grupos/cenas se organizaram para montarem suas respectivas cenas, conforme o definido no roteiro simplificado e na decupagem desse vídeo documentário.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 8: Aula para edição das cenas de cada grupo

Quadro 17: 3º Encontro – 24/11/2014

Dia: 24/11/2014		Local: Laboratório de Informática	Público: Alunos Participantes da Pesquisa
Objetivo:	Finalização do vídeo-documentário		
Assunto:	Unificação das cenas e renderização do vídeo.		

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

No terceiro encontro dessa etapa, os alunos, novamente no laboratório de informática, partiram para a unificação das cenas e formarem o tão planejado vídeo documentário. Porém, ao chegarmos ao laboratório, alguns grupos/cenas afirmaram que não tinham terminado suas cenas e outros haviam se esquecido de trazerem o Pen Drive que constava a cena de seu grupo/cena. É claro que para quem é professor sabe muito bem que a desculpa do Pen Drive é a versão moderna das antigas desculpas de que o cachorro comeu o meu trabalho, ou, o meu irmãozinho derramou café no meu trabalho etc.

Desta maneira, como não foi possível fazer a unificação das cenas, nesse encontro utilizou-se a aula para aprimorar o material já feito até aquele momento, e ao final da aula tomou-se a decisão de que o restante do vídeo documentário seria feito em forma de tarefa de casa. Desta feita, solicitou-se que se apresentassem voluntários para ficarem responsáveis para recolherem

as cenas de cada grupo/cena durante o restante da semana e providenciarem a montagem, narração e a renderização final do produto audiovisual.

Atividades extras encontro:

Quadro 18: Atividades extras encontro – 25/11/2014 a 02/12/2014

Dia: 25/11/2014 a 02/12/2014	Local: Não definido	Público: grupo de alunos voluntários
Objetivo:	Finalização do vídeo documentário	
Assunto:	Unificação das cenas e renderização do vídeo.	

Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Durante o tempo destinado para o recolhimento das cenas, montagem, narração e renderização do vídeo documentário, o professor/pesquisador manteve contatos constantes com o grupo de alunos voluntários que assumiram essa tarefa.



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 9: Monitoramento na edição e renderização do vídeo

Durante esse período de monitoramento os alunos voluntários reclamaram que: Alguns grupos/cenas estavam demorando a entregar suas cenas e não tinham condições deles iniciarem o processo de montagem e narração, e conseqüentemente, a renderização, sem que estivessem todas as cenas juntas; Alguns grupos/cenas não obedeceram ao tempo destinado para suas respectivas cenas e isso iria comprometer o tamanho final planejado para o vídeo documentário; Alguns grupos/cenas apresentaram, em suas respectivas cenas, descompaço entre imagem-texto-tempo, ou seja, a imagem aparecia e o texto não e quando a imagem sumia o texto ainda permanecia. Em algumas vezes as imagens e textos permaneciam por um tempo muito longo e outras saíam rápidos demais. Isso, além de comprometer a narração, exigiu do grupo voluntário um trabalho extra para corrigir as falhas.

Isto demonstrava que teríamos dificuldades na finalização dos trabalhos até a data prevista para a apresentação. Mesmo assim a apresentação do vídeo documentário manteve-se para o mesmo dia da apresentação do teatro.

Na segunda-feira, dia 01/12/2014, teve um grupo que ainda não havia entregado a sua cena. Apesar de apresentarem motivos justificáveis para o universo educacional, porém, para a questão da produção de material audiovisual, não.

Na terça-feira, dia 02/12/2014, cedo, as cenas estavam todas nas mãos do grupo voluntário. Então, como a turma é matutina, à tarde e à noite ficou para a montagem, narração e a renderização do vídeo. Todos estavam confiantes. Era só esperar e no outro dia iríamos mostrar nosso trabalho final, o vídeo documentário.

Apresentação do vídeo-documentário – 03/12/2014:

Quarta-feira, 03/12/2014, pela manhã, o dia da apresentação, o grupo voluntário apareceu informando que talvez não fosse possível apresentar o vídeo-documentário. A explicação foi que haviam passado a tarde e a noite fazendo a narração e a montagem (edição) do vídeo, porém haviam colocado a renderização para ocorrer durante a madrugada e quando acordaram achavam que não havia completado a renderização, provavelmente havia acabado a energia, pois o computador estava desligado de manhã cedo quando acordaram. Mas se quisesse tentar passar o vídeo assim mesmo, poderíamos, mas seria possível que ele viesse a apresentar defeito.

Tentamos. E eles estavam certos. O vídeo não tinha de fato atingido a qualidade esperada. Mas ninguém quase notou, pois, mesmo o vídeo não apresentando a qualidade esperada, não comprometeu a transmissão da mensagem planejada pelos alunos.



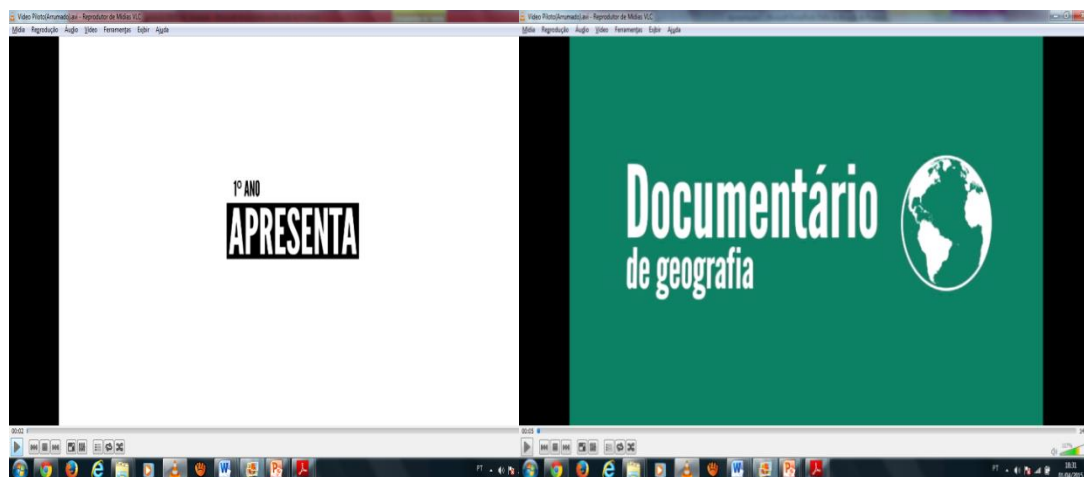
Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 10: Dia da apresentação do vídeo documentário

sessão do teatro para as turmas vespertinas. Uma nova oportunidade para a apresentação, só que para isso teríamos que resolver as pendências para apresentarmos o vídeo com a qualidade desejada pelos alunos.

Assim foi feito. Os alunos voluntários apareceram à tarde, em horário combinado, com o vídeo documentário pronto e apresentamos antes da peça de teatro. Houve aplausos e outras manifestações típicas da idade e das rivalidades escolares entre séries e turnos. Mas foi cumprida a missão com sucesso, o vídeo documentário era uma realidade, e assim ficaram as 6 cenas que o constituiu:

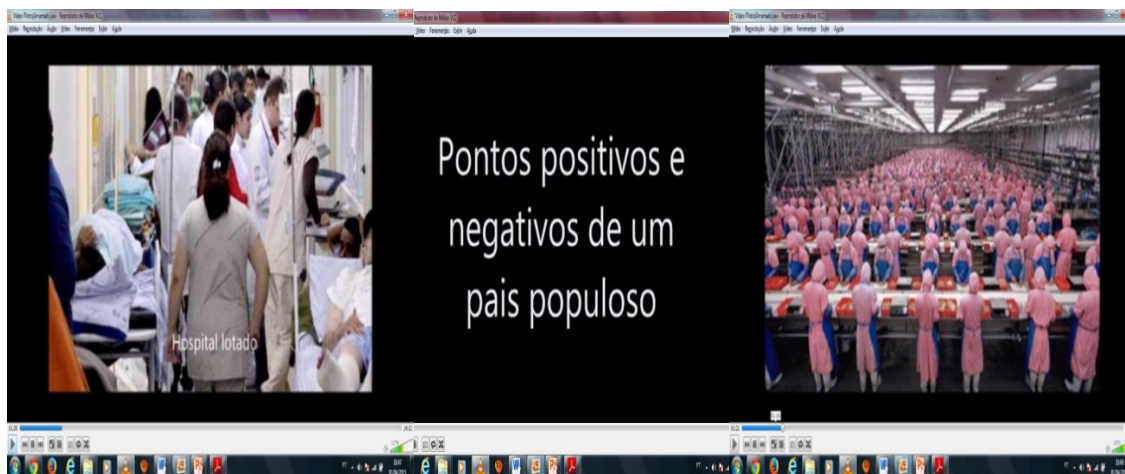
- Cena 1 Abertura



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 11: Imagens da cena 1

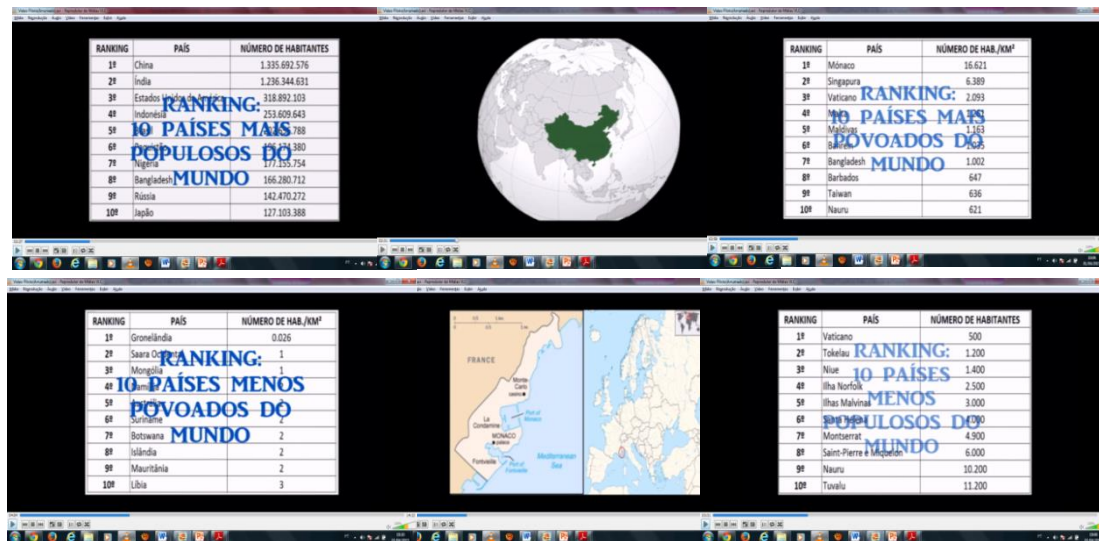
- Cena 2 Definição dos conceitos e os pontos positivos e negativos de um país populoso e não populoso e povoado e não povoado



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 12: Imagens da cena 2

- Cena 3 População absoluta e relativa em escala mundial



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 13: Imagens da cena 3

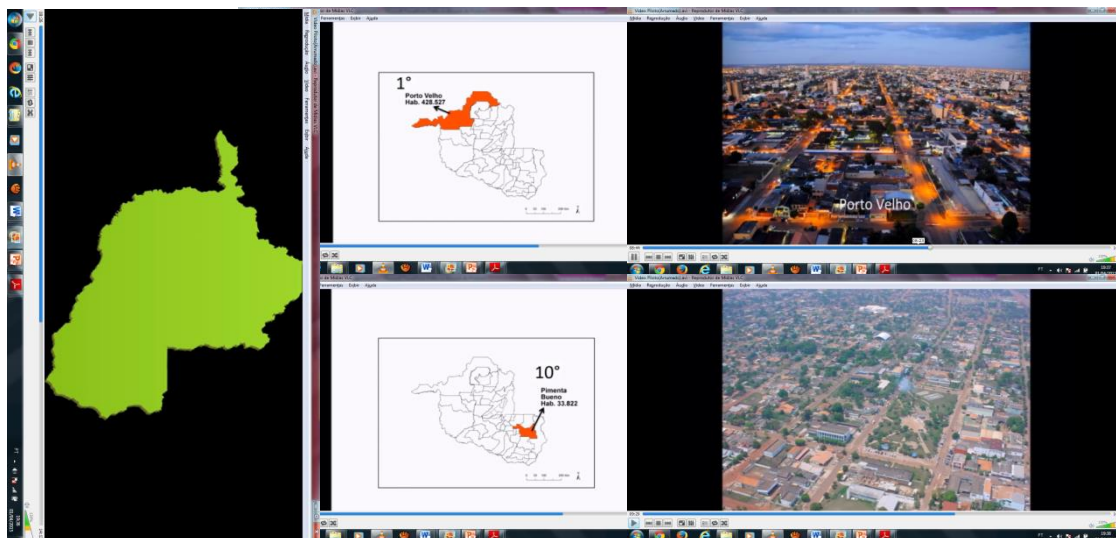
- Cena 4 População absoluta e população relativa em escala Nacional



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 14: Imagens da cena 4

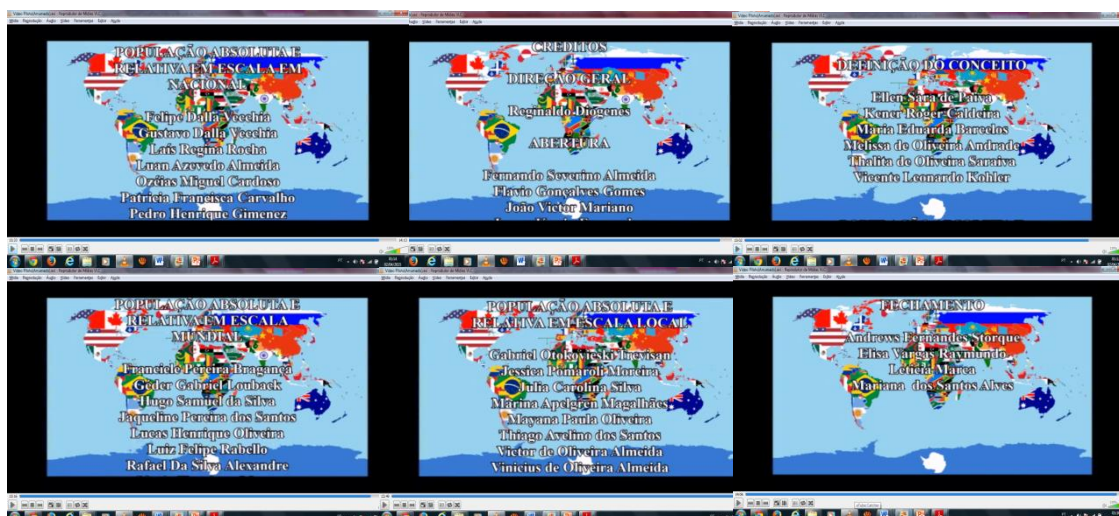
- Cena 5 População absoluta e população relativa em escala Local (estado de Rondônia)



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 15: Imagens da cena 5

- Cena 6 Fechamento/ Créditos



Fonte: Reginaldo Diógenes de França

Figura 16: Imagens da cena 6

5.5 Avaliando a Intervenção: Criando Subsídios para o Caráter Cíclico da Metodologia da Pesquisa-Ação

Esta etapa não se tratou de uma avaliação para a nota dos alunos da turma na 3ª etapa (3º bimestre) propriamente dita. Também não foi necessariamente uma etapa à parte, pois ela ocorreu durante todo o processo de intervenção. Na medida em que as ações iam acontecendo, ia-se fazendo

observações e anotações sobre as atitudes e opiniões do professor e dos alunos quanto à produção de vídeo documentário no ensino de Geografia. Além de utilizar as respostas da questão 10 do questionário elaborado para a coleta de dados para a pesquisa para dar suporte a esta reflexão.

Portanto, vamos conhecer algumas das opiniões dos alunos, anotadas pelo professor, e que, enquanto pesquisador, o mesmo achou de fundamental importância para avaliação da intervenção.

Antes, porém, vale ressaltar que, o que se levou em consideração foram as respostas escritas e as manifestações verbais e comportamentais expressadas majoritariamente pelos alunos sem se preocupar em identificar individualmente o interlocutor ou o indivíduo, até porque, procurou-se compreender a opinião geral, refletida nas mais diversas falas e manifestações dos discentes, da turma:

10) Em relação a metodologia utilizada, elenque os fatores:

Positivos:

Diversidade, aprendizado fora e dentro de sala, pratica de atividades diferentes do nosso cotidiano escolar;

Melhor aprendizado, maior interesse dos alunos e mais participação;

O aprofundamento na disciplina de Geografia;

A interação com outras disciplinas afim de nos fazer entender o que estava sendo proposto, Ex: criação dos vídeo;

A interação da sala de uma forma geral;

Maior envolvimento com o tema;

Mais crescimento de conhecimento dos alunos;

Maior compreensão dos temas estudados;

Maior facilidade de aprendizado;

O principal ponto positivo na minha opinião é a liberdade que tivemos de nos expressar, de acordo com nossos vídeos além de muitos outros como citados nas perguntas anteriores;

Questão de sairmos da sala atrás de informações;

A questão de aprendermos fazer projetos;

Aprendemos a fazer roteiros de filmagens;

Foi uma metodologia usada muito boa;

Aprendemos melhor sobre o assunto estudado. Deixou a matéria mais interessante. Foi possível aprender algumas coisas além de geografia, no caso na criação de vídeo;

Tivemos a ajuda da internet para melhor aprendizado, e também após ter estudado podíamos tirar nossas dúvidas com o professor. E foi tudo bem detalhado de quando deveríamos entregar determinado conteúdo, e como deveria ser feito;

Boa forma de avaliação, boa forma de entender a ementa apresentada, boa forma de reunir vários conhecimentos de uma só vez, boa divisão para obtenção de nota para passar de ano;

Pois me ajudou aprender além da geografia mais também como utilizar os meios de comunicação deixa as aulas mais atrativas, e obtivemos conhecimento de outras disciplinas em conjunto;

Ajudou muito a compreender muito o conteúdo de forma prática e simples;

Pois eu mesmo construí meus conhecimentos e aprendi de uma maneira mais interativa.

Negativos:

O trabalho exigiu um esforço e um tempo maior para a realização dele, algo que acabou nos prejudicando em outros trabalhos;

Essa metodologia depende muito de trabalho em equipe e conhecimento em edição, a falta de comprometimento do grupo prejudica e a falta do conhecimento em edição também;

Não há fatores negativos em minha opinião;

Muito trabalhoso;

Acabamos focando quase tudo apenas no determinado assunto que estávamos estudando, para o trabalho (porque não sabíamos como fazer o trabalho científico, assim, logo tendo que ser bem detalhado de como fazê-lo), e não tendo um ano com vários assuntos, diferentes, não abordando mais áreas da geografia;

Nós alunos precisamos nos acostumar mais com o tipo da metodologia, para ficarmos equilibrados e não desleixados por achar que é mais fácil. Então deveria ter mais tipos de metodologias como essas em outras disciplinas, nunca deixando de perder seus devidos objetivos. Proponho que deixem um pouco as provas de lado e tentem novos métodos que não desesperem tanto os alunos;

Não identifiquei nenhum;

Não houve pontos negativos;

Nada a declarar.

Essas respostas e manifestações verbais e comportamentais dos alunos serão analisadas na seção seguinte.

Também foram feitas anotações pelo professor/pesquisador, a partir de suas observações e reflexões durante o processo de intervenção e elencados os obstáculos e soluções encontradas no processo de produção do vídeo documentário. Desta forma, vamos conhecer essas anotações conforme segue:

1 - Os obstáculos e soluções (ou possíveis soluções) na produção de vídeo documentário na escola:

Obstáculos: dificuldades no manuseio dos recursos audiovisuais, como por exemplo, técnica de filmagem como enquadramento, iluminação, captação de sons e etc.;

Soluções: buscou-se orientações em tutoriais disponíveis na internet e em outras apostilas. Também que, alguns alunos, possuíam facilidade e domínio de alguns recursos, tornando-se autossuficientes e até mesmo tutores no processo de produção de vídeo, principalmente na parte da edição;

Obstáculos: pouco domínio das técnicas de produção de vídeos, como por exemplo, roteirização, decupagem e etc.;

Soluções: estudou-se sobre a produção de vídeo documentário e obteve-se uma apostila orientadora dos passos para a produção audiovisual;

Obstáculos: dificuldades na execução da metodologia promovida pela rigidez das horas/aulas cronometradas (50 minutos) e carga horária semanal (2 aulas por semana e nessa turma separadas: 1 aula num dia e outra em outro dia);

Possíveis soluções: nesse caso, teve-se que conviver com a situação, apesar de tentar negociar com a escola e alguns colegas uma forma de amenizar o problema, de pelo menos que tornassem as 2 aulas semanais germinadas. Aqui, a possível solução seria conseguir essa negociação e quem

sabe uma flexibilização da hora/aula cronometrada, deixando o aluno e professor com maior liberdade para realizar as pesquisas e a produção do material audiovisual, sendo no final cobrado o resultado e não apenas o cumprimento das horas estabelecidas;

Obstáculos: dificuldade no agendamento dos laboratórios de informáticas. Por mais que tenham 5 (cinco) laboratórios, os mesmos são quase que completamente usados diariamente pelos professores do núcleo profissionalizante, que acabam por ter prioridades em se tratando de um curso técnico em informática, portanto promovendo um número considerável de aulas em laboratórios;

Soluções: solicitou-se a intercedência da Coordenação de Apoio ao Ensino (CAE) que procurou negociar com o coordenador do curso técnico em informática a disponibilização de um laboratório de informática para a realização das atividades da intervenção. E a disponibilização de um computador conectado à internet para os alunos realizarem trabalhos extras (para os casos que não tivesse dado tempo de realizar durante as aulas do laboratório) na sala dos professores.

Essas reflexões feitas a partir dessa avaliação sobre o processo intervencionista com o uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem é parte de uma das etapas da metodologia da pesquisa-ação, propostas nesta investigação. Portanto, encerrando-se assim o primeiro ciclo do processo intervencionista proposto por essa metodologia.

Desta maneira, essas reflexões promoveram apontamentos que servirão de suporte para um novo planejamento e uma nova intervenção no processo de ensino-aprendizagem em questão, cumprindo com a característica cíclica proposta pela referida metodologia da pesquisa usada neste trabalho.

6. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados finais da investigação foram obtidos com base no referencial teórico desta pesquisa; nas análises e interpretações das respostas objetivas e subjetivas do questionário proposto neste estudo; bem como a partir das reflexões realizadas durante a observação participantes no processo de intervenção por meio do uso das TIC em sala de aula e suas possibilidades.

Para isso, e a partir, principalmente, das reflexões feitas através da observação participante durante o processo de intervenção e o embasamento teórico da pesquisa, elaborou-se a pergunta da investigação que se desmembrou e definiu as categorias de análise da pesquisa, que foram a Motivação, a Aprendizagem em Geografia e a Interdisciplinaridade em Geografia, para uma melhor compreensão e atingir o objetivo geral dessa pesquisa.

Também vale destacar aqui, que os sujeitos não foram identificados por entender que não se fez necessário uma vez que se buscou explorar o conjunto das opiniões e manifestações dos sujeitos para uma compreensão do processo como um todo e buscar responder a questão desta investigação.

6.1 Motivação

A motivação é a mola propulsora de qualquer processo que se pretende realizar, neste caso, no educacional, ela é o motor condutor da relação ensino-aprendizagem. A própria palavra sintetiza seu conceito: motivo para agir, motivo + ação. Para construir conhecimento ou obter informação de conhecimentos precisamos necessariamente de dois atores no processo: quem conduz e quem busca o conhecimento. Nesse caso estamos falando do professor e do aluno, em que ambos precisam estar motivados para alcançarem sucesso.

Dessa forma, podemos dizer que até a fase da pré-intervenção desta pesquisa encontrávamos uma realidade centrada em aulas tradicionalistas, a chamada educação bancária (FREIRE, 1987, p. 57-61), uma escola do silêncio como ressalta Fazenda (1989, p. 15): “[...] Somos produto da escola do silêncio, em que um grande número de alunos apaticamente fica sentado diante do professor, esperando receber dele todo o conhecimento”.

Podemos perceber isso no próprio relato do professor/pesquisador da turma em questão, onde o mesmo reconhece que suas aulas ocorriam obedecendo aos princípios da exposição-dialogada, onde o professor trabalhava os conteúdos e os alunos, por sua vez, deveriam visualizar os conceitos, os fatos e fenômenos, e à medida que ia explicando era necessário que os alunos fossem anotando, no caderno de acompanhamento, o que estava sendo exposto nos slides, como forma de prender a atenção, manter o

controle e o interesse pela aula. Nesse contexto, os alunos da turma apresentavam-se enfadados em relação a essa realidade. Sentiam uma monotonia com o formato da aula planejada pelo professor.

Dentro dessa atmosfera eram comuns conflitos entre o professor e alunos, desatenção com a aula e até manifestações verbais contra a aula do professor, como se pode evidenciar em uma das falas dos alunos: “Vamos fazer uma aula diferente hoje professor?”. Percebemos assim um verdadeiro clima de desmotivação.

O aumento da motivação dos alunos foi percebido já na fase da pré-intervenção, momento em que se apresentou a proposta de uma aula com o planejamento feito a partir do uso das TIC. As manifestações verbais dos discentes deixaram claro essa empolgação: “Eita professor até que enfim algo diferente”; e a agitação da turma na formação dos grupos/cenas.

Também se evidenciou motivação nas fases da intervenção e pós-intervenção desta pesquisa, que foram as fases de coletas de materiais na internet, montagem das cenas e edição do vídeo, como podemos ver nas seguintes falas: “Professor na próxima etapa vamos trabalhar assim de novo? Eu achei muito interessante. Não gostaria de voltar com as explicações do senhor ai na frente”, “Gostei muito de poder pesquisar no laboratório as imagens para fazer o vídeo”, e “Eu gostei muito de poder apresentar o nosso vídeo para toda a escola. Só que eu acho que da próxima vez poderíamos participar do vídeo, apresentando, falando, sei lá, algo assim. Acho isso legal”.

Nas falas percebe-se o surgimento da palavra “próxima vez”, deixando claro como a ideia surtiu efeito positivo na motivação da turma em estudar. E outra coisa importante na interpretação dessas falas, principalmente na última, é a vontade de se expressar, de dizer algo, quando ela fala em participar do vídeo. Ela quer falar, se comunicar, confrontar-se com os desafios, quer ser ouvida e porque não discordar e ter o direito de contradizer algumas verdades.

Esse direito de expressão é assegurado nos artigos 12, 13 e 17 da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e que foi observada e valorizada na Conferencia Internacional de Viena em 1999 e destacada por Bévort e Belloni (2009, p.1092).

Durante o processo de intervenção procurou-se também sempre motivar os alunos atendendo uma das prerrogativas do fazer pedagógico do

profissional da educação defendida por Castrogiovanni (2007, p. 46) onde diz que a escola e o professor devem promover a tarefa constante de despertar e manter a curiosidade dos alunos.

Além disso, temos que destacar a motivação do professor que, especialmente devido a motivação dos alunos, durante todo o processo sentiu-se sempre motivado no exercício da docência, situação essencial para a prática educacional mais eficiente e prazerosa.

Essa motivação referente à docência se materializou especialmente na coragem de romper com a estrutura tradicionalista e quando ele assume o desafio de provocar a comunidade estudantil ao novo. Ninguém se atreve a romper barreiras se está desmotivado. Ele rompe com a ditadura dos livros didáticos quando utilizando as pesquisas diretamente na internet, dando liberdade para os alunos de escolherem a fonte a ser pesquisada e despertando a curiosidade inerente ao estudo, atendendo o que defende Castrogiovanni (2007, p. 44): “Professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de fazer sociedade com cidadania. A escola deve provocar o educando para conhecer”.

Ficar preso ao livro didático nos remete ao ensino tradicional, direcionando a forma de pensar e alienando o educando a um conhecimento que pouco lhe acrescenta na liberdade de ver e questionar sua própria realidade.

Sentir-se em estado de motivação na prática docente, pode ser fruto da política e da gestão institucional quanto à valorização do profissional da educação garantido através da Lei nº 12.772/2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos, e da Resolução nº 034/CONSUP/IFRO, de 23 de setembro de 2014, que regulamenta a distribuição da Carga Horária do docente onde garante direitos fundamentais para o bom exercício do magistério como, por exemplo, as questões de carga horária, destinando das 40 horas contratuais, no mínimo oito e no máximo dezesseis horas semanais para atividades de ensino e garantia de participação em cursos de capacitação possibilitando a formação continuada e o constante exercício de aprimoramento indispensável para o exercício da docência.

Porém, baseado na experiência vivenciada pela pesquisa, quando se trata da formação inicial é necessário que se diga sobre a falta de um currículo

universitário que atenda a formação dos professores para as mídias-educação, procurando atender a recomendação 04 do Eixo Temático II da Agenda de Paris 2007, onde diz da necessidade de “integrar a mídia-educação à formação inicial dos professores, [...] devendo integrar ao mesmo tempo as dimensões conceituais e os saberes práticos e estar baseada no conhecimento das práticas midiáticas dos jovens”.

Além dessas análises feitas a partir das observações anotadas durante o processo de intervenção, temos os questionários aplicados após a intervenção, com perguntas abertas e fechadas que procurou promover um levantamento sobre a opinião dos alunos quanto ao uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no ensino de Geografia e suas implicações na motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, e que passaremos a analisa-los.

A primeira questão teve como principal objetivo levar-nos a perceber o grau de envolvimento dos alunos com os estudos, anteriormente ao uso da metodologia de ensino em questão. Conforme a seguir:

1) Você sempre se sentiu um aluno motivado para estudar e para realizar as tarefas propostas pelos professores?

Sim, mas as vezes, dependendo da matéria eu sinto preguiça de fazer a atividade proposta;

Sim. Eu sempre me propus a fazer todas as atividades proposta pelo professor;

Sim mais alguns conteúdos eu não tenho interesse, muitas vezes, faço pelo fato de ser “obrigado” a fazer a pesquisa;

Sim. Eu sempre busquei me esforçar em cumprir o que era destinado a mim, tentando realizar as atividades e os trabalhos com o maior capricho possível. Esforçando-me em entrega-los no prazo estipulado e na estética apropriada;

Sim mas as vezes, por causa dos cansaços do cotidiano não me sentia interessado em algumas coisas;

Sim mas as vezes, pois dependendo da matéria eu sinto preguiça de fazer a atividade proposta;

Eu tenho muita preguiça de fazer as atividades propostas;

Sempre faço tudo, mas não porque gosto e sim por obrigação;

As vezes, pois alguns conteúdos eu não tenho interesse. Muito das vezes faço pelo fato de ser “obrigado” a fazer a pesquisa;

As vezes dependendo da importância da atividade eu fico motivado.

Percebemos nas falas dos alunos, apesar de um número expressivo de respostas positivas (sim e as vezes), que suas motivações eram baixas e estavam muito ligadas a fatores condicionais como, ao assunto, ao objetivo e como ele seria abordado, por isso aparece nas falas palavras como: “obrigado a fazer”, “dependendo da importância”, “não porque gosto e sim por obrigação”, “sinto preguiça” e “busquei me esforçar em cumprir”.

Desta maneira a motivação não se apresentava de forma positiva para atender ao processo de ensino-aprendizagem.

A segunda pergunta buscou informações, junto aos participantes da pesquisa, para mostrar como os alunos se sentiram quanto à motivação durante o processo de ensino-aprendizagem utilizando a produção de vídeo documentário.

2) Como você classificaria a sua motivação ao estudar e realizar as tarefas propostas pelo professor de Geografia com o uso de metodologia de ensino que envolveu a produção de documentário?

O principal fator foi a diferenciação na metodologia aplicada pelo professor de geografia, pois além dela nos proporcionar uma maior busca pelo conhecimento, também nos proporcionou um método de estudo diferente do tradicional, basicamente saímos da rotina. Estudamos geografia utilizando a nossa área específica que é a informática, isso foi de bom agrado para toda a turma;

Em minha opinião, a metodologia proposta pelo professor foi de suma importância, uma vez que, a metodologia aplicada pelo professor nos ajudou muito, pois foi uma atividade diferente e também pelos fatores da informática utilizados tornou a tarefa mais fácil, nos permitiu aprender a geografia de uma maneira mais dinâmica;

A metodologia aplicada pelo professor nos ajudou muito pois nós saímos da rotina e também estudar geografia utilizando informática que é a nossa área;

Aprendemos de uma maneira diferente, trabalhosa, porém o conhecimento é bem maior quando é feito na prática;

A metodologia aplicada pelo professor foi muito motivadora, pois nós saímos do padrão básico de ensino para estudar Geografia com a utilização de conceitos de informática, que envolve nossa área de formação;

Através do desenvolvimento de vídeos, o aprendizado tornou-se menos desgastante;

A metodologia aplicada pelo professor foi interessante e diferente de tudo que eu já havia feito, foi até, em certos momentos, divertido;

Era uma aula diferente, ou seja, ficava um pouco mais legal.

Verifica-se nas falas dos educandos que suas motivações estiveram ligadas às dinâmicas proporcionadas pelo uso das TIC e pela novidade que a aula impôs através de um formato utilizando a informática. Outra coisa comum nas falas foi o fato do uso de uma ferramenta tecnológica do próprio curso técnico no qual eles estão cursando. Também destacaram o fato de que com essa metodologia foge da realidade rotineira de uma sala de aula tradicional.

Compreendeu-se então que, segundo as respostas dos discentes, dentre as principais razões do aumento da motivação, “[...] o principal fator foi a diferenciação na metodologia aplicada pelo professor de geografia [...]”, pois eles afirmaram que lhes “[...] permitiu aprender a geografia de uma maneira mais dinâmica [...]” onde “[...] saímos da rotina [...]” e trabalhando com as TIC nos oportunizou “[...] estudar geografia utilizando informática que é a nossa área [...]” criando possibilidades de aprender “[...] através do desenvolvimento de vídeos [...]”, assim “[...] o aprendizado tornou-se menos desgastante [...]”.

A terceira pergunta procurou verificar o quanto a ideia da interatividade na busca dos conhecimentos motivaram os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Conforme abaixo:

3) O fato de você ter que pesquisar e construir você mesmo suas próprias informações para seu trabalho fílmico te motivou?

Foi legal fazermos algo desde o começo, sendo responsáveis pelo próprio resultado;

Legal você próprio buscar seu conhecimento;

Foi bem diferente construir meu próprio conhecimento principalmente porque foi o meu primeiro projeto, foi cansativo mais valeu apena, com o auxílio do professor ficou mais fácil;

É instigante, porém é sempre mais complexo ter que ir atrás das fontes, principalmente quando são muitas;

Pelo fato de ser algo diferente me deixou mais animado para fazer as coisas, porém foi exaustivo;

A metodologia e o método utilizado para a busca das informações foi bem tranquilo, porém o trabalho se mostrou complexo em alguns pontos específicos, isso de certo modo nos acarretou um esforço maior, pois, em certos momentos, as informações que eram essenciais para o trabalho, não foram encontradas facilmente. Mesmo passando por essas situações, o trabalho apresentou um resultado maior que o esperado, pois tivemos auxílio do nosso professor o qual nos proporcionou diversos meios para a obtenção das tais informações;

Pesquisando nossas próprias informações ocorreu para termos nossos próprios pensamentos e liberdade para colocar nossa opinião sobre o que podemos ou não podemos;

Sim, porque tivemos que buscar nossa base para fazer o documentário e isso foi trabalhoso;

Sim, pois indo atrás de tudo, o aprendizado foi bem maior;

No início era algo um pouco complicado, mas ao longo do tempo se tornou algo simples e prático;

Foi muito bom, pois cada um teve a iniciativa de ter que buscar conhecimentos para o assunto do filme.

Ao verificarmos estas respostas, entendemos o quanto o fazer, o por a mão na massa, pode ser um fator motivador no processo de ensino-aprendizagem. Percebemos isso em vários momentos onde os alunos valorizaram a ideia de ir a campo (pesquisar) buscar as informações necessárias para montarem o filme e construírem conhecimentos sobre o assunto proposto para o vídeo. Muito embora deixassem claro o trabalho, o esforço, a complexidade e o cansaço causado pela prática desta busca, entenderam a importância desta iniciativa para o exercício da liberdade de expressão e da manifestação do pensamento crítico.

Para os discentes, eles acharam interessante a dinâmica de pesquisar as informações para construírem seus aprendizados utilizando as TIC quando disseram que “[...] foi legal fazermos algo desde o começo, sendo responsáveis pelo próprio resultado [...]”, e que, isso tornou a tarefa “[...] instigante, porém é sempre mais complexo ter que ir atrás das fontes [...]”, entretanto “[...] a metodologia e o método utilizado para a busca das informações foi bem tranquilo [...]”, fazendo com que “[...] pesquisando nossas próprias informações [...]” contribuísse “[...] para termos nossos próprios pensamentos e liberdade para colocar nossa opinião sobre o que podemos ou não podemos [...]” afirmando ainda que “[...] indo atrás de tudo, o aprendizado foi bem maior [...]”.

A última questão (relativa à categoria motivação) buscou mostrar como os discentes valorizam o uso das TIC na educação e qual o nível de satisfação sobre o seu uso no ensino de Geografia. Assim vejamos:

4) Você acha que é importante o uso das TIC nas escolas e gostaria de continuar usando os recursos das TIC para estudar Geografia ou outra disciplina?

A TIC é de extrema importância para podermos realizar e adquirir conhecimento maior no dia-a-dia, pois a TIC veio para facilitar e nos mostrar que podemos aprender com mais

facilidade;

Gosto muito de utilizar as TIC para meu aprendizado, isso faz com que os alunos de certa forma esqueçam um pouco do nervosismo de realizar somente provas avaliativas;

Sem dúvida alguma o uso da tecnologia nos ajuda bastante na produção de trabalhos, tanto para relatar algo de importante quanto para adquirir informação. Na minha opinião, os professores deveriam continuar a utilizar os recursos da TIC;

É uma forma interessante de aprendizagem e assim, no meu ponto de vista, os alunos ficam mais envolvidos na realização do trabalho;

Utilizando esses meios de comunicação me ajudou muito e acredito que iria ajudar os alunos de outras turmas. É gratificante quanto você termina mais uns de seus vídeos;

É uma maneira mais prática e atual para o estudo e desenvolvimento de trabalhos;

Com certeza, pois ao utilizar esses meios de comunicação contribuiu muito para a nossa aprendizagem, transmitindo os conteúdos complexos e muitas vezes cansativos de estudar, em vídeos dinâmicos e de fácil compreensão. É essencial que outras matérias venham optar por esse método de estudo, pois além de transformar as aulas em momentos mais dinâmicos, contribuirá para um rendimento maior do conteúdo aprendido pelos alunos;

Utilizando esses meios de comunicação pode-se construir o conhecimento de uma forma mais fácil e dinâmica, principalmente em Geografia, que é uma matéria que fala de coisas que precisa ser mostrada ou ilustrada para entender;

Porque de certa forma é um jeito interativo de aprendizagem. Isso é um recurso que as vezes não é muito utilizado nas escolas, mas é muito eficiente e interessante para um maior aprendizado;

Pois é uma maneira mais interativa de aprender e as informações são apresentadas mais facilmente, porém não devemos dispensar as leituras.

Desta maneira, vemos nessas respostas, que os alunos entenderam que é fundamental o uso das TIC na educação, sobretudo no tocante ao seu uso na disciplina de Geografia que, por sua natureza, deve usar de instrumento que

possa visualizar os fatos e fenômenos sociais e naturais para facilitar sua compreensão.

Podemos perceber isso, quando os alunos falaram que “[...] a TIC é de extrema importância [...]”, eles reconhecem a relevância de seu uso na escola defendendo que “[...] o uso da tecnologia [...] ajuda bastante na produção de trabalhos [...]”, fazendo com que “[...] os alunos ficam mais envolvidos na realização do trabalho [...]”, ajudando a transmitir “[...] os conteúdos complexos e muitas vezes cansativos de estudar, em vídeos dinâmicos e de fácil compreensão [...]”.

Ao final da análise dessa categoria, podemos inferir que, a partir das respostas dos alunos, os mesmos evidenciaram o aumento da motivação no processo ensino-aprendizagem em Geografia e associaram esse aumento ao uso das TIC.

Por isso podemos dizer que o uso da produção de vídeo documentário em sala de aula pode contribuir com a motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, pois foge do que Fazenda (1989, p. 15) condena ao dizer sobre a “escola do silêncio” e atende a ideia de Moraes (2007, p. 07) que defende a importância da motivação dentro do sistema educativo para o desenvolvimento de um processo de ensino que venha atender uma exigência fundamental na construção de conhecimentos mais duradouros e significativos para os educandos.

6.2 Aprendizagem em Geografia

Segundo Brasil (2006) a aprendizagem em Geografia ocorre quando o educando compreende a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o Espaço Geográfico nas diversas escalas espaciais: local, regional, nacional e mundial. Somando-se a isso temos que acrescentar que ele torne-se capaz de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, detectando as contradições do mundo em que vive.

Para isso o processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar ao aluno construir conhecimentos significativos, respeitando a sua vivência e sua visão de mundo no Espaço Geográfico em que está inserido.

Destarte, podemos dizer que o planejamento da aula de intervenção do professor utilizou as TIC e buscou, a partir do conteúdo demografia, valorizar

os conhecimentos partindo da escala espacial local, na medida em que se priorizou os conhecimentos partindo dos levantamentos dos dados e das informações sobre a população do município, do estado, do Brasil e do mundo para facilitar a compreensão dos alunos, uma vez que aproveita suas experiências no cotidiano.

Assim, podemos afirmar que essa prática pedagógica atendeu o que Brasil (2006) propõe nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, na promoção da aprendizagem, quando proporciona “capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo”.

Essa prática pedagógica é defendida também por Castrogiovanni (2007, p. 46): “O professor não deve esquecer que a percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado, também, das relações afetivas e de referências socioculturais”.

Aqui se verifica também a preocupação com o desenvolvimento da identidade/territorialidade dos educandos quando, ao partir dos estudos locais, tentam valorizar o currículo identitário, que segundo Ferreira e Alves (2009, p. 04), “isto só é possível [...] valorizar os saberes culturais da comunidade [...] que também reconhece os conhecimentos prévios dos sujeitos [...]”.

A metodologia com o uso das TIC em sala de aula, promovida nesta pesquisa, proporcionou dois eixos de aprendizagens importantes: o primeiro eixo diz respeito à construção de conhecimentos para além do tema discutido e para além do currículo formal proposto pela escola. E segundo, e não menos importante, diz sobre as condições criadas para atender o que se pede no PCNEM em Geografia, quanto à aprendizagem, no que diz respeito a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, detectando as contradições do mundo em que vive.

Dentro do primeiro eixo, que refere-se à construção de conhecimentos para além do tema discutido, podemos destacar a fala de um dos alunos por ocasião da avaliação sobre o uso da estratégia pedagógica: “Eu aprendi muito. Além de aprender os conteúdos, nós aprendemos a mexer com o movie maker e a criar um vídeo”.

Verifica-se na fala do aluno a valorização do aprendizado em relação ao programa de edição de vídeo demonstrado, assim a sedução que as TIC

causam nos educandos como um todo, reforçando o que Moran (1999, p. 04), defende.

Ainda dentro do primeiro eixo, podemos usar a fala de dois participantes da pesquisa:

“Professor eu não sabia editar vídeo e agora eu sei. Meu pai perguntou se eu não queria ajudar um amigo dele numa edição de um material lá da empresa dele. Eu vou, é fácil e só imagens e sons. Parece que é um evento que vai acontecer lá. O cara vai dá R\$50,00. É que ele não sabe e não tem gente lá que faz. Ai meu pai viu minha correria para fazer o nosso vídeo (riso) ai ele pensou que eu poderia [...]”.

“Professor o senhor me empresta aqueles vídeos tutoriais de técnica de filmagens? Eu acho que vou me aperfeiçoar em filmagem. Gostei muito de filmar utilizando as técnicas. Eu tenho um tio que tem uma empresa que filma eventos, mas não é para trabalhar com ele não. Eu quero, quem sabe, trabalhar na televisão”.

Verificamos aqui, nessas duas falas, algo muito forte na aprendizagem. Vemos que, diante do entusiasmo, lhe foi apresentado algo muito valioso e quem sabe podendo definir rumos profissionais nesse universo de indecisão tão típico dos adolescentes, mesmo diante de tantas oportunidades apresentadas pelo mundo contemporâneo.

Dentro do segundo eixo de aprendizagens que diz respeito a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, detectando as contradições do mundo em que vive; a ideia do aprender a aprender foi contemplada e para isso podemos usar a fala do aluno: “Achei interessante pesquisar as informações e depois nós mesmo quem teve que organizar para fazer o vídeo. Hoje se eu tiver que fazer outro eu faço de olho fechado”.

Além de construir novos conhecimentos ele desenvolveu a habilidade de buscar a informação, aprendendo a aprender. Assim, tornar-se protagonista na construção dos seus conhecimentos são indispensáveis para a construção de saberes mais significativos e duradouros e ao manusearem as ferramentas das TIC no contexto escolar, como diz Costa e Santana (2009, p. 37-38), estamos tornando “[...] o aluno sujeito ativo no processo de produção do conteúdo, contribuindo para a formação de um cidadão mais crítico frente às manipulações da informação”.

Ainda dentro desse segundo eixo, percebeu-se aprendizagem. Para

isso, podemos usar a observação do professor quanto à relação da turma para com o aluno portador de necessidades especiais, onde eles, com o formato da aula, puderam ter um maior contato com ele e auxiliaram de forma colaborativa nas execuções das atividades que havia ficado para ele, como por exemplo transporta-lo na sua cadeira de roda da sala para o laboratório, construíam layout de formação do grupo de maneira a incluí-lo, apesar de suas limitações não o deixaram de fora do processo, inclusive nas discussões de qual imagens e sons deveriam ser usadas, ou não, na cena que o mesmo estava fazendo parte do grupo responsável de construí-la. Neste sentido, evidenciando o exercício da inclusão em ambiente escolar que foi devidamente vivenciado pela turma de maneira natural e espontânea, contribuindo desta forma, para uma formação cidadã, conforme preconiza os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio.

Ainda como forma de analisar a aprendizagem em Geografia com o uso da produção de vídeo documentário vamos conhecer as respostas coletadas nos questionários aplicados para os participantes da pesquisa após o processo intervencionista da investigação-ação em foco. Para isso foram disponibilizadas 02 (duas) questões específicas:

A primeira questão procurou verificar a opinião dos educandos quanto ao grau de dificuldade/facilidade apresentada sobre o uso das TIC e a aprendizagem dos mesmos.

5) Em relação à aprendizagem com o uso desta metodologia você acha que aprendeu com mais facilidade o conteúdo de Geografia?

Acredito que facilitou, porque tivemos que revisar muitas vezes as informações e como ficaria então acredito que facilitou já que gravou melhor na mente;

Facilitou por que essa metodologia nos proporcionou uma nova forma de aprendizagem, muito eficiente e mais dinâmica;

Muito mais. Essa metodologia me fez absorver muito o conteúdo. Foi muito gratificante;

Totalmente, pois tornou conteúdos complexos e muitas vezes de difícil entendimento em algo mais dinâmico. Tive um rendimento alto, pois os vídeos me levaram a ter um conhecimento maior, mesmo sendo de uma pequena área, sobre os temas dos apresentados nos vídeos. Levou-me a

absorver novos conteúdos. Foi muito gratificante;

Foi melhor que muitas outras metodologias. Então acredito que facilitou muito mais o meu aprendizado;

Sim, pois os recursos disponibilizados por essa metodologia me fizeram compreender melhor o conteúdo abordado;

Foi um jeito novo de aprender e que envolveu muito o aluno;

Alguns conteúdos do projeto eu consegui entender com o auxílio da internet, mas algumas áreas do assunto não me fez absorver totalmente, mas no geral, facilitou bastante;

Ensinou-me a ler mais sobre o assunto, entender melhor o que estou fazendo para assim concluir um trabalho;

O vídeo auxilia na melhor absorção do conteúdo;

Foi uma maneira mais interativa e conseqüentemente mais fácil e interessante para o aprendizado;

Pois eu mesmo pesquisei o conteúdo, também me incentivou a pesquisar mais e isso facilitou o aprendizado;

Metodologia diferenciada me animou a fazer as coisas e aprender mais fácil e de um jeito divertido.

Percebemos nessas manifestações que o uso das TIC facilitou o aprendizado dos alunos, onde a maioria valorizou a interatividade, a visualização a partir do vídeo, a pesquisa na internet e as pesquisas bibliográficas como fatores que facilitaram o aprendizado dos mesmos.

Confirmaram isso em suas respostas ao afirmarem que ficou mais fácil aprender porque “[...] tivemos que revisar muitas vezes as informações [...] que facilitou já que gravou melhor na mente [...]”, desta maneira essa “[...] metodologia nos proporcionou uma nova forma de aprendizagem, muito eficiente e mais dinâmica [...]”, por isso “[...] tive um rendimento alto, pois os vídeos me levaram a ter um conhecimento maior [...]”, portanto, “[...] os recursos disponibilizados por essa metodologia me fizeram compreender melhor o conteúdo abordado [...]” e assim “[...] foi uma maneira mais interativa e conseqüentemente mais fácil e interessante para o aprendizado [...]” e que o uso de uma “[...] metodologia diferenciada me animou a fazer as coisas e aprender mais fácil e de um jeito divertido [...]”.

A segunda pergunta teve como objetivo de verificar a opinião dos alunos quanto aos seus rendimentos escolares em Geografia com o uso da

metodologia de ensino em questão

6) Em relação à aprendizagem, você acha que com o uso desta metodologia você teve melhor aprendizado que com o uso de outra metodologia?

Com certeza, o uso desta metodologia proporcionou melhor aprendizado do que com outra;

Consegui absorver melhor o conteúdo através das imagens;

Sim, no caso da Geografia principalmente, pois a visualização direta com o estudo facilita o aprendizado;

Não somente com geografia, porque depois do primeiro vídeo alguns professores descobriram que tínhamos feito e adotaram a metodologia e está dando muito certo;

Sim, pois aprendi o conteúdo mais facilmente, porém apenas esse método foi realizado na disciplina de geografia o que me levou apenas a ter um proveito maior nessa área. No caso seria ótimo se outros professores viessem a utilizar essa metodologia.

Diante disso, verifica-se que os alunos afirmaram, em sua maioria, que aprenderam mais com esta metodologia. Essa constatação no aumento dos rendimentos dos discentes, segundo a opinião dos alunos, pode ser ilustrada nas afirmações dos mesmos ao dizerem que “[...] o uso desta metodologia proporcionou melhor aprendizado do que com outra [...]”, pois “[...] consegui absorver melhor o conteúdo através das imagens [...]”, e “[...] no caso da Geografia principalmente, pois a visualização direta com o estudo facilita o aprendizado [...]”.

Mas uma coisa que chama atenção em uma das falas, nesta pergunta, é o fato de um dos alunos expressar que o exemplo positivo na disciplina de Geografia vem sendo seguido por outros professores de outras disciplinas e com sucesso, mostrando com isso a disseminação de uma prática educacional pautada no uso das TIC em sala de aula.

Assim, além de reconhecer a importância do uso da metodologia para melhorar o aprendizado em Geografia, os alunos destacaram que “[...] depois do primeiro vídeo alguns professores descobriram que tínhamos feito e adotaram a metodologia e está dando muito certo [...]”, mostrando com isso a sua disseminação para outras unidades curriculares gerando uma ampliação

da referida atuação metodológica.

Finalizando a análise dessa categoria, podemos deduzir que, a partir das respostas dos educandos, eles identificaram uma melhoria na aprendizagem em Geografia e atribuíram essa melhoria ao uso das TIC no processo educacional desenvolvido em sala de aula.

Por isso podemos dizer que o uso da produção de vídeo documentário em sala de aula pode contribuir com a melhoria do desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, confirmando, por mais que essa investigação tenha trabalhado com adolescentes, o que prega Almeida (2005) ao defender que as crianças prestam atenção apenas em 10% do que leem, contra 80% do que ela diz, e 90 % do que ela diz e faz ao mesmo tempo.

Bem como reforça os apontamentos de Moran (1999) ao defender a importância do uso das TIC no ensino, pois com ela vamos valorizar mais a busca dos conhecimentos do que os resultados prontos, tornando o aprendizado mais prazeroso, pois é feito através da sedução e da emoção explorada sensorialmente. Além disso, torna o aluno sujeito ativo da produção de conteúdo despertando o interesse e a criatividade do mesmo como defende Costa e Santana (2009).

E ao usar o gênero documentário para a produção do vídeo no processo intervencionista, criou-se condições para a liberdade de expressão, que é um direito garantido nos artigos 12, 13 e 17 da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, através de uma participação mais ativa e interativa dos discentes, como defende Bévort e Belloni (2009).

6.3 Interdisciplinaridade em Geografia

A Interdisciplinaridade em Geografia trata de uma abordagem de estudo sobre determinado assunto onde se utiliza: “Os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista” (BRASIL, 1999, p. 34).

A importância de se praticar uma interdisciplinaridade em Geografia, apontado por Santos (1980), está na necessidade de se pensar em uma Geografia mais que multidisciplinar, deve ir além da multidisciplinaridade. Deve-se buscar a interdisciplinaridade, onde para que aconteça de fato, precisa promover a integração dos conteúdos a partir da utilização das contribuições

dos diversos conhecimentos de cada disciplina para se entender a totalidade do problema a ser solucionado.

Nesse contexto podemos afirmar que as aulas praticadas em Geografia, antes do processo intervencionista proposto por esta pesquisa, eram planejadas e executadas de forma disciplinar, ou seja, isolada das demais áreas, e muito embora a Geografia necessite recorrer a outras áreas para suas explicações de fatos e fenômenos geográficos, a prática pedagógica do professor da turma mantinha-se de maneira fechada, onde ele dentro da sala discutia os temas relacionados à sua disciplina sem promover interações concretas com outras áreas do conhecimento. Sobre essa realidade podemos utilizar o pronunciamento do próprio professor da turma mencionado na subseção 2.1 (O encontro com o tema da pesquisa) desta dissertação.

No entanto, a interdisciplinaridade foi evidenciada na intervenção desta pesquisa. A interdisciplinaridade pedagógica defendida por Pinheiro (2006, p. 59-61) que se caracteriza pela prática do ensino em sala de aula dentro da concepção da interdisciplinaridade didática. É ela que vai garantir a concretização, na prática, de um modelo ou modelos didáticos interdisciplinares inseridos em situações concretas da didática.

Essa interdisciplinaridade se concretizou quando se realizou e executou um planejamento de aula com o uso das TIC em sala de aula, e que, para desenvolver as habilidades na produção de vídeo e técnica de filmagens recorreu-se aos conhecimentos da Arte e da Comunicação, e para as habilidades voltadas aos manuseios de equipamentos de captação de imagens, sons e edição de vídeo, recorreu-se à Informática.

Desta maneira, cumprindo o que defende Brasil (1999, p. 34) nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, quando propõem, como ações interdisciplinares aquelas onde se utiliza saberes de várias áreas do conhecimento para solucionar problemas ou dar respostas a um dado fato ou fenômeno, neste caso social, sob diferente ponto de vista.

Mesmo sendo percebida claramente, até aqui, a ocorrência da interdisciplinaridade nesta prática educativa com o uso da produção de vídeo documentário, faz-se necessário, para cumprir o objetivo geral deste trabalho, saber a opinião dos alunos sobre a prática da interdisciplinaridade nesta

investigação. E para isso foi proposto no questionário desta pesquisa, e vamos analisar, 03 (três) questões de natureza aberta (subjetiva) e fechada (objetiva):

A primeira questão buscou verificar o grau de percepção dos alunos em relação ao uso de conhecimentos de outras áreas, de maneira colaborativa, para se construir saberes em Geografia. Para isso foi necessário explicar o significado da palavra interdisciplinaridade antes de fazer o questionamento, pois é um conceito longe do universo intelectual dos discentes.

7) A palavra interdisciplinaridade significa a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. É quando duas ou mais disciplina, uma auxiliando a outra, buscam trazer resposta sobre um tema específico. Você acha que o uso desta metodologia de ensino proporcionou a interdisciplinaridade na disciplina de Geografia?

Acredito que sim, pois envolve não apenas a geografia, mas também edição de vídeo, o conhecimento na área de geografia;

Claro, sem dúvidas. Pois houve uma união da aprendizagem audiovisual com a de leitura. Aprendemos no momento que buscamos o conhecimento na internet e na visualização dos vídeos já finalizados;

Consegui mesclar a Geografia e a Informática;

Para que o resultado fosse positivo houve a interação de outras matérias, um exemplo disso é a decupagem que fizemos antes de dar início ao vídeo;

Foi necessário conhecimento geográfico para analisar o espaço geográfico e gerar conclusões específicas sobre o mesmo, e conhecimento tecnológico para produção e decupagem do vídeo requerido pela metodologia;

Sim, foi utilizado os conceitos da disciplina de geografia e a área de informática usando sites de busca para encontrar vários argumentos de geógrafos especialistas nas áreas que estamos;

Pesquisando com isso uma criação mais clara do trabalho escrito e com o uso das tecnologias de criação de vídeo foi possível criar uma maneira alternativa de demonstrar os conhecimentos Geográficos além da escrita;

Essa metodologia exigiu uma interdisciplinaridade entre as

matérias de geografia e várias relacionadas ao mundo da informática e consequentemente as TIC's, fazendo-nos utilizar ou desenvolver conhecimento em editores de vídeo e em alguns casos de áudio, entrevistas, narrativas dentre outros, fora a descoberta de novos programas e técnicas, gerando um engrandecimento tanto na matéria de geografia como em outras áreas nas específicas de informática;

Sim, com a explicação, e o aprendizado que tive para fazer um bom trabalho científico posso usar o meu conhecimento para fazer outros trabalhos científicos de qualquer outra matéria. E também com o uso da informática para editar os vídeos.

Destarte, a maioria dos alunos entendeu o que é interdisciplinaridade e conseguiram detectar onde e como ocorreu dentro do processo de ensino-aprendizagem com o uso da produção de vídeo documentário.

Esse entendimento foi evidenciado a partir das respostas dadas pelos discentes no momento que afirmaram que ao utilizarem a metodologia de ensino em foco nesta pesquisa, tiveram que recorrer a conhecimentos que “[...] envolve não apenas a geografia, mas também edição de vídeo [...]”, que são saberes ligados a várias áreas, notadamente de informática, publicidade e propaganda, comunicação social ou cinema.

Outro momento que levou a confirmar que os alunos entenderam e identificaram a interdisciplinaridade foi quando recorreram a habilidades inerentes à área da arte (também estão ligadas à publicidade e propaganda, comunicação social ou cinema) para a produção do vídeo e disseram que “[...] um exemplo disso é a decupagem que fizemos antes de dar início ao vídeo [...]”.

Portanto, nesse formato de aula, vivenciamos a interdisciplinaridade, pois necessitamos buscar “[...] conhecimento tecnológico para produção e decupagem do vídeo requerido pela metodologia, fazendo-nos utilizar ou desenvolver conhecimento em editores de vídeo e em alguns casos de áudio, entrevistas, narrativas dentre outros. Fora a descoberta de novos programas e técnicas gerando um engrandecimento tanto na matéria de geografia como em outras áreas, principalmente nas específicas de informática [...]”, conforme desta um dos alunos.

Quanto à questão seguinte, buscou-se entender qual é a visão dos alunos sobre a prática efetiva da interdisciplinaridade, ou seja, o uso de

saberes de outras áreas do conhecimento para auxiliar no melhor entendimento ou compreensão no ensino de Geografia e qual a importância dada pelos discentes sobre essas habilidades e competências adquiridas para além da aprendizagem em Geografia.

8) Em sua opinião usar os conhecimentos de outras áreas, como a informática e a arte, aprendendo a editar e a produzir vídeo, a partir do uso desta metodologia, foram importantes para entender o conteúdo para além do proposto em Geografia?

Sim, pois é uma maneira inovadora, que não envolve apenas a geografia ou a informática, juntou as duas;

Com certeza, pois nos aprofundamos não só na busca das informações para a construção do vídeo, mas também nos meios e recursos que poderiam ser utilizados para realiza-lo;

Muitos alunos da sala tiveram o proveito e a oportunidade de interagir com ferramentas novas, como o Sony Vegas (editor de vídeo), o PowToon (site para criar vídeos animados), entre muitos outros. Então, pode-se dizer que não houve apenas o aproveitamento dos conteúdos, mas também dessas técnicas aprendidas;

Sim, pois através da internet, podemos ver vídeos e fotos do conteúdo, o que ajudou na memorização e entendimento daquela área;

Com certeza, porque é sempre bom sabermos editar algo, produzir um vídeo e associar a informática e a arte, ou outras matérias também. A informática sempre foi importante e vai continuar sendo, então precisamos dela para um bom currículo e nosso futuro profissional;

Para além da geografia, nos proporcionou o conhecimento de como fazer um trabalho científico que pode ser usado em outras disciplinas;

Aprendemos mais como criar/editar vídeos para um determinado assunto. Utilizamos a imaginação para que a arte expressa no vídeo ficasse interessante;

Sim, o conhecimento que adquirimos foi além da geografia, abordando as mais diversas matérias e os mais diversos temas, ampliando nosso conhecimento e nossa experiência em vastas áreas do conhecimento;

Seria com toda certeza impossível montar o vídeo sem os conhecimentos necessários para a edição e montagem do mesmo, ou seja, foi de suma importância termos aprendido a como editar e fazer e editar os vídeos.

Desta maneira vemos que os alunos conseguiram visualizar a importância da interdisciplinaridade na ampliação dos seus conhecimentos para além dos propostos na disciplina de Geografia, fazendo com que os mesmo não só adquirissem habilidades e competências de outras áreas para facilitar a construção de conhecimentos geográficos, mais utiliza-las em outras situações de suas vidas estudantis e quem sabe no futuro profissional.

A importância dada pelos educandos para a interdisciplinaridade é porque “[...] não envolve apenas a geografia ou a informática, juntou as duas [...]”, dando oportunidade para “[...] nos aprofundarmos não só na busca das informações para a construção do vídeo, mas também nos meios e recursos que poderiam ser utilizados para realiza-lo [...]”, além disso, o professor “[...] nos proporcionou o conhecimento de como fazer um trabalho científico que pode ser usado em outras disciplinas [...]”. Continuaram valorizando dizendo que “[...] é sempre bom sabermos editar algo, produzir um vídeo e associar a informática e a arte, ou outras matérias também [...]” e “[...] a informática sempre foi importante e vai continuar sendo, então precisamos dela para um bom currículo e nosso futuro profissional [...]”.

Visando certificar-se das opiniões dos alunos sobre a importância de continuar usando a interdisciplinaridade em sala de aula, foi realizada a pergunta seguinte.

9) Você acha que o professor de Geografia deve continuar utilizando a interdisciplinaridade em suas aulas?

Eu tenho certeza que deve sim, pois além de os alunos aprenderem o conteúdo de Geografia, vai aprender muitas coisas de outras disciplinas;

Geografia não é uma matéria que desperta muito o interesse dos alunos, então, com o uso de artifícios da informática conseguimos ter uma interpretação melhor do conteúdo;

Deve sim, e acredito que vai, pois isso facilita o engrandecimento na área da geografia e gera um aprendizado além do proposto, ampliando os horizontes de todos os alunos em outros conhecimentos indispensáveis para quem passarem por sua sala de aula;

Sim, porque podemos ter auxílio de um computador, que nos ajuda com o aprendizado, e aprendendo não apenas sobre geografia, mas também tendo mais entendimento de informática;

Ele deve continuar, pois dessa forma fica mais fácil aprender o conteúdo e não ajuda só na geografia mas também para as disciplinas como introdução OPMP que ensinaram como devíamos construir trabalhos usando softwares de multimídia.

A partir das interpretações das respostas dos alunos sobre essa questão, percebemos que eles defenderam que o professor deve continuar usando de estratégias interdisciplinares em suas aulas e compreenderam que o seu uso pode não só facilitar e melhorar a aprendizagem em Geografia, mas criar novos saberes indispensáveis aos mesmos.

Destarte, ao inferirmos uma sequência de sentidos nas falas dos alunos, vamos entender que a defesa do uso da interdisciplinaridade se dá “[...] pois além de os alunos aprenderem o conteúdo de Geografia, vai aprender muitas coisas de outras disciplinas [...]” e que a “[...] Geografia não é uma matéria que desperta muito o interesse dos alunos, então, com o uso de artifícios da informática conseguimos ter uma interpretação melhor do conteúdo [...]” e “[...] também tendo mais entendimento de informática [...]” ampliando com isso “[...] os horizontes de todos os alunos em outros conhecimentos indispensáveis [...]”.

Ao final da análise dessa categoria, podemos afirmar que, a partir dos apontamentos dos alunos, perceberam-se ações interdisciplinares e valorizaram essa prática demonstrando sua importância para uma formação mais abrangente na construção de maiores habilidades e competências para o exercício da cidadania e o preparo para o mercado de trabalho.

Por isso podemos afirmar que o uso da produção de vídeo documentário em sala de aula pode proporcionar a prática da interdisciplinaridade, como defendem Pinheiro (2006) e Santos (1980), no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, contribuindo para uma prática docente mais eficiente e construindo saberes mais significativos e duradouros na formação discente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Ao final, podemos afirmar que o uso da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no ensino de Geografia pode se tornar um excelente aliado no processo de ensino-aprendizagem, pois ela permite aos educandos a possibilidade de manusear as ferramentas das TIC de maneira a despertar o interesse dos alunos para os conceitos de Geografia e, segundo Bérvort e Belloni (2009, p.1083) “desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, novos modos de aprender, mais autônomos e colaborativos”.

Porém, apesar disso, ainda estamos preso em uma realidade educacional no Brasil que tem dificultado o uso das TIC na educação, quanto à prática docente como, por exemplo, podemos citar: O apego ao tradicionalismo e dificuldade para se adaptar ao novo; A falta de domínio com as novas tecnologias e resistência em buscar habilidades mínimas necessárias para o mundo atual; Prender-se ao plano de ensino e/ou ao livro didático como um manual autossuficiente para promover a formação esperada para o educando etc.

No contexto geral da educação brasileira, ainda contamos com situações que podem desmotivar ou até mesmo impedir o uso da produção de vídeo documentário na educação como, por exemplo: A falta de flexibilidade do Currículo; A falta de materiais e estrutura física como laboratório de informática, internet, câmera fotográfica, filmadora, microfones, TVs etc; A existência de uma estrutura tradicionalista do sistema educacional. Apesar de alguns discursos contradizerem, ainda vivenciamos uma educação do passado tentando formar o cidadão do presente e do futuro; Permanência, na prática, de uma concepção avaliativa classificatória e excludente dentro das instituições de ensino e nos diversos espaços fora dela, como ENEM, concursos públicos, vestibulares e outros; Sobre carga de aulas de forma a esgotar o estímulo e/ou o tempo para planejar uma aula com o uso dos recursos audiovisuais.

Também como fatores que podem atuar de maneira desmotivadora no uso da produção de vídeo documentário na educação pode-se citar: A atuação em séries diversificadas, ou seja, o professor trabalhar com turmas que variam do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, exigindo do professor, além de um número maior de preparação de aula, uma maior dinâmica na linguagem e formas de abordagem dos conteúdos; Falta da

profissionalização do docente, ou seja, ele é tratado como um proletário do sistema educacional (horário para entrar, horário para sair, cumprimento das aulas através de tempo cronometrado, excessivas cargas horárias diárias de trabalho, tarefas burocráticas em demasia etc.) e não como um sujeito/profissional que tem autonomia no exercício de sua função/docente (definir onde e como quer trabalhar um conteúdo, autonomia financeira para planejar uma aula que envolva gastos, flexibilidade com os conteúdos definidos no currículo escolar. O professor pode até sair do que se prevê o PPC da escola, mas se houver questionamentos deverá abortar a missão sob as penas da lei, entre outras); E a falta de políticas de qualificação do profissional docente nas instituições de ensino.

Diante disso vamos apontar o ponto forte e os pontos a serem melhorados quanto à utilização da produção de vídeo documentário como estratégia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem:

Pontos fortes: Poderíamos afirmar que o ponto forte deste processo de ensino-aprendizagem, como o uso das TIC, reside no fato de que estamos vivendo a era digital, o contato com a “geração z”, portanto, supostamente, com maiores facilidades para lidarem com as novas tecnologias.

Assim, podendo proporcionar maior participação dos alunos na construção dos seus conhecimentos; aumentar a autonomia do aluno para o seu aprendizado; dinamizar as aulas; possibilitar o domínio das novas tecnologias da informação; contribuir na formação da responsabilidade do educando; produzir uma reflexão do aluno enquanto ser social; promover a socialização do educando; e pode promover a melhoria no aproveitamento quantitativo e qualitativo do aluno quanto ao seu rendimento escolar.

Pontos a serem melhorados: a participação dos alunos no planejamento da produção do vídeo documentário; evitar dividir a turma em vários grupos/cenas para produzir um único vídeo; definir o tema geral e dar autonomia aos alunos na escolha do subtema para a produção do seu vídeo; trabalhar mais na preparação dos alunos com os recursos audiovisuais e edição de vídeo, antes mesmo de começar com as atividades para a produção fílmica; diversificar e/ou deixar livre o gênero do vídeo, ou seja, não se restringir à produção de vídeo documentário dando possibilidades de escolha sobre a forma de vídeo que os alunos querem produzir; talvez criar uma competição

nos moldes de um festival, com premiação para os melhores trabalhos, para estimular, e quem sabe, melhorar a participação dos alunos e a qualidade dos materiais audiovisuais finais; e promover um evento (talvez um festival interno) onde os alunos envolvidos no processo de produção de vídeo possam assistir aos vídeos e ao mesmo tempo ter acesso aos conteúdos dos subtemas dos demais grupos (que não seja o seu) e dar a todos, oportunidade de socialização dos conteúdos do tema geral proposto pelo professor.

No entanto, vale ressaltar aqui que a proposta desta investigação não teve a pretensão de indicar a solução para o problema educacional como um todo. Assim, devemos continuar a defender a qualidade do ensino pautado em avanços provenientes de políticas públicas sérias e que tenham continuidade; valorização do profissional docente; democratização nas decisões escolares; maior participação dos pais na vida escolar dos seus filhos; currículo escolar que atenda a formação do indivíduo segundo a realidade em que está inserido; menor carga horária para o profissional docente e salas de aulas menos lotadas; uma melhor definição sobre a política de inclusão no processo educacional; formação inicial que de fato forme o profissional da docência capaz de se sentir preparado para lidar com os desafios da licenciatura; formação continuada de fato e de direito, proporcionando ao profissional maiores preparos e aquisição de novas habilidades e competências para o magistério imposto pelas transformações constantes na e da sociedade; entre outros.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, E. S. **“Tendências recentes do ensino fundamental no Brasil”**. Difusão de Ideias. Fundação Carlos Chagas. Faculdade de Educação da USP. São Paulo. p.1-13. 2 dezembro. 2005. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/congresso_tendete_nde_recntes.pdf> acessado em 10/09/2014.

BÉVORT, E. ; BELLONI, M. L. **Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acessado em 01/06/2015.

BRASIL. MEC. SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1999.

BRASIL. MEC. SEB. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio; Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. IN: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, R. N. ; SANTANA, H. O. A produção de documentários no ambiente escolar. **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**. n. 7, p. 36-45, 2009.

EXPLORER, Produções fazendo do vídeo sinônimo de cultura e educação. **Oficina de vídeo:** nível básico. Disponível em: <<http://www.explorerproducoes.com.br/oficinadevideo/index.html>> acessado em 20/03/2015.

FAZENDA, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez. 1989.

FORTUNA, D. B. *et all.* **A mídia como ator social – a apropriação das mídias pelos atores sociais**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fortuna-brandao-almeida-leal-nogueira-ribeiro-midia-ator-social.pdf>> acessado em 24/04/2014.

FERREIRA, C. F. T. ; ALVES, S. F. O Ensino de Geografia Escolar e Currículo Identitários: Um Estudo Teórico de suas Relações. **10º ENPEG- Encontro Nacional de Práticas Ensino em Geografia**. Porto Alegre - RS. 2009. Disponível: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(6\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(6).pdf)> e acessado em 13/08/2014.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da pesquisa-ação**. Educ. Pesqui. São Paulo , v. 31, n. 3, dez. 2005. Disponível: <<http://scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300011&lng=pt&nrm=iso> acesso em 01/11/2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAMPE, B. **Escrevendo um documentário**. [online] Disponível em <[http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/15381/material/Esc revendo%20um%20documentario.pdf](http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/15381/material/Esc%20revendo%20um%20documentario.pdf) > acessado em 30/07/2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA-IFRO. **Projeto Pedagógico**: Curso de Informática Integrado ao ensino médio. Reorganização Curricular aprovada *ad referendum* no Consup, resolução 02/2010. Ji-Paraná-RO, 2010.

JESUS, A. R. de. **Currículo e Educação**: Conceito e Questões no Contexto Educacional – UEL – PUC São Paulo. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/642_840.pdf> e acessado em 05/11/2015.

KEARCHER, N. A. A geografia escolar na pratica docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica. in: **8º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, Dourados**, 2005.

LENOIR, Y. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontestável. In: FAZENDA, I. (org.) **Didática e interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1998.

MENEZES, A. C. S. ; ARAUJO, L. M. **Currículo, Contextualização e Complexidade: Espaço de Interlocução de Diferentes Saberes**. Disponível em: <<http://www.irpaa.org/publicacoes/artigos/artigo-lucin-ana-celia.pdf> > acessado em 19/08/2014.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAES, C. R. Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. IN: **Revista eletrônica de Educação**. Ano I, N°. 01, ago. / dez. 2007.

MORAN, J. M. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios. **Palestra proferida no evento "Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes", realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza**, no ano de 1999. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6% 20Texto Moran.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf)> e acessado em 14/09/2015.

NUNES, D. D. **Rondônia: Ocupação e Ambiente**. Disponível em <[http://www.revistapresenca.unir.br/boletim-presen%C3%A7a/07dorisvalder dias nunesrondoniaocupacaoambiente.pdf](http://www.revistapresenca.unir.br/boletim-presen%C3%A7a/07dorisvalderdiasnunesrondoniaocupacaoambiente.pdf)> acessado em 02/06/2015.

PINHEIRO, T. C. **As contribuições da Geografia para a abordagem interdisciplinar no ensino médio**. Santa Catarina, 2006, 117f. Dissertação (Mestre em Educação Científica e Tecnológica), Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89192>> acessado em 19/09/2014

PUCCINI, S. **Introdução ao roteiro de documentário**. Doc On-line, n.06, Agosto 2009, www.doc.ubi.pt, pp. 173-190. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf> acessado em 30/07/2014.

RESENDE, C. A. de. **Recursos metodológicos em pesquisas qualitativas com adolescentes**. Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais, 2013. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/597.%20rerecurs%20metodol%D3gicos%20e%20pesquisas%20qualitativas%20com%22adolescentes.pdf> e acessado em 31/07/2014.

RIBEIRO, E. **Oficina de Comunicação (COM8030)**. Curso de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida, 2011. Disponível em <http://www.ibam-concursos.org.br/documento/erica_cvj.pdf> Acessado em 30/09/2014.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1980.

SILVA, A. A. da. Etnomatemática e Mito Indígena: A Busca do Diálogo na Aula de Matemática. **X Encontro Nacional de Educação Matemática - Educação Matemática, Cultura e Diversidade. Salvador – BA**, 7 a 9 de Julho de 2010. Disponível em <http://www.lematec.net/CDS/ENEM10/artigos/CC/T22_CC2187.pdf> acessado em 26/08/2014.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 31, n. 3, dez. 2005. Disponível em <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 10/11/2013.

VALENCIA, M. C. P. A Cibercultura como campo de conhecimento: Constituição a partir do campo da Comunicação. In SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa; BALDESSAR, Maria José (org.). **Olhares sobre a cibercultura**. 1. ed. Florianópolis : CCE/UFSC, 2012. cap. 7, p. 97 – 104.

APÊNDICES

Apêndice A-Termo de Autorização Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado Profissional em Educação Escolar - MEPE



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

(disponível no site www.hra.famema.br em comissões e comitê)

Ji-Paraná-RO, 20 de agosto de 2014.

Ilustríssimo Senhor
Vonivaldo Gonçalves Leão.
Diretora-Geral – IFRO Campus Ji-Paraná
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Eu, Reginaldo Diógenes de França, responsável principal pelo projeto de pesquisa em nível de pós-graduação *Stricto sensu* (Mestrado Profissional em Educação Escolar), venho pelo presente solicitar vossa autorização para realizá-lo neste campus do IFRO-Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia no 1º ano A do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do ano letivo 2014.

A pesquisa será intitulada: "A Produção de Vídeo-documentários em Sala de Aula: Uma Proposta de Pesquisa-ação no Processo de Ensino-estudo-aprendizagem em Geografia no IFRO- *campus* de Ji-paraná-RO", e Orientado pela Professora Drª Aparecida Augusta da Silva e atenderá o disposto na Resolução CNS 466/2012 de dezembro de 2012.

Terá como objetivo Investigar a produção de vídeo documentário como proposta metodológica no ensino de Geografia para o 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO.

A metodologia a ser utilizada será a pesquisa-ação e os procedimentos para a pesquisa consistirá em uma intervenção num processo de ensino-estudo-aprendizagem da turma do 1º A de Informática/2014 na 3ª etapa, onde os alunos irão produzir um vídeo-documentário que trate de conceitos da Geografia, e o planejamento para esta intervenção, será o seguinte:

1º Sensibilização e compreensão do tema através de uma aula expositiva-dialogada com o auxílio do Power Point e um vídeo trazido pelo professor-pesquisador; trabalhando os conceitos;

2º Apresentar aos alunos o roteiro simplificado para a produção do vídeo-documentário, colocando-os cientes das atividades a serem desenvolvidas na aula-intervenção;

3º Dividir a turma em equipes com números de participantes de forma equitativa, segundo as necessidades impostas por cada "Cena" na produção do documentário, conforme roteiro simplificado;

4º Desenvolver junto com os alunos e o professor de informática da turma, uma oficina que possibilite os alunos a aprenderem trabalhar com as ferramentas de edição de vídeos;

5º Com o auxílio do laboratório de informática, cada equipe irá pesquisar na internet imagens (mapas, gráficos, tabelas, fotografias etc.), sons, vídeos dados e textos que tratem das suas respectivas cenas, conforme consta no roteiro simplificado;

6º Editar os vídeos, no próprio laboratório da instituição, sendo que cada equipe editará sua cena e ao final farão em conjunto a unificação das mesmas construindo o vídeo-documentário, com um tempo entre 10 e 15 minutos de duração;

7º Promover uma exposição do vídeo-documentário no auditório do IFRO-campus de Ji-Paraná-RO, para toda a comunidade estudantil da instituição.

Os benefícios diretos esperados se configuram em uma aula baseada numa relação de interatividade trazendo uma maior dinâmica na construção dos conhecimentos necessários para a formação acadêmica; espera-se também que esta atividade possa proporcionar a aproximação e o desenvolvimento das habilidades voltadas ao manuseio das novas tecnologias. Podemos também dizer que o resultado final desta investigação poderá contribuir numa reflexão sobre as práticas pedagógicas dos docentes no âmbito desta instituição. Quanto aos riscos, não foram evidenciados nenhum, até porque o que se propõem é uma atividade escolar com o intuito de contribuir com o aprendizado e o crescimento do indivíduo e que as atividades serão realizadas no próprio ambiente escolar e familiar, evitando assim qualquer exposição da integridade física e moral dos participantes.

Caso o senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos pode nos contactar: (pesquisador Responsável) Reginaldo Diógenes de França, endereço: av. 02 de abril n° 3113 Ed. Romulo Rios Apto 20 Bairro JD Presidencial Ji-Paraná-RO CEP 76901-011, Cel: (69) 9966-4356 (vivo) e (69) 93041277 (Claro); Orientadora Aparecida Augusta da Silva pelo e-mail: aaugusta@unir.br ou cel. (69)

99731707 (Claro); ou procurar a Universidade Federal de Rondônia – UNIR Núcleo de Ciências Humanas – NCH Departamento de Ciências da Educação – DED MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO ESCOLAR – MEPE Campus - BR 364, Km 9,5 - CEP: 76801-059 - Porto Velho – RO (Sala 104, Bloco 1D) E-mail: mepe@unir.br, na pessoa do coordenador do programa profº. Drº José Lucas Pedreira Bueno pelo e-mail: 7lucas@gmail.com ou os cels.: (69) 81221497(TIM) (69) 92454949(Claro) (69) 84246919(Oi) (69) 99598448(Vivo) (69) 41411497(fixo).


A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização. Poderá contar também com os pesquisadores para esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para solucionar ou contornar qualquer mal estar que possa surgir em decorrência da pesquisa.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e que, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição como nome, endereço e outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa, causar qualquer tipo de dano aos participantes, nós pesquisadores nos comprometemos em reparar este dano, e ou ainda prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento.


Autorização Institucional

Eu, Vonivaldo Gonçalves Leão, responsável pelo *Campus* de Ji-Paraná-RO do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição CO-PARTICIPANTE desta pesquisa poderemos revogar esta autorização, se comprovada atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Conforme RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012 (acessado no site: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> em 29/07/14 às 10:05 hs), a pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**.



Reginaldo Diógenes de França
Pesquisador



Vonivaldo Gonçalves Leão
Diretora-Geral-IFRO Câmpus Ji-Paraná
Portaria 103-DOU 04/08/2009

Apêndice B-Requerimento para solicitação de doc. Institucionais**REQUERIMENTO**

Ji-Paraná-RO, 11 de Março 2014.

Ao,

Diretor Geral do *Campus* de Ji-Paraná/IFRO
Vonivaldo Gonçalves Leão

Assunto: Solicitação de documentações e informações do *Campus* de Ji-Paraná/IFRO.

Caríssimo Diretor,

Com meus sinceros cumprimentos, tem este à finalidade de solicitar de Vossa Excelência os seguintes documentos e informações:

1-Histórico do Campus;

2-Characterização do campus (área construída e área total do campus, mapa de localização, croqui, quantidade de funcionários, quantidades de professores por área e demais profissionais, quantidade de salas de aulas, quantidade de laboratórios de informática, química e florestas, estrutura organizacional e administrativa, quantidade de cursos oferecidos por turno, números de alunos dos cursos técnicos em química, informática e florestas integrados ao ensino médio por turma e por ano);

3-PPC do curso técnico em informática integrado ao ensino médio;

4-Documento de criação do IFRO e do Campus Ji-Paraná-RO



Tais documentos e informações serão de extrema relevância para a elaboração de minha dissertação de mestrado.

Atenciosamente,


Reginaldo Diógenes de França.

Recebido
11/03/2014
Mestrado

Apêndice C-Requerimento para agendamento do Laboratório

 MINISTERIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA RONDÔNIA Campus Ji-Paraná
---	---

REQUERIMENTO

A Chefia imediata - Coordenação de Apoio ao Ensino (CAE)
Elise Marques Freire Cunha

Caríssima Coordenadora,


Venho por meio deste, requerer junto a esta coordenadoria o agendamento do laboratório 02 de Informática, para a realização das aulas de Geografia com a turma do 1º Ano "A" do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Tal agendamento se faz necessário para a Intervenção no processo de ensino-estudo-aprendizagem, na referida turma através do uso da produção de vídeo documentário como metodologia de ensino nas aulas de Geografia.

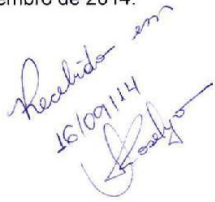
A mencionada intervenção faz parte da metodologia da pesquisa-ação em educação proposta no meu projeto de pesquisa intitulado: "A PRODUÇÃO DE VIDEO-DOCUMENTÁRIOS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-ESTUDO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO IFRO- CAMPUS DE JI-PARANÁ-RO", parte integrante do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Escolar-MEPE.

Assim segue em anexo o horário atual das aulas na referida turma, para que sejam agendados as datas a partir da semana do dia 22 de setembro até a semana do dia 27 de outubro de 2014. Desta forma peço também que não sejam alterados os horários da turma, caso isso aconteça deve ser providenciado as mudanças do agendamento do laboratório.

Sem mais para o momento aguardo e peço providências

Ji-Paraná-RO, 16 de Setembro de 2014.


Reginaldo Diógenes de França


Recbido em
16/09/14

Rua: Rio Amazonas, nº 151, CEP.: 76.900-730, Ji-Paraná-RO/ Fone/Fax (69) 21836907 – E-mail: campusjiparana@ifro.edu.br

Apêndice E – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado Profissional em Educação Escolar - MEPE



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

NOME DA PESQUISA: “A PRODUÇÃO DE VIDEO-DOCUMENTÁRIOS EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-ESTUDO-APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA NO IFRO- CAMPUS DE JI-PARANÁ-RO”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa acima descrita, a ser realizada no IFRO-Instituto Federal Campus Ji-Paraná-RO com a turma do 1º Ano do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. O objetivo da pesquisa é Investigar o uso da produção de vídeos documentários como proposta metodológica no ensino de Geografia para o 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO. Sua participação é muito importante e seria como aluno participante numa aula a partir da produção de vídeo documentário no processo ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia. Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a) recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos, ainda, que o (a) senhor (a) não pagará e nem será remunerado (a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Os benefícios diretos esperados se configuram em uma aula baseada numa relação de interatividade e participativa, trazendo uma maior dinâmica na construção dos conhecimentos necessários para a formação acadêmica; espera-se também que

esta atividade possa proporcionar a aproximação e o desenvolvimento das habilidades voltadas ao manuseio das novas tecnologias. Podemos também dizer que o resultado final desta investigação poderá contribuir numa reflexão sobre as práticas pedagógicas dos docentes no âmbito desta instituição. Quanto aos riscos, não foi evidenciado nenhum, até porque o que se propõem é uma intervenção, através da metodologia da pesquisa-ação, em processo ensino-estudo-aprendizagem, que se materializará em uma atividade escolar com o uso da produção de um vídeo-documentário, de maneira indireta (pesquisar imagens, sons, vídeos e textos já disponibilizados na internet) com o intuito de contribuir com o aprendizado e o crescimento do indivíduo e que as atividades serão realizadas no próprio ambiente escolar e familiar, evitando assim qualquer exposição da integridade física e moral dos participantes.

Caso o senhor tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos pode nos **contatar**: (pesquisador Responsável) Reginaldo Diógenes de França, endereço: av. 02 de abril nº 3113 Ed. Romulo Rios Apto 20 Bairro JD Presidencial Ji-Paraná-RO CEP 76901-011, Cel: (69) 9966-4356 (vivo) e (69) 93041277 (Claro); Orientadora Aparecida Augusta da Silva pelo e-mail: aagusta@unir.br ou cel. (69) 99731707 (Claro); ou procurar a Universidade Federal de Rondônia – UNIR Núcleo de Ciências Humanas – NCH Departamento de Ciências da Educação – DED MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO ESCOLAR – MEPE Campus - BR 364, Km 9,5 - CEP: 76801-059 - Porto Velho – RO (Sala 104, Bloco 1D) E-mail: mepe@unir.br., na pessoa do coordenador do programa profº. Drº José Lucas Pedreira Bueno pelo e-mail: 7lucas@gmail.com ou os cels.: (69) 81221497(TIM) (69) 92454949(Claro) (69) 84246919(Oi) (69) 99598448(Vivo) (69) 41411497(fixo).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Ji-Paraná-RO, ____ de ____ de 2014.

Reginaldo Diógenes de França
Pesquisador Responsável
RG 927209 SSPMT

(NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Apêndice F – Questionário da Investigação

Para cada item, assinale a opção que melhor reflete sua opinião e comente a respeito.

	Bloco (A)	Sim	Não	Nunca	As vezes	Tanto faz	Não sei
	Bloco (B)	Excelente	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	Não sei
1) Você sempre se sentiu um aluno motivado para estudar e para realizar as tarefas propostas pelos professores? Bloco (A)							
Justifique sua resposta mostrando porque você se sentia motivado (a) ou desmotivado (a):							
2) Como você classificaria a sua motivação ao estudar e realizar as tarefas propostas pelo professor de Geografia com o uso de metodologia de ensino que envolveu a produção de documentário? Bloco (B)							
Justifique sua resposta comentando quais os fatores atuaram para definir o seu nível de motivação.							
3) O fato de você ter que pesquisar e construir você mesmo suas próprias informações para seu trabalho fílmico te motivou? Bloco (A)							
Justifique sua resposta mostrando como isso aconteceu?							
4) Você acha que é importante o uso das TIC nas escolas e gostaria de continuar usando os recursos das TIC para estudar Geografia ou outra disciplina? Bloco (A)							
Justifique sua resposta, afirmando ou negando a importância do uso das TIC nas escolas e dizer os porque do não ou sim de continuar usando as TIC para estudar Geografia.							
5) Em relação a aprendizagem com o uso desta metodologia você acha que aprendeu com mais facilidade o conteúdo de Geografia? Bloco (A)							
Justifique sua resposta mostrando como o uso da metodologia facilitou ou não seu aprendizado							
6) Em relação a aprendizagem, você acha que com o uso desta metodologia você teve melhor aprendizado que com o uso de outra metodologia? Bloco (A)							
Justifique sua resposta mostrando como o seu aprendizado melhorou ou não.							

7) A palavra interdisciplinaridade significa a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. É quando duas ou mais disciplina, uma auxiliando a outra, buscam trazer resposta sobre um tema específico. Você acha que o uso desta metodologia de ensino proporcionou a interdisciplinaridade na disciplina de Geografia? Bloco (A)						
Justifique sua resposta narrando como essa interdisciplinaridade aconteceu ou não:						
8) Em sua opinião usar os conhecimentos de outras áreas, como a informática e a arte, aprendendo a editar e a produzir vídeo, a partir do uso desta metodologia, foram importantes para entender o conteúdo para além do proposto em Geografia? Bloco (A)						
Justifique sua resposta mostrando como o uso desta metodologia atuou na aprendizagem de conhecimentos, para além (ou não), da Geografia.						
9) Você acha que o professor de Geografia deve continuar utilizando a interdisciplinaridade em suas aulas? Bloco (A)						
Justifique sua resposta dizendo o porquê o professor deve ou não continuar usando a metodologia:						
10) Em relação a metodologia utilizada elenque os fatores:						
Positivos:						
Negativos:						

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRODUÇÃO DE VIDEO-DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-ESTUDO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO IFRO- CAMPUS DE JI-PARANÁ-RO

Pesquisador: Reginaldo Diógenes de França

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48697214.1.0000.5300

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.294.387

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa a ser desenvolvida pelo mestrando Reginaldo Diógenes de França do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIR, orientado pela Professora Dr^a Aparecida Augusta da Silva. O pesquisador propõe a realização de uma pesquisa-ação no IFRO - Campus Ji-Paraná-RO através de uma intervenção no processo ensino-aprendizagem no 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFRO- Campus de Ji-Paraná-RO durante a 2ª e 3ª etapa do ano letivo de 2014. O protocolo não está devidamente instruído por inadequação da documentação anexa que não atende os requisitos

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Investigar a produção de vídeos documentários como proposta metodológica no ensino de Geografia para o 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO. **Específicos:** 1-Conhecer o contexto de ensino-aprendizagem em Geografia frente aos recursos multimídias disponíveis para os alunos do 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO- Campus Ji-Paraná-RO; 2- Estudar a produção de documentários em sala de aula e suas dinâmicas como metodologia para o ensino de Geografia; 1-Conhecer o contexto de ensino-aprendizagem em Geografia frente aos recursos multimídias disponíveis para os alunos do

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.

Bairro: Centro

CEP: 78.000-000

UF: RO

Município: PORTO VELHO

Telefone: (69)1182-2111

E-mail: cep.unir@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 1.294.387

1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO-Campus Ji-Paraná-RO; 2- Estudar a produção de documentários em sala de aula e suas dinâmicas como metodologia para o ensino de Geografia; 3- Desenvolver um plano de ação para a produção de vídeos documentários como metodologia de ensino aprendizagem em Geografia para os alunos do 1º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no IFRO - Campus Ji-Paraná-RO.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: eventual desconforto dos participantes da pesquisa, podendo os mesmos se abster da atividade.

Benefícios: compreender o processo de utilização de novas tecnologias no processo de aprendizagem na área de Geografia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se desenvolverá através de intervenção num processo de ensino-estudo-aprendizagem no 1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado do IFRO - Campus de Ji-Paraná, em que se exigirá aos alunos a produção de vídeo-documentário, verificando-se o nível de envolvimento e aprendizagem na utilização de novas ferramentas educacionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador atentou as questões pontuadas em diligência, juntando TCLE, Termo de Autorização do IFRO e Folha de Rosto devidamente assinados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto se encontra conforme a Resolução nº 466/CNS, suprimindo o objeto da diligência.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_329271.pdf	04/09/2014 17:12:59		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_729729.pdf	04/09/2014 17:11:01		Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto.pdf	04/09/2014 17:09:45		Aceito
Outros	ROTEIRO SIMPLIFICADO PARA A PRODUÇÃO DO VÍDEO.docx	04/09/2014 17:00:18		Aceito
Outros	Planejamento e Cronograma da Intervenção.docx	04/09/2014 16:57:04		Aceito

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.

Bairro: Centro

CEP: 78.000-000

UF: RO

Município: PORTO VELHO

Telefone: (69)1182-2111

E-mail: cep.unir@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 1.294.387

Outros	Instrumento de coleta de dados bom.docx	04/09/2014 16:50:33		Aceito
Outros	Termo de autorização institucional.pdf	04/09/2014 16:49:20		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa.docx	04/09/2014 16:44:46		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo de Consentimento Livre Esclarecido do Projeto.doc	04/09/2014 16:43:45		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO VELHO, 23 de Outubro de 2015

Assinado por:
Edson dos Santos Farias
(Coordenador)

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.
Bairro: Centro CEP: 78.000-000
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (69)1182-2111 E-mail: cep.unir@yahoo.com.br